



**Ayrthon Moreira Breder**

**Hipótese da Hibridação de Categorias**  
**Uma reanálise das gerundivas do inglês como**  
**nominalizações no nível de CP**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, do Departamento de Letras da PUC-Rio.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Cilene Aparecida Nunes Rodrigues

Rio de Janeiro,  
agosto de 2022



**Ayrthon Moreira Breder**

**Hipótese da Hibridação de Categorias**  
**Uma reanálise das gerundivas do inglês como**  
**nominalizações no nível de CP**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, do Departamento de Letras da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

**Prof.<sup>a</sup> Cilene Aparecida Nunes Rodrigues**

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Prof. Jairo Morais Nunes**

Faculdade de Letras – USP

**Prof. Fábio Bonfim Duarte**

Faculdade de Letras – UFMG

**Prof. Andrew Nevins**

Faculdade de Letras – UFRJ

Rio de Janeiro, 12 de agosto de 2022

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização do autor, da orientadora e da universidade.

### **Ayrthon Moreira Breder**

Graduou-se em Letras Português-Inglês pela PUC-Rio. Entrou para o Mestrado com bolsa do CNPq e, no ano seguinte, foi contemplado com bolsa FAPERJ Nota 10. Durante a graduação, atuou como aluno de iniciação científica em Psicolinguística e, no mestrado, como secretário do Instituto de Neurociências e Cognição da PUC-Rio (INCog). Tem como área de interesse central a Teoria da Gramática e seus desdobramentos no Programa Minimalista.

#### Ficha Catalográfica

Breder, Ayrthon Moreira

Hipótese da hibridação de categorias: uma reanálise das gerundivas do inglês como nominalizações no nível de CP / Ayrthon Moreira Breder; orientadora: Cilene Aparecida Nunes Rodrigues. – 2022.

115 f.: il.; 30cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2022.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Nominalização sentencial. 3. Categorização. 4. Hipótese da hibridação de categorias. 5. Estruturas mistas. 6. Gerundivas do inglês. I. Rodrigues, Cilene Aparecida Nunes. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Aos meus pais, Getulio e Jacqueline, pelo imensurável apoio.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço à Professora Cilene Aparecida Nunes Rodrigues, quem me apresentou a teoria formal da linguagem durante a graduação, e se provou altamente profissional e excelente orientadora no mestrado.

Agradeço também à banca, composta pelos Professores Jairo Morais Nunes (USP), Fábio Bonfim Duarte (UFMG) e Andrew Nevins (UFRJ), que contribuíram pronta e generosamente com seu tempo e valiosas intervenções e sugestões para a versão final deste trabalho.

Reconheço que este trabalho não seria possível sem o apoio e a compreensão do corpo docente e dos funcionários que dirigem, com exemplar comprometimento e dedicação, o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio.

## Resumo

Breder, Ayrthon; Rodrigues, Cilene Aparecida Nunes (Orientadora). **Hipótese da Hibridação de Categorias:** uma reanálise das gerundivas do inglês como nominalizações no nível de CP. Rio de Janeiro, 2022, 115p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Propostas mais antigas para nominalizações sentencias se concentram nas gerundivas do inglês, analisando-as como nominalizações a partir de sentenças (Lees, 1960; Chomsky, 1970), enquanto investigações mais recentes variam em analisá-las como estruturas sentencias podadas (Frank & Kroch, 1994) ou nominalizações a partir de diferentes domínios (Abney, 1987; Alexiadou, 2001; Panagiotidis & Grohmann, 2005; Kornfilt & Whitman, 2011). Em comum, essas propostas observam a subordinação (sentencial) como gatilho para o processo de inserção de um elemento nominalizador na estrutura sintática. Enfrentam, contudo, dificuldades no tratamento da complexidade interna das estruturas resultantes, apresentando problemas de violação de c-seleção e de definição *ad-hoc* da defectividade dos traços das categorias envolvidas. O presente trabalho lança a hipótese de que as nominalizações sentenciais emergem da hibridação das categorias funcionais C & D, contestando a ideia clássica de que tais categorias constituem (tão somente) conjuntos estanques de traços. A hipótese abre caminho para uma análise das gerundivas do inglês como estruturas dominadas por uma categoria funcional híbrida, nesse caso  $C \cap D$  (complementizador interseção com determinante). A análise proposta pode se aplicar translinguisticamente, podendo ainda abarcar diferentes tipos de nominalização dentro de uma mesma língua.

## Palavras-chave

Nominalização sentencial; Categorização; Hipótese da Hibridação de Categorias; Estruturas mistas; Gerundivas do inglês.

## Abstract

Breder, Ayrthon; Rodrigues, Cilene Aparecida Nunes (Advisor). **Categories Hybridization Hypothesis**: a reanalysis of English gerunds as CP nominalizations. Rio de Janeiro, 2022, 115p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Early studies on nominalization focus on English gerunds as sentential nominalizations (Lees, 1960; Chomsky, 1970), while recent investigations vary in analysing them as pruned clauses (Frank & Kroch, 1994) or nominalizations of different syntactic domains (Abney, 1987; Alexiadou, 2001; Panagiotidis & Grohmann, 2005; Kornfilt & Whitman, 2011). In common, these proposals understand (clausal) subordination as a trigger for insertion of a nominalizer element into the syntactic structure. They face however, difficulties in dealing with the internal complexity of the resulting structures, while challenging principles of c-selection and appealing to *ad-hoc* definitions for the defectiveness of the involved categories. The present study raises the hypothesis that sentential nominalizations result from hybridization of the functional categories C and D, rejecting, thus, the classical idea that these functional elements are formed only by rigid, solid sets of formal features. This hypothesis paves the way for an analysis of English gerundives as structures headed by a hybrid functional category, in this case,  $C \cap D$  (complementizer intersection determinant). This analysis might apply crosslinguistically while explaining different types of intra-language nominalizations.

## Keywords

Sentential nominalization; Categorization; Categories Hybridization Hypothesis; Mixed structures; English gerunds.

# Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
1.1 TERMINOLOGIA	13
1.2 NOMINALIZAÇÃO SENTENCIAL	14
1.3 SUBORDINAÇÃO SENTENCIAL	16
1.4 RECORTE TEÓRICO E HIPÓTESE DE TRABALHO	21
1.5 METODOLOGIA	21
1.6 OBJETIVOS	22
1.7 JUSTIFICATIVA	22
1.7.1 Relevância objetiva	22
1.7.2 Relevância subjetiva	23
1.8 ESTRUTURA DO TEXTO	23
<b>2 NLZ: PROPRIEDADES GERAIS</b>	<b>24</b>
2.1 PRODUTIVIDADE DAS NLZ NAS LÍNGUAS NATURAIS	24
2.1.1 Nominalização a partir de nomes	24
2.1.2 Nominalização a partir de adjetivos	25
2.1.3 Nominalização a partir de advérbios	26
2.1.4 Nominalização a partir de verbos	26
2.1.5 Nominalização a partir de sentenças	28
2.2 PRODUTIVIDADE DAS NLZ NO INGLÊS	31
2.3 GERUNDIVAS DO INGLÊS: CONTEXTO ESTRUTURAL COMPARATIVO	34
2.4 GERUNDIVAS DO INGLÊS: ESTRUTURA INTERNA	36
2.4.1 Determinantes e complementizadores	36
2.4.2 Modificadores adverbiais e adnominais	37
2.4.3 Concordância	41
2.4.4 Caso e papel temático	42
2.4.5 Tempo, aspecto e modo	45
2.5 GERUNDIVAS DO INGLÊS: EFEITOS SEMÂNTICOS	49
2.6 CONCLUSÃO	51
<b>3 NLZ GERUNDIVA: PROPOSTAS DE ANÁLISE</b>	<b>54</b>
3.1 PRIMÓRDIOS DO ESTUDO DA NOMINALIZAÇÃO	54
3.2 PRINCIPAIS ANÁLISES FORMAIS	58

3.2.1 Abney (1987): gerundivas poss-ing, acc-ing e ing-of .....	58
3.2.2 Frank & Kroch (1994): gerundivas como IP .....	65
3.2.3 Alexiadou (2001): gerundivas como AspectP dominado por DP .....	69
3.2.4 Panagiotidis & Grohmann (2005): gerundivas como vP dominado por SwitchP .....	73
3.2.5 Kornfilt & Whitman (2011): gerundivas como TP dominado por DP ..	75
3.3 CONCLUSÃO .....	79
<b>4 GERUNDIVA POSS-ING: HIBRIDAÇÃO DE TRAÇOS FORMAIS DE C &amp; D ....</b>	<b>83</b>
4.1 GERUNDIVAS COMO NLZ-S: PROBLEMAS DE DEFINIÇÃO .....	83
4.2 DO PARENTESCO ENTRE C & D .....	87
4.3 HIPÓTESE DA HIBRIDAÇÃO DE CATEGORIAS .....	89
4.3.1 Gerundivas poss-ing .....	92
4.3.2 Gerundivas acc-ing .....	95
4.3.3 Gerundivas PRO-ing .....	99
4.3.4 Derivadas e gerundivas ing-of .....	102
4.4 CONCLUSÃO .....	102
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>104</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>108</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>114</b>

## Figuras e tabelas

Figura 1: Contorno entonacional de sentença subordinada no mohawk .....17

Figura 2: Híbridação das categorias funcionais C & D .....91

Tabela 1: Tipos de estratégias morfossintáticas na formação das NLZ-S .....31

Tabela 2: Banco de línguas (anexo) .....114

## Abreviações

1	Primeira pessoa (eu/ nós)
2	Segunda pessoa (você/ vocês)
3	Terceira pessoa (ele/ ela/ eles/ elas)
ABS	Caso absoluto
ACC	Caso acusativo
APPL	Aplicativo
C	Complementizador
CP	Sintagma determinante
D	Determinante
DP	Sintagma determinante
DAT	Caso dativo
ERG	Caso ergativo
Event	Leitura eventiva
F	Feminino
FAC	Aspecto factivo
FUT	Tempo futuro
GEN	Caso genitivo
ING	Sintagma gerundivo
INTER	Interrogação
K	Sufixo de Caso
LOC	Local(izador)
M	Masculino
N	Nominal
NEG	Negação
NLZ	Nominalização/ nominalizador
NLZ-S	Nominalização sentencial
NLZ-L	Nominalização lexical
NOM	Caso nominativo
OBJ	Objeto
PAS	Tempo passado
PL	Plural
PROSP	Leitura prospectiva

QU	Sintagma <i>-qu</i>
Quant	Leitura quantificada
R	Relativizador
Raiz.N	Versão nominal do verbo
Raiz.V	Versão verbal do verbo
Ref	Leitura referencial
Result	Leitura resultativa
RETRO	Leitura retrospectiva
SG	Singular
SUJ	Sujeito
T	Tempo
TOP	Tópico
V	Verbal

# 1 Introdução

## 1.1 Terminologia

A literatura considerada neste trabalho não compartilha uma terminologia unificada para a caracterização das nominalizações, intra e translinguisticamente. Isolamos, portanto, essa variável no decorrer de todo o texto referindo-nos às nominalizações em geral por “NLZ”, às nominalizações formadas no nível lexical por “NLZ-L” e às nominalizações formadas no domínio sentencial por “NLZ-S”.

Alinhados à distinção primeiramente proposta em Chomsky (1970), assumimos que a formação das NLZ-L toma como alvo uma raiz lexical e a das NLZ-S, uma das categorias funcionais da espinha estrutural da sentença (i.e., vP, TP, CP)<sup>1</sup>. Trata-se de um posicionamento que, além de colocar em perspectiva as gerundivas do inglês, ressalta o particular caráter funcional do processo subjacente à formação das NLZ-S. Desde já, destacamos que, na esteira de Lees (1960), alguns autores se referem exclusivamente às nominalizações de CP (S na terminologia de Lees) por “NLZ-S”. A flutuação na terminologia ficará mais clara no decorrer do Capítulo 3, onde apresentamos as principais propostas de análise disponíveis na literatura.

Em consonância com o formalismo atual, por “gerundivos do inglês”, referimo-nos de forma genérica aos sintagmas do inglês afixados pelo morfema preso *-ing* (e por “gerundivos do turco”, aos sintagmas do turco tomados como equivalentes segundo Abney (1987), Borsley & Kornfilt (2000) e Kornfilt & Whitman (2011)). Da literatura acessada, ainda consideramos a classificação das “NLZ gerundivas” do inglês entre “*poss-ing*”, “*acc-ing*”, “*ing-of*” ou “*PRO-ing*” (segundo Abney (1987), Suzuki (1988) e Pires (2006)). As “NLZ não-gerundivas” são frequentemente identificadas como “NLZ-L” ao longo do texto, mas também como “(nominais) derivados” (desde que não correspondam a nominalizações no nível da estrutura funcional, isto é, NLZ-S).

---

<sup>1</sup> Tomamos como ponto de partida a classificação de Chomsky (1970), pois, como pretendemos demonstrar, embora menos praticada no formalismo recente (pelo menos da forma como postulada), ainda contribui para o estudo da nominalização sentencial, e em especial para esta investigação.

Nos exemplos, glosamos os morfemas nominalizadores com a sigla NLZ. Verbos nominalizados sem a participação de um morfema nominalizador preso ou livre foram indicados pela glosa raiz.N (versão nominal do verbo) e verbos não-nominalizados, pela glosa raiz.V (versão verbal do verbo). Demarcamos com *[colchetes]* as fronteiras do processo subjacente à nominalização de sentenças subordinadas, destacando assim o sintagma relevante para a análise e o contexto sintático focalizado.

## 1.2 Nominalização sentencial

Partindo do pressuposto de que “nominalizar” é “transformar algo em nome”, entende-se por “nominalização sentencial” o mecanismo que transforma sentenças (canônicas) em expressões nominais (Comrie & Thompson, 1985, p. 1). Exemplificamos abaixo sua parametrização sintática, morfológica e semântica com a sequência de sentenças canônica e nominalizada do mojavé (língua yuman, EUA) (Comrie & Thompson, 1985, p. 67)<sup>2</sup>.

Mojave

- |     |    |   |              |
|-----|----|---|--------------|
| (1) | a. | ʔinyeč ʔakor ʔ-isva:r-k                         | Canônica     |
|     |    | 1NOM então 1-cantar.V-T                         |              |
|     |    | ‘eu cantava’                                    |              |
|     | b. | [ʔinyep ʔakor ʔ-su:va:r]-č ʔatay-pč             | Nominalizada |
|     |    | [1SG.ACC então 1-cantar.N]-NOM ser.muito.V-T    |              |
|     |    | ‘eu cantava era frequente’ (‘eu cantava muito’) |              |

A sentença nominalizada *ʔinyep ʔakor ʔsu:va:rč* ‘eu cantava’ (1b) equivale semanticamente à canônica *ʔinyeč ʔakor ʔisva:rk* (de mesmo valor de verdade) (1a). Externamente, a NLZ-S exibe propriedades típicas da expressão nominal ao subordinar-se ao predicado da matriz *ʔataypč* ‘(era) muito’, funcionar como sujeito e receber Caso nominativo. Internamente, contudo, a mesma NLZ-S

<sup>2</sup> Os exemplos desta dissertação estão padronizados de acordo com as normas de formatação da *Linguistic Inquiry*: [https://direct.mit.edu/DocumentLibrary/SubGuides/LI\\_Style\\_Sheet\\_1.7.22.pdf](https://direct.mit.edu/DocumentLibrary/SubGuides/LI_Style_Sheet_1.7.22.pdf).

mantém propriedades estruturais típicas de sintagma sentencial, incluindo a preservação da estrutura argumental e a atribuição de Caso acusativo. Nessa língua em particular, a raiz verbal da subordinada ainda apresenta uma versão nominal (*su.va:r* ‘cantar’), morfologicamente distinta de sua manifestação em matrizes (*isva:r* ‘cantar’).

Diferentes áreas dos Estudos da Linguagem se dedicam ao tema em questão. Especialistas em Comunicação Escrita, por exemplo, divergem em (des)aconselhar o uso das NLZ no texto, especialmente das NLZ-S. Para citar, em coluna para o New York Times, Sword (2022) se refere às NLZ em geral como *zombie nouns*. Em tom de crítica, acusa a “estratégia” (isto é, o processo de nominalização em si) de “canibalizar verbos ativos e sugar a força vital de adjetivos”<sup>3</sup> substituindo-os por entidades mais pomposas, porém consideravelmente menos claras e vigorosas.

Da interface Linguística-Psicologia-Estilística, Pinker (2020) compactua com Sword se referindo à nominalização como “uma perigosa ferramenta gramatical”<sup>4</sup>, responsável por produzir estruturas que “‘vagam’ pelo texto sem nenhum agente conscientemente dirigindo sua ação”<sup>5</sup>. Por outro lado, o autor também admite que o fato de acadêmicos, advogados e personalidades políticas fazerem usos abusivos das NLZ não anula sua importância como estratégia prosódica na ordenação de constituintes linguísticos e codificação das interações discursivas.

Na Linguística Formal, diferentes abordagens entendem a passagem de não-nominal para nominal como resultado da (re)categorização por categoria funcional nominalizante (N/D). Desde Lees (1960) e Chomsky (1970), a literatura consente que a nominalização de sentenças responde pela formação das expressões nominais estruturalmente mais complexas da Gramática, mistas entre propriedades nominais e sentenciais. Também observa estreita relação entre os fenômenos de subordinação e nominalização de sentenças, sendo o primeiro geralmente tomado como gatilho para o segundo, embora ambos resistam a uma parametrização morfossintática homogênea, como veremos no que segue.

<sup>3</sup> “I call them “zombie nouns” because they cannibalize active verbs, suck the lifeblood from adjectives [...]”

<sup>4</sup> “[...] using a dangerous tool of English grammar, called nominalization [...]”

<sup>5</sup> “[...] because they kind of ‘lumber’ across the page with no conscious agent actually directing the action.”



ausentes”<sup>6</sup> (Mithun, 2010, p. 24). Ao passo que significativas alterações no contorno entonacional das sentenças subordinadas parecem apontar para a única manifestação morfofonologicamente visível de subordinação sentencial na língua, ilustrada no dado (4) e na Figura 1 abaixo (Mithun, 2010, p. 25-26).

### Mohawk

- (4) wa-ho-hrori-’ [a-onsa-há-ahtenti-’]  
 FACT-M.SG/M.SG-dizer-PRF [OPT-REP-M.SG.AGT-ir.embora-PRF]  
 ‘ele disse que deveria ir embora’

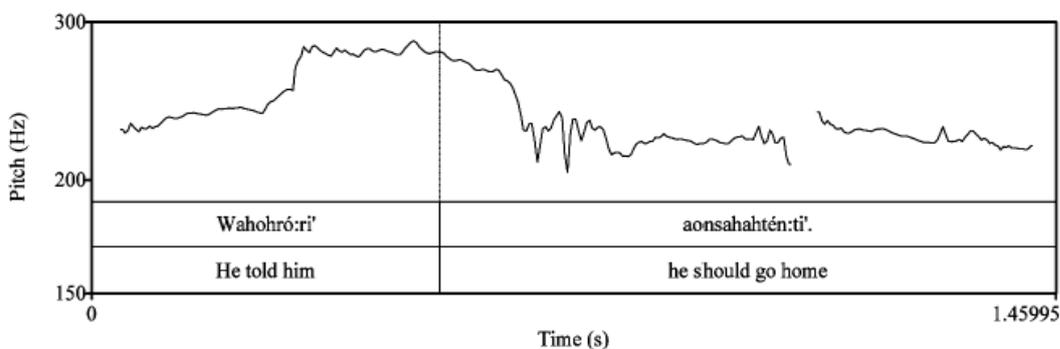


Figura 1: Contorno entonacional de sentença subordinada no mohawk

Já no khalkha (língua mongol, Mongólia), o morfema livre *gej* acompanha formas verbais não-finitas sinalizando contextos de subordinação de sentenças nos quais a subordinada funciona como complemento matricial (Mithun, 2010, p. 21).

### Khalkha

- (5) manai xuuxid ur 't n'nad-aas  
 nosso filho antes FOC mim-ABL  
 [dandaa qar utas av-č og-oooč *gej*]  
 [sempre móvel telefone comprar-INF dar-POL *COMPLEMENTO*]  
 qui-dag bai-saŋ čin'  
 pedir-HAB ser-PAS CONNECTOR  
 ‘nosso filho sempre pedia para comprar um celular’

<sup>6</sup> “The usual formal features that identify embedded clauses in other languages, such as complementizers, omission of coreferential arguments, and non-finite verb forms, do not normally appear in their Mohawk counterparts.”

No yupik (língua eskimo-aleut, Alasca), o mesmo contexto sintático é indicado na afixação pelo morfema *-lu* ao verbo da subordinada em (6) (Mithun, 2010, p. 18). O afixo *-lu* também é um “morfema nominalizador”<sup>7</sup> historicamente produtivo na formação das NLZ-L de todas as variantes do yupik.

#### Yupik

(6) qaner-ute-lar-gar-nka

contar-BENEFACTIVE-HABITUAL-TRANSITIVE.INDICATIVE-1SG/3PL

[assir-*lu*-then=gguq]

[ser.bom-NLZ-2SG<sup>1/4</sup>=QUOTATIVE]

‘eu contaria a eles que você está bem’

Segundo Carvalho (2020, 29:58/38:45), o tupi-antigo (língua tupi, América do Sul), a exemplo de outras línguas nativas sul-americanas, pode incorporar ou nominalizar estruturas verbais subordinadas. Nessa língua, as subordinadas mais simples são incorporadas (sem inserção de morfologia) e as mais complexas são nominalizadas via afixação pelo morfema nominalizador *-a*.

#### Tupi-Antigo

(7) a. a[-*ker*]-potar

1SG[-*dormir*]-querer

‘eu quero dormir’

b. a-i-potar [nde r-*epiak*]-a

1SG.SUJ-2SG.OBJ-querer [2SG R-*ver*]-NLZ

‘eu quero ver você’

Na análise do autor, o sintagma formado pelo verbo *ker* ‘dormir’ em (7a), corresponde a uma subordinada simples, que, por não envolver argumentos (interno/ externo), é incorporada pela matriz *apotar* ‘eu quero’. A nominalização do verbo *ker* implicaria na presença do morfema nominalizador *-a* (*kera* ‘sono’),

<sup>7</sup> Optamos por glosar o afixo *-lu* (nos termos da autora, “subordinativo”) como “nominalizador” (NLZ) para (i) manter a coerência textual e (ii) destacar o caráter nominal das estruturas resultantes.

observado apenas na subordinada em (7b), considerada mais complexa, por envolver pelo menos um argumento (externo).

Línguas de diferentes famílias recorrem à nominalização da sentença subordinada via afixação por morfema nominalizador. As NLZ-S do turco (língua turcomana, Turquia) e do quéchua-imbabura (língua inca, Equador) apresentam morfemas nominalizadores com diferentes impactos morfossintáticos e semânticos. No turco, o sufixo *-acag* participa da formação de NLZ-S com leitura de futuro factivo [+FUT +realis] (Borsley & Kornfilt, 2000, p. 108) e, no quéchua-imbabura, o sufixo *-shka* responde pela nominalização de NLZ-S com leitura de passado (Cole, 1982, p. 33).

#### Turco

- (8) ben [siz-in tatil-e gik-*acag*-iniz]-I duy-du-m  
 1SG [2SG-GEN férias-DAT sair-NLZ.FUT.FAC-2PL]-ACC ouvir-PAS-1SG  
 ‘eu ouvi que você sairá de férias’

#### Quéchua-Imbabura

- (9) fiuka-ka [Juan kay-pi ka-*shka*]-ta ya-ni  
 1SG-TOP [juan esse-LOC estar-NLZ.PAS]-ACC achar-1SG  
 ‘eu acho que o Juan esteve aqui’

A nominalização ainda pode implicar na alteração radical do verbo da sentença subordinada, conforme dado (1b) do mojavé, nosso primeiro exemplo de NLZ-S, repetido por conveniência em (10) (Comrie & Thompson, 1985, p. 67). Semelhantemente, no mebengokre (língua jê, Brasil), o verbo da subordinada se apresenta em uma versão nominal, que, nessa língua em particular, não se distingue morfossintaticamente das formas verbais não-finitas, conforme (11) (Salanova, 2007, p. 1).

#### Mojave

- (10) [ʔinyep ʔakor ʔ-su.va:r]-č ʔatay-pč  
 [1SG.ACC então 1-cantar.N]-NOM ser.muito.V-T  
 ‘eu cantava muito’

## Mebengokre

- (11) ba [kute tɛp kren] pumu  
 1NON [3ERG peixe comer.N] ver.V  
 ‘eu o vi comer/comendo peixe’

A nominalização sentencial também pode desencadear a concomitante participação de categorias tradicionalmente associadas às expressões nominal e sentencial. Trata-se de um caso raro se comparado aos demais, mas produtivo nas línguas que o contém. Dados interessantes vêm de línguas como grego (língua ática, Grécia) e polonês (língua eslava, Polônia), cuja morfologia marca aberta e obrigatoriamente a manifestação de (pelo menos alguns) determinantes e complementizadores internamente às NLZ-S (Kornfilt & Whitman, 2011, p. 1299).

## Grego

- (12) dhen amfisvito [to oti efighe]  
 NEG contestar.1SG [D C sair.N.PAS.3SG]  
 ‘não contesto que ele tenha saído’

## Polonês

- (13) Jan oznajmil [to ze Maria zmienia prace]  
 Jan anunciar.PAS [D C maria trocar emprego]  
 ‘Jan anunciou que Maria está trocando de emprego’

Nesta investigação, dedicamo-nos particularmente às gerundivas do inglês, exemplificada no dado (3b), repetido em (14) a seguir. De acordo com a análise tradicional de Lees (1960), essas construções são derivadas por um processo de nominalização que toma como alvo o topo da estrutura sentencial. Ao mesmo fenômeno atribui-se a afixação pelo morfema nominalizador *-ing*, no caso do inglês (14), semelhantemente ao *-lu* no yupik (6), *-a* no tupi-antigo (7), *-acag* no turco (8) e *-shka* no quéchua-imbabura (9).

## Inglês

- (14) would [*John's building a spaceship*] bother you?

De saída, destacamos que, desde a Análise do DP (Abney, 1987), essas construções vêm sendo sucessivamente reanalisadas nominalizações de domínios hierarquicamente inferiores a CP/S, como VP (Abney, 1987), AspectP (Alexiadou, 2001) e TP (Kornfilt & Whitman, 2011), ou ainda como IPs nus, isto é, sentenças podadas não-nominalizadas (Frank & Kroch, 1994). Em comum, essas análises concordam que as gerundivas são: (i) mistas entre propriedades sentenciais e nominais; (ii) singularmente produtivas, a despeito de sua complexidade estrutural externa e interna (nos termos de Chomsky (1970), todos os verbos da língua apresentam versões gerundivas, mas nem todos, versões derivadas); e (iii) dominadas por DP (exceto na análise de Frank & Kroch (1994)).

#### 1.4

#### **Recorte teórico e hipótese de trabalho**

O presente trabalho propõe uma releitura das gerundivas do inglês, conduzida à luz dos pressupostos gerativistas minimalistas (cf. Chomsky, 1995), baseada nos dados de nominalização estruturalmente mais complexos disponíveis na literatura e nas diferentes análises formais que contribuíram para o avanço do estudo da nominalização desde seus primórdios. Observamos que as principais análises formais discordam entre si principalmente no que toca à categorização das gerundivas *poss-ing*, tipo mais discutido na literatura. Defendemos que um exame honesto da bibliografia acessada deixa em aberto questões que desafiam a estanqueidade da composição tradicionalmente estabelecida para as categorias, em especial para as categorias funcionais envolvidas na nominalização de sentenças. Este é nosso ponto de partida para a hipótese de que, submetidos a contextos sintáticos de subordinação (sentencial), pelo menos alguns feixes de traços formais podem ser manipulados para formar “categorias funcionais híbridas”.

#### 1.5

#### **Metodologia**

Adotamos como metodologia a meta-análise de dados de nominalização já disponíveis na literatura gerativa, funcionalista e tipológica, com foco nas NLZ mais complexas, em particular nas NLZ-S. No total, dados de 29 línguas de 24

famílias foram contemplados nos exemplos (cf. Anexo – Banco de línguas). Quando necessário, houve consulta a falantes nativos, particularmente do inglês, para averiguação de hipóteses. Voltamo-nos para as gerundivas do inglês, com foco nas *poss-ing*, localizando-as no amplo estudo da nominalização (sentencial), e comparando-as intra e translinguisticamente com expressões nominais (inclusive gerundivas) de diferentes níveis de complexidade sintática. Apresentamos cronologicamente as principais propostas formais para a análise dessas estruturas, a partir das quais ensaiamos uma proposta particular, aplicável também a outros tipos de nominalização, e em línguas de diferentes famílias.

## **1.6 Objetivos**

Objetivamos apresentar uma revisão crítica da literatura sobre o fenômeno da nominalização sentencial, enquanto observamos a diversidade morfossintática e semântica dos dados disponíveis na literatura e reconsideramos a possibilidade de as gerundivas do inglês serem interpretadas como sentenças nominalizadas.

Especificamente quanto às gerundivas do inglês, propomo-nos a (i) descrever sua distribuição sintática e estruturação interna, tomando como ponto de partida a distinção entre NLZ-L e NLZ-S (Chomsky, 1970) e a subdivisão entre gerundivas *poss-ing*, *acc-ing* e *ing-of* (Abney, 1987); além de (ii) comparar seu comportamento sintático com o das NLZ mais complexas da Gramática, em especial com o das NLZ-S de línguas de diferentes famílias; e (iii) implementar à sua análise a Hipótese de Hibridação de Categorias (Rodrigues & Breder, 2022), que tem como principal ganho teórico uma revisão da ambiguidade categorial e os limites da Gramática na formação e manipulação dos feixes de traços.

## **1.7 Justificativa**

### **1.7.1 Relevância objetiva**

O trabalho se justifica por sua relevância científica à medida que (i) alimenta o debate sobre o fenômeno da nominalização (sentencial), reunindo e

sistematizando de forma crítica os dados e as propostas de análise mais relevantes; (ii) implementa uma proposta de análise ainda pouco explorada na literatura; e (iii) busca, de modo mais amplo, por uma compreensão acurada das possibilidades combinatoriais da Gramática Humana.

Em voga na literatura atual e estreitamente relacionado a outros debates, sobre a natureza, a formação, a constituição interna e a classificação das estruturas mistas, o estudo da nominalização no domínio sentencial parece lidar com questões fundamentais a uma melhor compreensão da sintaxe, e das relações deste componente com as interfaces do sistema linguístico e, quiçá, da cognição.

### **1.7.2 Relevância subjetiva**

Se fosse eu um poeta e, minha dissertação uma poesia, confirmaria que “o poeta é um fingidor, e finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente” (*Autopsicografia* Pessoa, 1932). Afinal, com este trabalho, apresento e discuto dados e análises que, embora frios na superfície do texto, aquecem um interesse particular e latente pela linguagem como fenômeno intrinsecamente humano, diverso, porém universal em essência.

### **1.8 Estrutura do texto**

O presente capítulo (Capítulo 1) introduz o fenômeno da nominalização sentencial e sua relação com os contextos de subordinação de sentenças intra e translinguisticamente. O Capítulo 2 localiza as NLZ-S e as gerundivas do inglês no amplo estudo da nominalização, através de um panorama geral da diversidade do fenômeno e das propriedades morfossintáticas e semânticas a ele associadas. O Capítulo 3 se volta para as principais propostas formais para a análise das NLZ-S e gerundivas do inglês, com especial atenção às divergências que se colocam entre as análises das *poss-ing*, e às questões que aproximam/distanciam esse tipo gerundivo em particular do *status* de NLZ-S. O Capítulo 4 reconsidera a análise das *poss-ing* como NLZ-S, dando lugar à Hipótese da Híbridação de Categorias.

## 2

### NLZ: propriedades gerais

Neste capítulo, situamos a investigação no amplo estudo da nominalização. Apresentamos um panorama sobre a caracterização e diversidade do fenômeno, intra e translinguisticamente; exploramos os limites da distinção entre NLZ-L e NLZ-S, com exemplos de línguas de diferentes famílias; e, identificamos as propriedades morfosintáticas e semânticas das NLZ gerundivas do inglês, com foco no comportamento sintático externo e interno dos tipos mais complexos, comparativamente. Parte da literatura e dos dados acessados neste capítulo são contemplados com mais detalhes apenas no Capítulo 3, seções 3.1 e 3.2, durante a revisão das principais análises formais disponíveis na literatura.

#### 2.1

##### Produtividade das NLZ nas línguas naturais

Sintagmas de pelo menos cinco tipos podem ser nominalizados: nomes, adjetivos, advérbios, verbos e sentenças. Os dados a seguir ilustram a diversidade na produtividade e nas estratégias morfosintáticas empregadas no processo.

##### 2.1.1

###### Nominalização a partir de nomes

As NLZ-L formadas a partir de nomes são provavelmente as mais produtivas e menos complexas, justamente por envolverem apenas elementos de uma mesma categoria (raiz e afixo nominais) (Grimshaw, 1990). Em línguas como o inglês e o si-luyana (língua bantu, Zâmbia), nomes abstratos do tipo semântico “qualidade de ser N” são formados a partir de nomes concretos via sufixação por *-hood* ou prefixação por *u-*, conforme exemplos (15) e (16) a seguir, respectivamente (Comrie & Thompson, 1985, p. 72).

Inglês

- |               |                  |
|---------------|------------------|
| (15) a. child | <i>childhood</i> |
| b. man        | <i>manhood</i>   |

## Si-luyana

(16) a. ana	<i>u-ana</i>
infante.N	<i>NLZ-infante</i>
‘infante/ criança’	‘infância’
b. lume	<i>u-lume</i>
macho.N	<i>NLZ-macho</i>
‘macho/ masculino’	‘masculinidade’

No sundanese (língua malaia, Indonésia), nomes abstratos do tipo semântico “imitação ou miniatura de N” são formados a partir de nomes concretos via sufixação por *-an* e duplicação da primeira sílaba (Comrie & Thompson, 1985, p. 73-74).

## Sundanese

(17) a. mobil	<i>momobil-an</i>
carro.N	<i>carro-NLZ</i>
‘carro’	‘carro de brinquedo/ em miniatura’
b. panon	<i>papanon-an</i>
olho.N	<i>olho-NLZ</i>
‘olho’	‘olho de vidro’

### 2.1.2 Nominalização a partir de adjetivos

As NLZ-L formadas a partir de adjetivos e advérbios aparecem apenas excepcionalmente nos estudos gerativistas acessados durante esta investigação. Tratam-se de estruturas mais comuns em línguas indígenas, mais frequentemente consideradas por tipólogos e funcionalistas (Comrie & Thompson, 1985; Seki, 2000; Reis Silva, 2001; Mithun, 2010).

Tomando por exemplo os adjetivos do inglês, aqueles terminados em *-able/ -ible* emergem produtivamente como nomes do tipo *-ity*: *respectable* ‘respeitável’ e *respectability* ‘respeitabilidade’. A mesma língua, no entanto, também apresenta

nominalizações irregulares: *true* ‘verdadeiro’ e *truth* ‘verdade’ (Comrie & Thompson, 1985, p. 14).

Já no tagalo (língua austronésia, Filipinas), qualquer adjetivo funciona como nominal do tipo semântico “o que é ADJ” sem qualquer aporte morfológico, desde que inserido em posição argumental (Comrie & Thompson, 1985, p. 5).

Tagalo

- (18) *iyon ang bago*  
 que TOP *novo.N*  
 ‘o que é novo’

### 2.1.3 Nominalização a partir de advérbios

As NLZ-L formadas a partir de advérbios são raras, ou pelo menos subnotificadas. De acordo com Seki (2000, p. 121-122), o kamaiurá (língua tupi-guarani, Brasil) conta com “um conjunto de morfemas [nominalizadores] que derivam nomes a partir de [sintagmas] verbais e adverbiais”. O morfema livre *wat* está exclusivamente associado à nominalização de advérbios (Seki, 2000, p. 76).

Kamaiurá

- |                  |                    |
|------------------|--------------------|
| (19) <i>ikue</i> | <i>ikue wat</i>    |
| ontem.ADV        | ontem NLZ          |
| ‘ontem’          | ‘o que é de ontem’ |

### 2.1.4 Nominalização a partir de verbos

À semelhança das NLZ-L formadas a partir de nomes, as NLZ-L deverbais, isto é, formadas a partir verbos, são altamente produtivas em línguas de diferentes famílias, apesar de envolverem categorias opostas (raiz verbal e afixo nominal) e incorrerem, portanto, em maior complexidade estrutural (Grimshaw, 1990).

No inglês, as NLZ-L deverbais são formadas, por exemplo, via a sufixação pelos nominalizadores *-ation*, *-ment* e *-ing* (Comrie & Thompson, 1985, p. 3). A

participação por um ou outro sufixo está intimamente associada a impactos sintáticos e aportes semânticos específicos. Enquanto as NLZ formadas por *-ation* (20a) e *-ment* (20b) são ambíguas entre as leituras eventivas e resultativas, as formadas por *-ing* (20c) são exclusivamente eventivas. Expressões nominais formadas sem qualquer afixação são apenas resultativas (ex.: *exam* ‘exame’) (Grimshaw, 1990).

#### Inglês

(20) a. to deceive	<i>deception</i>	Result/ Event
b. to recruit	<i>recruitment</i>	Result/ Event
c. to rejoice	<i>rejoicing</i>	*Result/ Event

Certas estruturas verbais da língua ainda são nominalizadas via aglutinação invertida do par verbo-objeto (*righthand head rule*). O gwari (língua kwa, Nigéria) segue a mesma regra. Os exemplos em (21) e (22) mostram que inglês e gwari divergem quanto à inserção de morfologia nominalizadora, no caso do inglês, marcada pela obrigatoriedade do sufixo eventivo *-ing* (Comrie & Thompson, 1985, p. 3)

#### Inglês

(21) a. drive a truck	<i>truck-driving</i>
b. trim a tree	<i>tree-trimming</i>
c. hunt for a house	<i>house-hunting</i>

#### Gwari

(22) a. si	shnamá	shnamá-si
comprar.V	nhame.N	nhame-comprar.N
‘comprar nhame’		‘compra de nhame’
b. zhnê	tnútnû	tnútnû-zhni
fazer.V	trabalho.N	trabalho-fazer.N
‘trabalhar’		‘trabalho a fazer’

No dacota (língua sioux, EUA), essas estruturas são formadas via prefixação por *wó-* (Comrie & Thompson, 1985, p. 3-4).

Dacota

- |               |                      |
|---------------|----------------------|
| (23) a. gnaya | <i>wó-gnaye</i>      |
| enganar.V     | <i>NLZ-enganar</i>   |
| ‘enganar’     | ‘engano’             |
| <br>          |                      |
| b. wiyuski    | <i>wó-wiyuski</i>    |
| regozijar.V   | <i>NLZ-regozijar</i> |
| ‘regozijar’   | ‘regozijo’           |

### 2.1.5 Nominalização a partir de sentenças

As NLZ-S divergem das NLZ-L em não apresentarem núcleos nominais típicos ou fornecerem evidências morfossintáticas na direção de uma análise no nível lexical, embora suas estruturas apresentem distribuição sintática tipicamente argumental. Autores como Chomsky (1970), Comrie & Thompson (1985) e Grimshaw (1990), para citar, acreditam que o singular comportamento morfossintático das NLZ-S aponta para um processo de nominalização completamente distinto do das NLZ-L.

No dacota, por exemplo, o processo subjacente à formação das NLZ-S sequer envolve prefixação por *wó-* (observada na formação das NLZ-L, conforme exemplo (23)) ou claras implicações morfossintáticas para além da “sufixação do artigo *kin*”, nos termos dos autores (Comrie & Thompson, 1985, p. 67-68). Nessa língua em particular, a nominalização da sentença subordinada preserva a morfologia verbal e as propriedades de tempo e aspecto.

Dacota

- |                           |          |
|---------------------------|----------|
| (24) a. unglapi           | Canônica |
| 1PL.estamos.indo.embora.S |          |
| ‘nós estamos partindo’    |          |



## Mojave

- (29) [ʔinyep ʔakor ʔ-su.va.r]-č ʔatay-pč  
 [1SG.ACC então 1-cantar.N]-NOM ser.muito.V-T  
 ‘eu cantava muito’

## Mebengokre

- (30) ba [kute tep kren] pumu  
 1NON [3ERG peixe comer.N] ver.V  
 ‘eu o vi comer/comendo peixe’

## Grego

- (31) dhen amfisvito [to oti efighe]  
 NEG contestar.1SG [D C sair.N.PAS.3SG]  
 ‘não contesto que ele tenha saído’

## Polonês

- (32) Jan oznajmil [to ze Maria zmienia prace]  
 Jan anunciar.PAS [D C maria trocar emprego]  
 ‘Jan anunciou que Maria está trocando de emprego’

## Inglês

- (33) would [John’s building a spaceship] bother you?

Embora heterogêneo, esse conjunto de dados realça a forte associação entre os processos de subordinação e nominalização de sentenças. Aponta, paralelamente para pelo menos três tipos de estratégias morfossintáticas na formação das NLZ-S: no nível do núcleo verbal, suas estruturas estão sujeitas a (i) afixação por morfema nominalizador (ex.: yupik (25), tupi-antigo (26), turco (27), quéchua-imbabura (28) e inglês (33)) ou (ii) alteração radical (ex.: mojavé (29) e mebengokre (30)); e no nível do domínio sentencial, estão sujeitas à (iii) realização em PF dos núcleos funcionais determinantes e complementizadores (ex.: grego (31) e polonês (32)), conforme Tabela 1 a seguir.

A nominalização sentencial do dacota (24) responderia possivelmente por um quarto tipo de estratégia, sem claras implicações morfossintáticas. Interessa-

nos, contudo, particularmente a estratégia do primeiro tipo, no nível do núcleo verbal, via afixação por morfema nominalizador, presentes nos dados de maior relevância para esta investigação.

Nível de impacto	Tipo de estratégia	Exemplo de língua
Núcleo verbal	Afixação por morfema nominalizador	Yupik Tupi-Antigo Quéchuá-Imbabura Turco Inglês
	Alteração radical	Mojave Mebengokre
Domínio sentencial	Realização em PF de D & C	Grego Polonês

Tabela 1: Tipos de estratégias morfossintáticas na formação das NLZ-S

## 2.2 Produtividade das NLZ no inglês

Como vimos na seção anterior, as NLZ apresentam grande diversidade nas línguas naturais, variando por exemplo quanto às leituras eventiva, resultativa ou ambígua entre ambas (conforme exemplo (20)) e ao tipo de estratégia morfossintática (conforme exemplos (25-33)). Vale, portanto, antes de prosseguir, observar os níveis de complexidade estrutural e o estado da Arte na classificação das NLZ, com foco nos dados do inglês. Os exemplos desta seção foram retirados ou inferidos de Chomsky (1970, p. 215).

Chomsky (1970) subdivide as NLZ do inglês em “derivadas”, “gerundivas” e “mistas”. As do primeiro tipo se destacam quanto ao volume de estudos entre teóricos gerativistas, funcionalistas e descritivistas. Comparativamente, estruturas derivadas apresentam um nível de complexidade sintática limitado, variando de acordo com as propriedades da raiz nominalizada. O exemplo (34) a seguir sugere que a transformação do verbo *refuse* ‘recusar’ no nominal *refusal* ‘recusa’ preserva a estrutura argumental de origem:

(34) John's *refusal* of the offer

Derivada

A partir de Abney (1987), as NLZ do segundo e terceiro tipo passam a ser tratadas como gerundivas “*poss-ing*” e “*ing-of*”. A terminologia “*poss-ing*” faz referência a duas propriedades centrais: Caso genitivo (possessivo) e modo gerundivo, respectivamente realizadas em PF pelos afixos *-s* e *-ing*. O estudo das *poss-ing* é mais prolífico na literatura formal, e se confunde com o próprio estudo da nominalização (sentencial). Em Lees (1960) e Chomsky (1970), as *poss-ing* foram caracterizadas pela alta complexidade sintática, e pela proximidade com expressões sentenciais, no que toca à estrutura interna e leitura semântica.

(35) John's *refusing* the offer

Poss-ing

As *ing-of* se destacam pela obrigatoriedade da preposição *of*. A morfologia de Caso genitivo não parece ser critério fundamental ao reconhecimento dessas estruturas na literatura acessada. Tratam-se de expressões nominais mistas entre propriedades associadas tanto às derivadas quanto às *poss-ing*, embora se aproximem mais das NLZ do primeiro tipo no que toca às relações com o contexto estrutural e à constituição interna – retomaremos essa comparação nas seções seguintes.

(36) John's/ the *refusing of* the offer

Ing-of

Um terceiro tipo gerundivo é proposto na Análise do DP, por Abney (1987). Para o autor, são as *acc-ing* (não, as *poss-ing*) que se aproximam das expressões sentenciais, e correspondem, portanto, às estruturas nominais mais complexas do inglês. As *acc-ing* se destacam pela marcação do sujeito com Caso acusativo. São menos discutidas na literatura formal e descritiva, ou genericamente tratadas como “gerundivas do inglês” e associadas a outros tipos gerundivos.

(37) *John/him* *refusing* the offer

Acc-ing

Expressões gerundivas com sujeito nulo também são produtivas no inglês. Tem-se como referencial Suzuki (1988), em que essas estruturas são denominadas

“PRO-ing” e, assim, diferenciadas das *acc-ing*. Passmore (2003) afirma que as PRO-ing se distinguem das demais gerundivas do inglês na ausência de sujeito (preenchido) e, conseqüentemente, na ausência de marcação de sujeito com Caso genitivo ou acusativo (ex.: *John is not worried about [PRO refusing the offer]*). Vale destacar, contudo, que análises como a de Pires (2006, 2007) não atribuem à PRO-ing o *status* de nominalização – discutimos no Capítulo 4.

A literatura formal mais recente tende a fazer clara distinção entre as NLZ gerundivas e não-gerundivas, estas, referindo-se especificamente às expressões nominais derivadas (do tipo exemplificado em (34)). Conservamos essa separação ao longo do texto para fins didáticos, embora as fronteiras entre as NLZ do inglês não sejam sempre tão claras, particularmente no caso das *ing-of*, NLZ gerundivas (quanto à forma) com comportamento sintático mais próximo do das derivadas.

Tanto as *poss-ing* quanto as *acc-ing* já foram analisadas como NLZ-S, em Chomsky (1970) e Abney (1987), respectivamente. Hoje, embora reconhecida sua singularidade sintática, tendem a ser analisadas como NLZ complexas, geradas a partir de domínios hierarquicamente inferiores ao sentencial, especialmente no caso das *poss-ing*. Razões para a dissociação entre as estruturas gerundivas e sentenciais variam de autor para autor – como veremos no Capítulo 3. Dados de línguas de diferentes famílias evidenciam que as gerundivas do inglês desafiam a estanqueidade da composição tradicionalmente estabelecida para as categorias – os Capítulos 3 e 4 se dedicarão especialmente a este assunto.

Entendemos que uma análise transformacional das gerundivas, como proposta por Chomsky (1970), ainda comunica com a literatura recente e se faz possível somente a partir de uma descrição sistematizada da distribuição externa e das propriedades estruturais internas dessas construções. Por isso, dedicamo-nos a comparar as NLZ gerundivas do inglês, em especial as do tipo *poss-ing* e *acc-ing* com as expressões nominais(lizadas) mais complexas da Gramática, intra e translinguisticamente. Verificamos que essas gerundivas parecem corresponder, de fato, a estruturas híbridas entre expressões sentenciais e nominais.

## 2.3

### Gerundivas do inglês: contexto estrutural comparativo

A literatura tende a analisar as gerundivas do inglês como estruturas dominadas por DP, por se distribuírem sintaticamente como nominais canônicos. Os dados de Abney (1987) em (38), (39) e (40) ilustram a naturalidade com que as *poss-ing* ocupam posições argumentais tradicionalmente associadas à expressão nominal, a exemplo de nomes plenos, nas quais a inserção de sentenças resulta em alto grau de agramaticalidade (Abney, 1987, p. 13).

- |         |   |          |
|---------|---|----------|
| (38) a. | did [ING John's building a spaceship] upset you?  | Poss-ing |
| b.      | did [DP John] upset you?                          | Nome     |
| c.      | * did [CP that John built a spaceship] upset you? | Sentença |
- 
- |         |  |
|---------|--|
| (39) a. | I wondered if [ING John's building a spaceship] had upset you  |
| b.      | I wondered if [DP John] had upset you                          |
| c.      | * I wondered if [CP that John built a spaceship] had upset you |
- 
- |         |   |
|---------|---|
| (40) a. | I told you about [ING John's building a spaceship]  |
| b.      | I told you about [DP John]                          |
| c.      | * I told you about [CP that John built a spaceship] |

O mesmo paradigma estrutural serve à totalidade das NLZ, inclusive às NLZ-S. Não sendo o inglês uma língua de Caso morfológico, recuperamos do Capítulo 1, seção 1.3, os dados do quéchua-imbabura (9) e do mojave (10), em (41) e (42) abaixo, respectivamente, para ilustrar como blocos sentenciais subordinados nominalizados também ocupam posições argumentais e recebem Caso estrutural dentro do mesmo sistema de Caso dos nominais canônicos (Comrie & Thompson, 1985, p. 67; Cole, 1982, p. 33).

- |      |                                  |       |          |                    |           |
|------|----------------------------------|-------|----------|--------------------|-----------|
| (41) | fiuka-ka                         | [Juan | kay-pi   | ka-shka]-ta        | ya-ni     |
|      | 1SG-TOP                          | [juan | esse-LOC | estar-NLZ.PAS]-ACC | achar-1SG |
|      | 'eu acho que o Juan esteve aqui' |       |          |                    |           |

- (42) [ʔinyep ʔakor ʔ-su:va:r]-č ʔatay-pč  
 [1SG.ACC então 1-cantar.N]-NOM ser.muito.V-T  
 ‘eu cantava muito’

Frank & Kroch (1994) demonstram que, justamente como esperado para as estruturas nominais (mas contrariamente ao esperado para as sentenciais), as gerundivas não licenciam operações sintáticas envolvendo movimento *-qu* (*wh-movement*) ou extraposição (*extraposition*), mas licenciam inversão auxiliar-sujeito (*inversion*) na posição de argumento externo do VP matricial (Frank & Kroch, 1994, p. 6).

#### Movimento -qu

- (43) a. \* Ted knew about [<sub>ING</sub> who<sub>1</sub> (her) kissing t<sub>1</sub>] Gerundiva  
 b. \* Ted knew about [<sub>DP</sub> who<sub>1</sub> (her) passion for t<sub>1</sub>] Nominal  
 c. Ted knew about [<sub>CP</sub> who<sub>1</sub> she had kissed t<sub>1</sub>] Sentencial

#### Extraposição

- (44) a. \* it bothered me [<sub>ING</sub> (Bush’s) winning the election]  
 b. \* it bothered me [<sub>DP</sub> (Bush’s) victory in the election]  
 c. it bothered me [<sub>CP</sub> that Bush had won the election]

#### Inversão auxiliar-sujeito

- (45) a. would [<sub>ING</sub> (Bush’s) winning the election] really bother you?  
 b. would [<sub>DP</sub> (Bush’s) victory in the election] really bother you?  
 c. \* would [<sub>CP</sub> that Bush won the election] really bother you?

No entanto, conforme veremos no Capítulo 3, seção 3.2.2, a distribuição sintática das *poss-ing* não é totalmente semelhante à das expressões nominais, por exemplo, em contextos sintáticos envolvendo expressões *-qu* de quantidades quantificadas, lacunas parasíticas e itens de polaridade negativa. Com efeito, as gerundivas do inglês não correspondem a estruturas nominais ou sentenciais canônicas, embora se distribuam eventualmente como tais na sintaxe da língua. Esse caráter misto/híbrido se confirma no estudo de suas propriedades internas, como veremos a seguir.



- (47) [*el que creas que hay fantasmas em la azoteca*] carece  
 [*D C acreditar.2SG C tem fantasmas em D sótão*] carece  
 de lógica  
 de lógica

‘sua crença em fantasmas no sótão não tem lógica’

Não raramente, contudo, a presença de D & C foge à identificação, por questões morfológicas (ex.: línguas sem determinantes ou complementizadores) ou estruturais (ex.: como parece ser o caso do inglês, cf. (48) a seguir). No inglês, a presença de determinantes varia entre: (i) obrigatória, junto aos nominais de eventos simples (48a); (ii) restrita, junto aos nominais de eventos complexos e às gerundivas do tipo *ing-of* (48b); ou (iii) altamente agramatical, na posição anterior a *V-ing* das *poss-ing*.

- |         |  |                 |
|---------|--|-----------------|
| (48) a. | the/ an/ one/ that situation                         | Evento simples  |
| b.      | the (*an/ *one/ *that) arrivals of tourists          | Evento complexo |
| c.      | the (*an/ *one/ *that) shooting of rabbits           | Ing-of          |
| d.      | (*the/ *an/ *one/ *that) John’s building a spaceship | Poss-ing        |

Os dados em (48) foram inferidos de Grimshaw (1990), que utilizou o licenciamento de determinantes como teste de desambiguação entre dois tipos gerundivos, chamados “nominais” (*ing-of*) e “verbais” (*poss-ing*), embora não se tenha ocupado de suas divergências estruturais internas. A autora ressalta que os gerundivos são os únicos nominais do inglês com leitura exclusivamente eventiva – retomaremos essa discussão na seção 2.5. Observada a distinção proposta por Abney (1987), as gerundivas *acc-ing* correspondem, juntamente com as *poss-ing*, ao tipo gerundivo “mais verbal” no que toca ao licenciamento de determinantes.

#### 2.4.2 Modificadores adverbiais e adnominais

No licenciamento de modificadores, as gerundivas do inglês divergem dos nominais canônicos ao exibirem propriedades tipicamente associadas a sentenças.

Nos exemplos (49) e (50) a seguir, extraídos de Frank & Kroch (1994, p. 5) e Chomsky (1970, p. 195), respectivamente, o contraste entre (a) e (b) demonstra que, ao contrário de DPs, estruturas gerundivas podem ser modificadas por advérbios ou locuções adverbiais.

- (49) a. [<sub>ING</sub> (totally/ \*total) messing up on the exam] was not our plan  
 b. [<sub>DP</sub> (\*totally/ total) failure on the exam] was not our plan
- (50) a. [<sub>ING</sub> John's refusing in that manner (in a manner that surprised me)]  
 b. \*<sub>[DP</sub> John's refusal in that manner (in a manner that surprised me)]

Como veremos no Capítulo 3, seção 3.2.3, a análise de Alexiadou (2001) assume que toda NLZ é formada no nível funcional, de modo que o licenciamento de modificadores (adverbiais ou adnominais) responde às restrições sintáticas e semânticas impostas pelas raízes envolvidas na nominalização (i.e., na formação da estrutura que, em última instância, é dominada por DP). Esse tipo de proposta remete a Grimshaw (1990), por assumir que toda NLZ é gerada a partir da “soma” das propriedades de uma raiz verbal com as propriedades de um afixo nominal(izante) (*-ing*, no caso das gerundivas do inglês).

A seguir, o exemplo (51) mostra que, no hebraico (língua semítica, Israel), as NLZ licenciam advérbios de modo (51a) ou aspecto eventivo (51b), variando de acordo com o contexto semântico (Alexiadou, 2001, p. 48) – preservamos a tradução em língua inglesa para salientar as semelhanças entre as NLZ do hebraico e gerundivas do inglês.

- (51) a. vat Dan et ha-avoda *bi-mehirut*  
 writing Dan ACC the-work *quickly*  
 ‘Dan’s writing of the work quickly’
- b. axilat Dan et ha-uga *be-minus*  
 eating Dan ACC the-cake *politely*  
 ‘Dan’s eating the cake politely’

O exemplo (52) mostra que, no grego, o licenciamento de advérbios responde não apenas a adequação semântica (52a), mas também à restrição sintática sobre a presença do argumento interno (52b). Em (52b), a seleção do complemento *tis polis* ‘da cidade’ é o que garante a gramaticalidade do advérbio *olosheros* ‘completamente’ (Alexiadou, 2001, p. 47).

- (52) a. ktivat            Dan et        ha-avoda    *bi-mehirut* (\*lelo safek)  
 escrevendo Dan ACC a-obra        *rapidamente* (indubitavelmente)  
 ‘Dan está escrevendo a obra rapidamente’
- b. i katastrofi    \*(*tis polis*)            olosheros  
 a destruição    a cidade.GEN        completamente  
 ‘a completa destruição da cidade’

No inglês, as gerundivas do tipo *acc-ing* e *poss-ing* licenciam advérbios, mas as do tipo *ing-of* licenciam apenas adjetivos (Sichel, 2010; Alexiadou, 2011). O exemplo (53) mostra que, diferentemente das demais gerundivas da língua, as *ing-of* ainda licenciam pluralização e não selecionam diretamente objetos acusativos como complemento (recorrendo à presença da preposição *of*).

- (53) a. John’s (carefully/ \*carful) building(\*s) a spaceship            Poss-ing  
 b. John/ him (carefully/ \*carful) building(\*s) a spaceship            Acc-ing  
 c. John’s (\*carefully/ carful) building(s) of a spaceship            Ing-of

Também verificamos o contraste entre as *ing-of* e as demais gerundivas na comparação com expressões nominais clássicas, a exemplo da derivada em (54b), formada via sufixação pelo nominalizante *-er* – retomaremos essa análise no Capítulo 3, seção 3.1.

- (54) a. John’s (\*carefully/ carful) building(s) of a spaceship            Ing-of  
 b. the (\*carefully/ careful) builder(s) (of a spaceship)            Derivada

De acordo com Kornfilt & Whitman (2011), os fenômenos em (54) apontam para a presença de um NP (entre DP e VP), aparentemente ausente nas demais

gerundivas do inglês (especificamente, *poss-ing*). Segundo os autores, a presença deste nóculo nominal intermediário justificaria o licenciamento de adjetivos também junto às NLZ-L do italiano (Kornfilt & Whitman, 2011, p. 1299) – retomaremos a análise dos autores no Capítulo 3, seção 3.2.5.

- (55) il suo *continuo* eseguire      la canzone impecabilmente  
 o seu *contínuo* executar.INF    a canção impecavelmente  
 ‘o seu contínuo executar a canção impecavelmente’

Observamos que os modificadores adverbiais discursivos, associados à periferia esquerda sentencial (CP), são agramaticais junto às gerundivas do inglês (Alexiadou, 2001, p. 136). Essa agramaticalidade vem sendo interpretada como evidência para ausência de camada complementizadora e, subsequentemente, como motivação para um paralelo entre as estruturas gerundivas e as expressões nominais (não, sentenciais) da língua.

- (56) a. \* John’s *probably* being a spy  
 b. \* John’s *fortunately* knowing the answer

Para Resende (2016, p. 29), o paradigma de modificação adverbial e adnominal do inglês subsidia a identificação de estruturas nominais equivalentes em outras línguas, incluindo o português-brasileiro. O exemplo (57) esquematiza a proposta do autor, que faz clara referência à distinção chomskyana entre nominais derivados (57a), mistos (57b) e gerundivos (57c):

- (57) a. John’s refusal of the offer      ≡ a recusa da oferta por João  
 b. John’s refusing of the offer      ≡ o recusar da oferta por João  
 c. John’s refusing the offer      ≡ o João recusar a oferta

Destacamos das relações de equivalência propostas por Resende o fato de que, tanto no inglês quanto no português-brasileiro, as estruturas em (57b) e (57c) correspondem às mais eventivas do exemplo (57), mas apenas aquelas em (57c) admitem modificação por advérbios (mas não, por adjetivos). Ilustramos em (58) a resposta das estruturas do português à modificação por advérbios e adjetivos.

- (58) a. a recusa (\*imediatamente/ imediata) da oferta por João  
 b. o recusar (\*imediatamente/ imediato) da oferta por João  
 c. o João recusar (imediatamente/ \*imediata) a oferta

Não exploramos aqui a possibilidade de as estruturas gerundivas do inglês (especificamente *ing-of* e *poss-ing*, nos termos de Abney (1987)) e infinitivas do português (formadas a partir da terminação em *-r*) emergirem de um mesmo mecanismo sintático – embora nossa proposta teórica (Capítulo 4) seja compatível com essa possibilidade.

### 2.4.3 Concordância

Na “Análise do DP” (Abney, 1987), o paralelo DP-IP emerge da postulação de um nóculo do tipo Agr(eement) internamente à estrutura nominal, relativo ao licenciamento de Caso e concordância. Nos exemplos (59) e (60), a atribuição de Caso genitivo ao sujeito das gerundivas *poss-ing* do inglês (59) e do turco (60) é tomada como evidência pelo autor (Abney, 1987, p. 19)<sup>9</sup> – optamos por manter a tradução de Abney para o inglês no exemplo (60).

(59) John 's *building* a spaceship

(60) Halil-*in* kedi-ye yemek-Ø ver-me-*diğ-i*  
 halil-GEN cat-DAT comida-ACC dar-NEG-ING-3SG  
 ‘Halil’s not giving food to the cat’

De fato, o turco apresenta ampla concordância possuidor-possuído em nominais, semelhantemente à concordância sujeito-predicado em sentenças. A morfologia do húngaro também sugere simetria entre concordância nominal (possuidor-possuído) e sentencial (sujeito-predicado) (Szabolcsi, 1981, 1989, 1994; Abney, 1987). Os dados em (61) mostram que, nesta língua em particular, o

<sup>9</sup> Guardadas as devidas proporções, sobretudo quanto à morfologia, as semelhanças entre essas línguas levam Abney (1987) a crer que o turco conta com estrutura equivalente às *poss-ing* do inglês.

elemento possuidor é marcado com Caso nominativo, enquanto o elemento possuído concorda em pessoa e número (Abney, 1987, p. 16).

- (61) a. a *te* kalap-*od*  
 o *você.NOM* chapéu-*2SG*  
 ‘seu chapéu’
- b. a *Peter* kalap-*já*  
 o *Peter.NOM* chapéu-*3SG*  
 ‘o chapéu do Peter’ (‘Peter’s hat’)

Na literatura mais recente, a concordância nominal vem sendo atribuída a NumberP, equivalente ao IP sentencial. De acordo com Alexiadou (2001, p. 144), “os afixos de número equivalem aos de tempo e concordância verbal”<sup>10</sup>. A postulação de um nódulo dessa natureza internamente à estrutura nominal acumula evidências de línguas de diferentes famílias, e aponta inevitavelmente para a analogia nome-sentença. Hoje, no entanto, o paralelo DP-IP dá lugar ao paralelo DP-CP. Como mencionado, D & C introduzem e dominam as estruturas sentenciais e nominais na sintaxe, selecionando NumberP e IP, respectivamente – voltaremos à proposta de Alexiadou, e à discussão sobre a estrutura interna das expressões sentenciais e nominais no Capítulo 3.

Vale ressaltar, contudo, que, particularmente no caso das *acc-ing* e *poss-ing*, assumindo-se a presença da projeção de NumberP, a mesma não licencia concordância ou pluralização. Com efeito, o processo subjacente à formação dessas NLZ gerundivas, e das NLZ-S em geral, nunca devolve formas verbais pluralizadas, ao contrário do processo subjacente à formação das NLZ-L (ex.: *John’s building(\*s) a spaceship* vs. *the arrival(s) of tourists*).

#### 2.4.4 Caso e papel temático

Na classificação de Abney (1987), as gerundivas *poss-ing* e *acc-ing* se distinguem basicamente quanto à marcação de Caso (genitivo e acusativo). De

<sup>10</sup> “Plural endings have the same status as tense and agreement affixes do in the verbal domain.”

acordo com o autor, ambas as estruturas são dominadas por DP, mas as *acc-ing* em particular respondem ao domínio por um DP não-endocêntrico, provavelmente defectivo na atribuição do Caso genitivo. Ilustramos a proposta a seguir (Abney, 1987, p. 141-142) – retomá-la-emos com mais detalhes no Capítulo 3, seção 3.2.1.

- (62) a. [DP [NP John's [VP singing the Marseillaise]]] Poss-ing  
 b. [DP [IP John [VP singing the Marseillaise]]] Acc-ing

Já mencionamos a possível equivalência entre as gerundivas do inglês e do turco. Em ambas as línguas, os sujeitos e objetos das *poss-ing* recebem Caso genitivo e acusativo, respectivamente, enquanto os sujeitos e objetos das sentenças canônicas recebem Caso nominativo e acusativo. No entanto, apenas as gerundivas do turco vêm sendo apresentadas como NLZ-S (ver principalmente Abney (1987), Borsley & Kornfilt (2000) e Kornfilt & Whitman (2011)). Trata-se de fato de estruturas que funcionam como sentenças subordinadas e realizam em PF mais propriedades associadas a sentenças, particularmente no que toca à marcação de tempo (futuro ou não-futuro). Recuperamos o exemplo (8) em (63), para ilustrar o comportamento dos blocos sentenciais subordinados do turco. Nesse exemplo, os afixos *-acag* e *-I* indicam nominalização com semântica de futuro factivo e marcação com Caso acusativo (Borsley & Kornfilt, 2000, p. 108).

- (63) ben [siz-in tatil-e gik-acag-iniz]-I duy-du-m  
 1SG [2SG-GEN férias-DAT sair-NLZ.FUT.FAC-2PL]-ACC ouvir-PAS-1SG  
 ‘eu ouvi que você sairá de férias’

Internamente às *poss-ing* do inglês e do turco, os afixos *-s* (62a) e *-in* (63) indicam a marcação do sujeito com Caso genitivo. Vale destacar que, embora as *poss-ing* do turco venham sendo analisadas como sentenças nominalizadas, o padrão sentencial da língua é nominativo-acusativo. É comum que línguas nominativo-acusativas apresentem NLZ-S genitivo-acusativas (ver Alexiadou (2001) para mais exemplos). Essa variação na marcação do Caso dos argumentos da sentença se deve provavelmente à defectividade de nódulos funcionais envolvidos, considerando que um domínio Complementizador-Tempo defectivo desfavorece a atribuição do Caso nominativo.

Outras línguas também devem ser consideradas na acurada compreensão dos sistemas de marcação de Caso, externa e internamente às NLZ-S. Exemplificando, embora o quéchua-imbabura pareça apresentar um sistema de Caso (nominativo-acusativo) uniforme, sujeitos e complementos (matriciais ou encaixados) não são marcados com Caso morfológico, exceto quando ocorrem na forma de NLZ-S, conforme dado em (9), rerepresentado em (64) a seguir por conveniência (Cole, 1982, p. 33).

- (64) fiuka-ka [Juan kay-pi ka-shka]-ta ya-ni  
 1SG-TOP [juan esse-LOC estar-NLZ.PAS]-ACC achar-1SG  
 ‘eu acho que o Juan esteve aqui’

Curiosamente, o mojave marca os pronomes na posição de sujeito matricial com Caso nominativo e os pronomes na posição de sujeito da NLZ-S com Caso acusativo, conforme dado em (1), repetido em (65) abaixo (Comrie & Thompson, 1985, p. 67). Nesta língua em particular, as NLZ-S parecem corresponder a estruturas de marcação excepcional de Caso (ECM), cujo sujeito recebe Caso do verbo da matriz.

- (65) [ʔinyep ʔakor ʔ-su:va:r]-č ʔatay-pč  
 [1SG.ACC então 1-cantar.N]-NOM ser.muito.V-T  
 ‘eu cantava muito’

Não exploramos o interessante debate sobre quão diversos podem ser os sistemas de atribuição de Caso internamente às NLZ-S translinguisticamente. Embora certamente prolífico no estudo da nominalização sentencial, o tema foge ao escopo da presente investigação, sobretudo por demandar um maior volume de dados de línguas com essas características. Por hora, valemo-nos da seguinte generalização: em relação ao Caso do argumento interno, as NLZ-S preservam o sistema das sentenças canônicas, mas, em relação ao Caso do argumento externo, não há necessariamente paralelo entre sentenças canônicas e suas contrapartes nominalizadas.

Outra generalização se aplica particularmente às *poss-ing* do inglês: enquanto o argumento interno é marcado com Caso acusativo e papel de tema, o

argumento externo é marcado com Caso genitivo e papel de agente. O tipo de papel temático envolvido na marcação do argumento externo das *poss-ing* do inglês é evidenciado na obrigatoriedade da leitura eventiva, e no contraste com outras expressões nominais da língua, ambíguas entre as leituras resultativa e eventiva. Em (66), enquanto o argumento externo da *poss-ing* (66a) funciona exclusivamente como agente, o da derivada (66b) é ambíguo entre os papéis de agente e possuidor – voltaremos à discussão na seção 2.5.

- (66) a. [John’s portraying his wife] was an interesting fact            \*Result/ Event  
       b. [John’s portrait of his wife] is not that interesting            Result/ Event

A regular presença de argumentos externos com papel de agente e argumentos internos com Caso acusativo e papel de tema aponta fortemente para a presença de um vP estável (não afetado pela nominalização). Trata-se de uma característica das gerundivas *poss-ing* e *acc-ing*, não observada nas demais nominalizações do inglês, com vP defectivo na atribuição tanto do Caso acusativo quanto do papel de agente, em conformidade com a generalização de Burzio (1986) (Alexiadou, 2001).

#### 2.4.5 Tempo, aspecto e modo

Outro paralelo possível entre estruturas sentenciais e nominais (complexas) está na manifestação de tempo, aspecto e modo. Investigações pioneiras apontam para a existência de um “tempo nominal” (Nordlinger & Sadler, 2004; Tonhauser, 2008). No estudo dessa categoria em particular, faz-se necessária a distinção dos pontos de vista morfológico e semântico: o tempo morfológico se manifesta em itens lexicais, terminações verbais e morfemas de tempo, através de um repertório que também manifesta eventualmente aspecto e modo, sob grande variação paramétrica; já o tempo semântico independe da morfologia a ele associada, a exemplo das estruturas que, embora morfológicamente marcadas no presente, podem ser semanticamente interpretadas no passado, de acordo com o contexto discursivo (Lecarme, 1999; Bertinetto, 2020).

Na semântica do inglês, a relação predicativa entre os nominais *fugitive* e *in jail* é suficiente para o aporte de passado de *fugitive*, relativo à mudança de estado do referente (Alexiadou, 2001, p. 63).

(67) *every fugitive is now in jail*

Na morfologia, afixos e adjetivos como *ex-* (ex.: *ex-friend*) e *former* (ex.: *former house*) também marcam tempo (passado); advérbios como *frequent* (ex.: *frequent flyer*) marcam aspecto; e adjetivos como *possible* (ex.: *possible meeting*) marcam modo (Bertinetto, 2020, p. 3). Nas gerundivas, o afixo nominalizador *-ing* responde pela manutenção das propriedades de aspecto, mas não de tempo e modo (Chomsky, 1970, p. 2016).

Assim como no inglês, as expressões nominais do guarani-boliviano (língua tupi-guarani, Bolívia) também podem ser marcadas com morfologia de tempo divergente do tempo de seu predicador. Com os dados em (68), Bertinetto (2020) demonstra que, enquanto os afixos *-rã* e *-kue* marcam as leituras prospectiva e retrospectiva do NP *ro* ‘casa’, os afixos  $-\emptyset$  e *-ta* marcam, de forma independente, os tempos passado e futuro do VP *echa* ‘ver’.

- (68) a. a-echa- $\emptyset$  che ro-rã  
 1-ver-PAS 1 casa-PROSP  
 ‘eu vi minha futura casa’
- b. a-echa-ta che ro-kue  
 1-ver-FUT 1 casa-RETRO  
 ‘eu verei minha antiga casa’

As línguas da família Tupi-Guarani tendem a realizar em PF o tempo das sentenças nominalizadas, conforme ilustramos nos exemplos (69) e (70) abaixo, extraídos do tenetehára (língua tupi-guarani, Brasil) por Bertinetto (2020). Segundo o autor, (69) mostra que o verbo da NLZ-S *zawar izukaharkwer* ‘matador de cachorro’ é marcado tanto pelo afixo nominalizador *-(h)ar* quanto pelo afixo de tempo passado *-(kw)e(r)*; e (70) mostra que as propriedades de tempo das NLZ-S *pira ipyhykharkwer* ‘abatedor de peixe’ ([+T]) e *zàwàruhu*

*izukahar* ‘caçador de onça’ ([-T]) servem à dissociação entre o agente e o instrumento da matriz *wexak* [ $x_{[+T]}$ ] [ $y_{[-T]}$ ] *ka'a pe a'e*, cujo sentido equivale a ‘[ $x_{[+T]}$ ] viu [ $y_{[-T]}$ ] no mato’.

(69) u-petek awa w-a'yr [zawar i-zuka-(h)ar-(kw)er] a'e  
 3-bateu homem COREFERENTIAL-filho [cachorro 3-matar-NLZ-PAS] 3  
 ‘o homem bateu no filho matador de cachorro’  
 (‘o homem bateu no filho que matou o cachorro’)

(70) w-exak [pira i-pyhyk-(h)ar-(kw)er] [zàwàruhu i-zuka-har] ka'a pe a'e  
 3-ver [peixe 3-abate-NLZ-PAS] [onça 3-matar-NLZ] mato LOC 3  
 ‘o abatedor de peixe viu o caçador de onça no mato’  
 (‘o que pescou o peixe viu o que caçou a onça’/ ‘o pescador viu o caçador’)

No quéchua-imbabura, a nominalização sentencial também preserva a informação de tempo, neste caso, presente, passado e futuro, respectivamente realizados pelos afixos *-j* [PRE], *-shka* [PAS] e *-na* [FUT], conforme (71) (Cole, 1982, p. 143). Dados de Cole (1982) sugerem dependência entre o T-subordinado e o T-matricial: em (71a), o T-subordinado é presente em relação ao T-matricial, coincidindo com tempo do ato de fala; em (71b), o T-subordinado é passado-mais-que-perfeito em relação ao T-matricial, marcando tempo passado em relação ao ato de fala; e em (71c) o T-subordinado é futuro em relação ao T-matricial, que localiza o discurso no passado – preservamos a tradução do autor para evitar as possíveis distorções de uma segunda tradução, para o português.

- (71) a. [Marya Agatu-pi kawsa-j]-ta kri-rka-ni  
 [Marya Agatu-in live-NLZ.PRE]-ACC believe-PAS-1SG  
 ‘I believed that Marya lived in Agatu’
- b. [Marya Agatu-pi kawsa-shka]-ta kri-rka-ni  
 [Marya Agatu-in live-NLZ.PAS]-ACC believe-PAS-1SG  
 ‘I believed that Marya had lived in Agatu’
- c. [Marya Agatu-pi kawsa-na]-ta kri-rka-ni  
 [marya agatu-in live-NLZ.FUT]-ACC believe-PAS-1SG  
 ‘I believed that Marya would/will live in Agatu’

O fenômeno é comum, mas não restrito às línguas nativas sul-americanas. As NLZ-S do grego e turco também preservam propriedades de tempo. Nos exemplos (72) e (73), as formas verbais nominalizadas *irthe* ‘veio’, do grego, e *çikacaginiz* ‘sairá’, do turco, manifestam respectivamente passado e futuro (Alexiadou, 2001, p. 75, 128).

(72) [tooti *irthe*] me ksiafniase  
 [D C *vir.N.PAS*] me surpreendeu  
 ‘o (fato de) ele ter vindo me surpreendeu’

(73) ben [siz-in tatil-e *gik-acag-iniz*]-I duy-du-m  
 1SG [2SG-GEN férias-DAT *sair-NLZ.FUT.FAC-2PL*]-ACC ouvir-PAS-1SG  
 ‘eu ouvi que você sairá de férias’

A diversidade do fenômeno sugere que a suposta ausência de tempo internamente às gerundivas do inglês não pode ser tomada como justificativa para uma análise de suas estruturas como NLZ-L – tema que será retomado com centralidade na discussão dos Capítulos 3 e 4. Aliás, as gerundivas do inglês se comparam às NLZ-S das línguas nas quase a nominalização sentencial devolve estruturas morfológicamente idênticas a sentenças não-finitas. Este é o caso do mojavé, que também preserva a morfologia de aspecto, mais especificamente aspecto Imperfectivo, mas não, a morfologia de tempo, como (1), repetido em (74) abaixo por conveniência (Comrie & Thompson, 1985, p. 67). Nessa língua em particular, a afixação por *-č* denuncia a nominalização sentencial, marcando com Caso nominativo o constituinte encaixado.

(74) [ʔinyep ʔakor ʔ-su.va:r]-č ʔatay-pč  
 [1SG.ACC então 1-cantar.N]-NOM ser.muito.V-T  
 ‘eu cantava muito’

As NLZ-S do mebengokre também não marcam abertamente propriedades de tempo. Antes, promovem a alteração morfológica do verbo para uma versão idêntica à do modo infinitivo e do aspecto imperfectivo. Dados de Salanova (2007) sugerem que a língua não faz distinção morfológica entre verbos





O aporte semântico das *poss-ing* conta com a possibilidade da leitura quantificada, tradicionalmente associada a operações sentenciais, envolvendo reconstrução de escopo em Spec,CP. Os dados em (80) serão retomados no Capítulo 3, seção 3.2.2, dedicada à argumentação de que as gerundivas apresentam comportamento mais sentencial em certos contextos sintáticos do inglês (Frank & Kroch, 1994, p. 10).

- (80) a. how many books<sub>1</sub> did they decide on [<sub>ING</sub> (our) destroying t<sub>1</sub>] Ref/ Quant  
 b. how many books<sub>1</sub> did they decide [<sub>CP</sub> to publish t<sub>1</sub>]? Ref/ Quant

No entanto, a comparação entre as gerundivas do inglês, NLZ-S e sentenças é limitada. O contexto semântico-estrutural das gerundivas e NLZ-S responde a restrições sobre operações associadas ao domínio sentencial (CP). Em línguas como hebraico e grego, a modificação por advérbios do nível discursivo é agramatical (Abney, 1987; Kornfilt & Whitman, 2011). Reapresentamos o exemplo (56) para mostrar que as estruturas gerundivas do inglês apresentam a mesma restrição (Alexiadou, 2001, p. 136).

- (81) a. \* John's *probably* being a spy  
 b. \* John's *fortunately* knowing the answer

Anteriormente neste capítulo, seção 2.4.2, vimos que a restrição sobre advérbios associados a CP vem sendo apresentada como evidência de que as gerundivas não partem de sentenças, ou, pelo menos, não preservam propriedades sentenciais.

## 2.6 Conclusão

Introduzimos elementos importantes para a discussão do capítulo seguinte, onde os dados mais relevantes serão retomados, juntamente com as propostas de análise de seus respectivos autores.

Já identificamos e comparamos as gerundivas do inglês, observando sua (i) produtividade, visto que todos os verbos da língua apresentam versões gerundivas

(embora nem todos, versões derivadas, cf. Lees (1960); Chomsky (1970)); (ii) diversidade, considerando a possível variação entre *ing-of*, *poss-ing*, *acc-ing* ou *PRO-ing* (cf. Abney (1987); Suzuki (1988)); e (iii) ambiguidade estrutural, manifesta em construções híbridas, com propriedades nominais e sentenciais (“das mais perplexas construções da língua”<sup>11</sup>, cf. Abney (1987, p. 13)).

As gerundivas do tipo *ing-of* se aproximam mais das NLZ-L, por apresentarem distribuição sintática e estrutura interna regularmente nominal. Assim como nominais derivados, licenciam a inserção do determinante *the*, a modificação por adjetivos e a pluralização do verbo nominalizado. Os dados desse tipo estrutural sugerem um *vP* defectivo ou ausente, por não atribuir Caso acusativo ao argumento interno ou papel temático (de agente) ao argumento externo (cf. Generalização de Burzio). As *ing-of* ainda licenciam exclusivamente leitura quantificada e são ambíguas entre as leituras resultativa e eventiva, justamente como esperado para projeções (canônicas) de DP.

As gerundivas dos tipos *poss-ing* e *acc-ing* se aproximam mais das NLZ-S. Não licenciam determinantes, modificação por adjetivo ou pluralização (embora as *poss-ing* em particular apresentem contexto favorável à marcação do sujeito com Caso genitivo). Os dados sugerem que o *vP* envolvido é estável, porque preserva a marcação do sujeito com papel de agente e do complemento com Caso acusativo e papel de tema. Diferentes autores convergem na caracterização dessas gerundivas como expressões nominais altamente complexas, ou como estruturas verbais que projetam DP ou são por ele selecionadas (via nominalização). No entanto, como veremos no que segue, a literatura diverge na análise da estrutura verbal nominalizada. As *poss-ing* em particular protagonizam extensos debates, com questões ainda em aberto.

Finalmente, entendemos que comparações como a proposta por Resende (2016), apresentada na seção 2.4.2 deste capítulo, têm muito a contribuir não apenas com o mapeamento do fenômeno entre línguas de diferentes famílias, mas potencialmente com respostas às perguntas que a literatura ainda se coloca a respeito da caracterização estrutural interna das NLZ, em especial das mais complexas. Por isso, desde já, reconhecemos a importância de trabalhos futuros incluírem mais dados de nominalização de língua portuguesa, assim como de

---

<sup>11</sup> “One of the most perplexing structures in English is the so called ‘Poss-ing’ gerundive construction.”

línguas indígenas brasileiras, ou, de modo mais amplo, nativas sul-americanas, aqui representadas por autores como Cole (quéchua), Bertinetto (tupi e tenetehára) e Salanova (mebengokre). Estas línguas são particularmente interessantes para o estudo do fenômeno em pauta, por nominalizarem verbos e sentenças produtivamente, com claros impactos morfossintáticos.

### 3 NLZ gerundiva: propostas de análise

As gerundivas do inglês foram introduzidas na literatura como NLZ-S, e o capítulo anterior mostrou que elas de fato compartilham propriedades sintáticas e semânticas com as NLZ mais complexas de línguas de diferentes famílias. Neste capítulo, dedicamo-nos à apresentação das principais propostas de análise para as gerundivas do inglês, com foco nos desdobramentos para a estruturação sintática das *poss-ing*, tipo gerundivo com maior volume de dados e análises na literatura. Ressaltamos os pontos de convergência e divergência entre autores, e, ao fim de cada seção, avaliamos o alcance teórico e empírico da proposta, preparando o caminho para a implementação da Hipótese da Hibridação de Categorias no capítulo seguinte.

#### 3.1 Primórdios do estudo da nominalização

Atribui-se a Lees (1960), o pioneirismo no estudo da nominalização. Para o autor, todo sintagma com distribuição sintática semelhante à de um VP ocupando, porém, uma posição argumental é produto do mecanismo transformacional que insere um nóculo N no topo da estrutura. A proposta abarca todo tipo de nominalização deverbal. Tomando (82) como exemplo, o autor defende que a expressão nominal em (82c) é derivada transformacionalmente da passiva em (82b), que por sua vez é derivada transformacionalmente da afirmativa em (82a)<sup>12</sup>.

- |   |              |
|---|--------------|
| (82) a. the enemy destroyed the city        | Afirmativa   |
| b. the city was destroyed by the enemy      | Passiva      |
| c. the destruction of the city by the enemy | Nominalizada |

Essa análise popularizou, em particular no período dos anos 60 e 70, a ideia de que (pelo menos algumas) sentenças subordinadas, incluindo as gerundivas do inglês, correspondem a estruturas sentenciais dominadas por um núcleo nominal

---

<sup>12</sup> Ver Den Dikken (2002: 169-170) para uma descrição comparativa dos modelos de Gramática Transformacional de Lees (1960) e Chomsky (1970).

(N). Chomsky (1970) concorda parcialmente, destacando que a ausência de passivas para nominais como *John's photo* e *the tomatoes' growth* acomete a ideia de que as NLZ do inglês derivam necessariamente de sentenças passivas via transformação. A proposta distingue o produto da nominalização entre NLZ-S e NLZ-L, baseando-se nos componentes gramaticais subjacentes à formação de cada tipo estrutural. Mantém a análise das gerundivas do inglês como NLZ-S, formadas no componente transformacional (*à la* Lees); mas aposta na análise das derivadas e, provavelmente, apesar de bem menos claro, das mistas, como NLZ-L, formadas no componente lexical (*à la* então lançada hipótese lexicalista) (Chomsky, 1970, p. 60).

- |  |           |
|--|-----------|
| (83) a. John's <i>refusing</i> the offer | Gerundiva |
| b. John's refusal <i>of</i> the offer    | Derivada  |
| c. John's <i>refusing of</i> the offer   | Mista     |

Dessa perspectiva, “as diferenças mais marcantes [entre as NLZ-S e NLZ-L] remetem [i] à produtividade do processo [ou, tipo de nominalização] subjacente à formação de suas estruturas, [ii] à generalidade das relações que estabelecem com proposições, e [iii] à complexidade sintática interna”<sup>13</sup> (Chomsky, 1970, p. 187).

As gerundivas se destacam quanto à produtividade. Todo verbo do inglês conta com uma versão gerundiva, mas nem todo, com uma versão derivada (quicá mista). Conforme exemplos (84) e (85), o processo subjacente à nominalização se aplica livremente a sentenças na formação de gerundivas, mesmo nos casos em que a formação de derivadas é bloqueada (85c) (Chomsky, 1970, p. 187-189).

- |  |           |
|--|-----------|
| (84) a. John is eager (for us) to please | Sentença  |
| b. John's being eager (for us) to please | Gerundiva |
| c. John's eagerness (for us) to please   | Derivada  |
- 
- |  |  |
|--|--|
| (85) a. John is easy/ difficult to please  |  |
| b. John's being easy/ difficult to please  |  |
| c. * John's easiness/ difficulty to please |  |

<sup>13</sup> “The most striking differences has to do with the productivity of the process in question, the generality of the relation between the nominal and the associated proposition, and the internal structure of the nominal phrase.”

Já vimos que as gerundivas não licenciariam determinantes, quantificadores ou demonstrativos – conforme Capítulo 2, seção 2.4.2. Com base nos dados em (84), Chomsky observa que a substituição do sujeito *John's* por qualquer elemento determinante resultaria em agramaticalidade. Com os dados em (86) e (87), demonstra que, diferentemente das derivadas, as gerundivas licenciam modificação por advérbios, não por adjetivos (Chomsky, 1970, p. 195) – conforme Capítulo 2, seções 2.4.2 e 2.4.3.

- |   |           |
|---|-----------|
| (86) a. [John's refusing] in that manner                | Gerundiva |
| b. *[John's refusal] in that manner                     | Derivada  |
|   |           |
| (87) a. [John's refusing] in a manner that surprised me |           |
| b. *[John's refusal] in a manner that surprised me      |           |

As gerundivas contam com uma estrutura argumental mais complexa, e tomam argumentos obrigatoriamente (Grimshaw, 1990; Alexiadou, 2001). Estes argumentos podem ser complementos verbais considerados agramaticais (ou menos naturais) quando associados às derivadas, como *before-clauses* e *because-clauses* (Chomsky, 1970, p. 193).

- |  |           |
|--|-----------|
| (88) a. [his criticizing the book] before he read it                                   | Gerundiva |
| b. *[his criticism of the book] before he read it                                      | Derivada  |
|  |           |
| (89) a. [his criticizing the book] because of its failure to go deeply into the matter |           |
| b. *[his criticism of the book] because of its failure to go deeply into the matter    |           |

De acordo com Chomsky (1970, p. 2016), embora essas construções não apresentem tempo e modo, os traços de aspecto (progressivo) são preservados, e se manifestam no afixo nominalizador *-ing*<sup>14</sup>.

Dada a ausência de uma distinção sistemática entre as gerundivas do inglês, Lees (1960) e Chomsky (1970) não comentam a predominância das “*poss-ing*” em seus dados. De fato, nesse momento da teoria, o gerundivo “*ing-of*” ainda é comumente tratado como “derivado” (ou “misto”, na terminologia chomskyana),

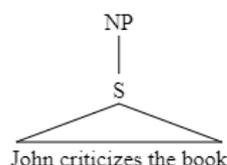
<sup>14</sup> “Tense and Modal are thus excluded from the gerundive nominal, but not Aspect.”

e os gerundivos “*poss-ing*”, “*acc-ing*” e “*PRO-ing*” ainda são genericamente tratados como “gerundivos” (ver Horn (1975), Reuland (1983), Abney (1987) e Suzuki (1988) para trabalhos importantes na dissociação entre essas construções).

Lees e Chomsky analisam as gerundivas como NLZ-S, expressões que preservam (em alguma medida) as relações semânticas e propriedades estruturais das *kernel sentences* a partir das quais foram obtidas via regras transformacionais. Os autores reafirmam o caráter sentencial das NLZ-S, mas discordam quanto à generalidade do processo subjacente à formação das NLZ-L (Chomsky, 1970, p. 221). Inferimos a representação da proposta de Lees em (90) a seguir:

Estrutura das gerundivas segundo Lees (1960) e Chomsky (1970)

(90) John’s criticizing the book

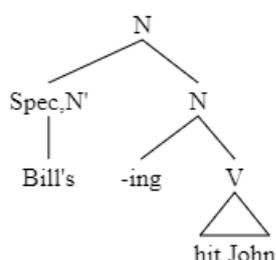


Análises dessa natureza orientaram os primeiros esforços no estudo da nominalização, e no tratamento das gerundivas como um conjunto homogêneo de estruturas nominalizadas no nível sentencial. Em Rosenbaum (1962), a estreita comparação entre as construções gerundivas e sentenciais leva à análise de ‘s como “complementizador *poss-ing*”, contraparte nominal do complementizador sentencial *that*. Rosenbaum reconhece a limitação de sua proposta para as estruturas que hoje conhecemos por “*acc-ing*”, mas atribui à formação destes “sintagmas verbais” a complementização por *for-to*, uma “instância do complementizador *poss-ing*” (Rosenbaum, 1962, p. 47).

Horn (1975) e Reuland (1983) fazem distinção entre os gerundivos dos tipos “*poss-ing*” e “*acc-ing*”, defendendo serem suficientemente independentes para receberem análises distintas. Os autores argumentam a favor da análise exclusivamente das estruturas *acc-ing* como sentenças encabeçadas por N (no mesmo espírito de Lees e Chomsky). Segundo Passmore (2003), a proposta de Horn toma por “gerundivas verbais” ambas as estruturas, *poss-ing* e *acc-ing*, atribuindo, contudo, análises distintas a cada uma delas. As *poss-ing* não são analisadas como sentenças nominalizadas (como no caso das *acc-ing*), mas como projeções nominais (NP) nucleadas por *-ing* (Passmore, 2003, p. 17).

Estrutura das gerundivas *poss-ing* segundo Horn (1975 *apud* Passmore, 2003)

(91) Bill's hitting John



Para Passmore (2003, p. 18), no entanto, é Suzuki (1988) quem “captura com mais precisão a dicotomia entre *poss-ing* e *acc-ing*”<sup>15</sup>. O sufixo *-ing* é analisado como uma realização morfológica de Infl, sendo C e N possíveis domínios de IP, e as estruturas *poss-ing* e *acc-ing*, resultantes especificamente do domínio de N sobre IP (i.e., nominalização de IP). Nessa análise, Infl carrega traços [+F +N] nas *poss-ing* e, [+F -N] nas *acc-ing*. O contexto mais nominal das *poss-ing* responderia pela formação do contexto estrutural favorável à marcação do sujeito com Caso genitivo.

Trabalhos posteriores questionam o modelo transformacional de gramática, a hipótese lexicalista e a análise das *poss-ing* como nominalizações no nível S, mas, guardadas as devidas proporções, sustentam a distinção chomskyana entre NLZ-S e NLZ-L, e a busca pela diversidade das gerundivas intralinguisticamente. Com a exceção de Frank & Kroch (1994), os autores ainda tendem à análise das gerundivas do inglês como estruturas mistas entre propriedades nominais e sentenciais, derivadas via inserção sintática de categoria funcional nominalizante.

## 3.2 Principais análises formais

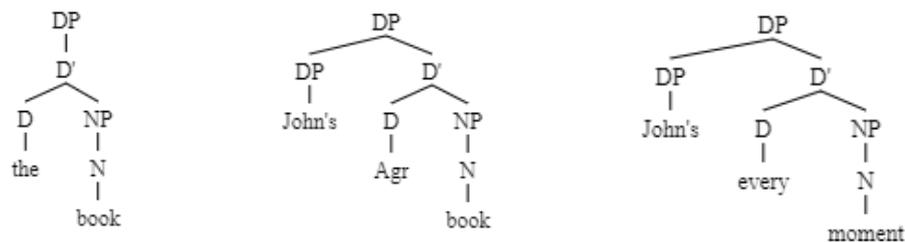
### 3.2.1 Abney (1987): gerundivas *poss-ing*, *acc-ing* e *ing-of*

Abney (1987) entende que projeções tradicionalmente rotuladas por NP não comportam a diversidade das expressões nominais. O autor defende que o fato de determinantes serem restritos a nominais, e frequentemente obrigatórios em suas estruturas, aponta para a postulação de D como núcleo do domínio nominal. A “Análise do DP” abarca nominais simples e complexos (Abney, 1987, p. 18-20).

<sup>15</sup> “Suzuki (1988) [...] capturing even more precisely the dichotomy between *poss-ing* and *acc-ing*.”

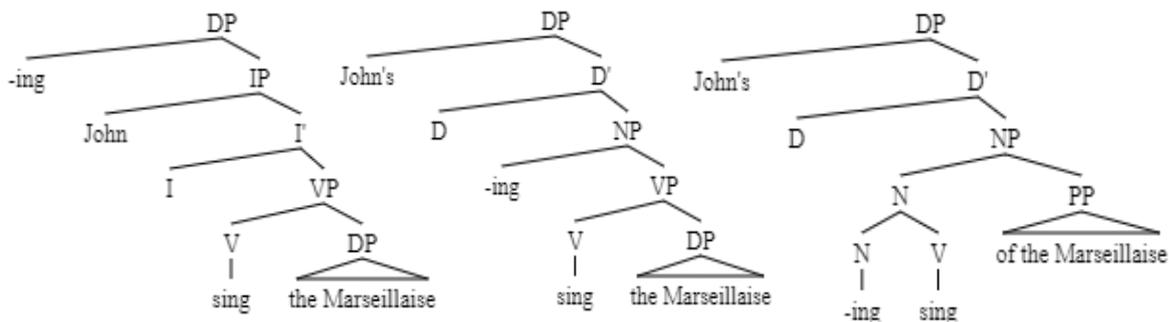
## Estrutura do DP segundo Abney (1987)

(92)



Nessa proposta, D está para o domínio nominal assim como Infl/I está para o domínio sentencial, sendo ambos, D e I, categorias funcionais. Enquanto DP é composto pelos traços [+F +N] e toma NP como complemento, IP é composto pelos traços [+F -N] e toma VP como complemento, de modo que determinantes (ex.: *the, every*) estão para a manifestação lexical de D, assim como modais (ex.: *do, must*) estão para a manifestação lexical de I. Assim, D e I compõem, ao lado de C, o rol das categorias funcionais da Gramática (Abney, 1987, p. 2-38).

Alinhado à proposta transformacionista chomskyana (Chomsky, 1970, 1981), Abney defende que o afixo nominalizador *-ing* assume escopo sobre IP, VP ou V° (considerando “assumir escopo sobre” como sinônimo de “ser nóculo irmão de” (Abney, 1987, p. 141)) e projeta DP na formação de três tipos gerundivos: *acc-ing*, *poss-ing* e *ing-of*, respectivamente – conforme Capítulo 1, seção 1.1, adotamos esta nomenclatura. Invariavelmente, *-ing* apresenta as mesmas propriedades básicas, isto é, toma estruturas verbais para convertê-las em nominais. As diferenças entre os três tipos gerundivos se reduzem ao escopo do afixo nominalizador sobre a estrutura nominalizada, conforme (93) a seguir (Abney, 1987, p. 141-142).

Estruturas das gerundivas *acc-ing*, *poss-ing* e *ing-of* segundo Abney (1987)(93) a. *Acc-ing*b. *Poss-ing*c. *Ing-of*

De acordo com o autor, uma quarta possibilidade estaria na conversão de um CP em uma projeção nominal, caso o autor não zelasse pela manutenção dos princípios universais observados em Chomsky (1986), de acordo com os quais adjunção a CP e estruturas do tipo [<sub>CP</sub> C [<sub>DP</sub> -ing [<sub>IP</sub> ...]]] violam propriedades de c-seleção associadas a C (Abney, 1987, p. 142).<sup>16</sup>

Até então, a literatura associava as *acc-ing* a estruturas sentenciais e as *poss-ing* a nominais. Para citar, Reuland (1983, p. 102) se referiu às *acc-ing* como sentenças desprovidas de tempo (ver Horn (1975) e Reuland (1983) para detalhes da análise das *acc-ing* como estruturas sentenciais). No entanto, Abney argumenta que, na distribuição sintática, as *acc-ing* se aproximam mais das *poss-ing* do que das sentenças. Como ilustramos em (94-99) a-seguir, as *acc-ing* ocupam posições argumentais, apresentando um comportamento mais nominal como objeto preposicionado (94), sujeito invertido (95), sujeito de sentença subordinada (96), sujeito de sentença introduzida por advérbio (97) e como sentença topicalizada (98) ou clivada (99) (Abney 1987, p. 109-110).

#### Objeto preposicionado

- |         |   |                   |
|---------|---|-------------------|
| (94) a. | I learned about [John/ him smoking stogies]   | Acc-ing           |
| b.      | I learned about [John's/ his smoking stogies] | Poss-ing          |
| c.      | * I learned about [that John smokes stogies]  | Sentença canônica |

#### Sujeito invertido

- (95) a. ? would [John/ him smoking stogies] bother you  
 b. would [John's/ his smoking stogies] bother you  
 c. \* would [that John smokes stogies] bother you

#### Sujeito de sentença subordinada

- (96) a. ? I believe that [John/ him smoking stogies] would bother you  
 b. I believe that [John's/ his smoking stogies] would bother you  
 c. \* I believe that [that John smokes stogies] bothers you

<sup>16</sup> Roussou (1991) também se ocupa de questões relativas a problemas de c-seleção na análise das NLZ mais complexas. A autora defende que CPs adquirem *status* nominal e tornam proposições em algo que pode atuar como argumento (1991, p. 85). Equiparando CP a NP, propõe uma estrutura do tipo [<sub>DP</sub> D [<sub>XP</sub> C/N]] especificamente para as NLZ-S do grego, com realização em PF de C & D. Como veremos, no entanto, o paralelo CP-NP não se firmou na literatura formal, sobretudo após a proposta de Szabolcsi (1994) para o paralelo CP-DP.

Sujeito de sentença introduzida por advérbio

- (97) a. perhaps [John/ him smoking stogies] would bother you  
 b. perhaps [John's/ his smoking stogies] would bother you  
 c. ?? perhaps [that John smokes stogies] bothers you

Topicalizada

- (98) a. ? [John/ him smoking stogies] I can't abide  
 b. [John's/ his smoking stogies] I can't abide  
 c. \* [that John smokes stogies] I can't believe

Clivada

- (99) a. it's [John/ him smoking stogies] that I can't abide  
 b. it's [John's/ his smoking stogies] that I can't abide  
 c. \* it's [that John smokes stogies] that I can't believe

Abney defende que a marginalidade das *acc-ing* nesses contextos, particularmente em (95), (96) e (98), responde à particular projeção de um DP não-endocêntrico, que seleciona diretamente IP como complemento (diferentemente das *poss-ing* e *ing-of*, que contam com um DP endocêntrico, e com a projeção de um nóculo intermediário NP – ver contraste entre as estruturas em (93)). A ausência de um núcleo D explicaria o fato de as gerundivas desse tipo não apresentarem tantos traços  $\phi$  (*phi-features*) nominais quanto seus pares gerundivos.

Note que, enquanto o domínio por DP aproxima as *acc-ing* das estruturas nominais, a não-endocentricidade desse mesmo domínio afasta as *acc-ing* de um comportamento sintático nominal-típico. Abney atribui à não-endocentricidade desse tipo gerundivo “o fato de que (i) constituintes com mais de uma *acc-ing*, quando em posição de sujeito (orações coordenadas), não engatilham concordância de número; e (ii) uma anáfora no sujeito de uma *acc-ing* em posição de sujeito não se liga a longa distância”<sup>17</sup> (Abney, 1987, p. 143), conforme exemplos (100) e (101) a seguir (Abney, 1987, p. 144):

<sup>17</sup> “The two properties in question are (i) the fact that conjoined Acc-ing phrases in subject position do not trigger plural agreement, and (ii) that an anaphor in the subject of Acc-ing in subject position cannot be long distance bound.”

- (100) a. [John coming so often and Mary leaving so often] bothers/ \*bother me  
 b. [John and Mary] \*bothers/ bother me

- (101) a. \* they thought that [each other giving up the ship] was forgivable  
 b. they thought that [each other's desertion] was forgivable

Coletamos dados de gerundivas *acc-ing* e *poss-ing* nos dois contextos acima com falantes nativos do inglês<sup>18</sup> e os julgamentos de aceitabilidade obtidos não indicaram uma agramaticalidade tão robusta quanto à assumida por Abney acima, na comparação entre as *acc-ing* e os nominais canônicos. Nossos dados sugerem, antes, que a hipótese de que a agramaticalidade (ou marginalidade) em questão se deve a à ausência de um núcleo D carece de revisão. Os dados em (102) e (103) apresentam os julgamentos de gramaticalidade obtidos:

- (102) a. [John coming so often and Mary leaving so often] bothers me  
 b. [John's coming so often and Mary's leaving so often] bothers me

- (103) a. ? they thought that [each other giving up the ship] was forgivable  
 b. they thought that [each other's giving up the ship] was forgivable

Abney conclui que as *acc-ing* correspondem a nominalizações no nível do IP (*-ing* tem escopo sobre IP) e as *poss-ing*, seu par mais próximo, a nominalizações no nível do VP (*-ing* tem escopo sobre VP) – nas *ing-of*, *-ing* teria escopo sobre o núcleo V°. Dessa perspectiva, as *poss-ing* se aproximam mais da expressão nominal canônica, porque apresentam um DP endocêntrico, e distribuição argumental típica, características apenas marginalmente extensíveis às *acc-ing* (Abney, 1987, p. 145). O autor converge com Lees (1960) e Chomsky (1970) no processo derivacional responsável pela nominalização, mas diverge dos mesmos sobretudo na postulação de IP como domínio nominalizado.

A “Análise do DP” (nos termos do próprio autor) explora com sucesso as relações de concordância internamente ao domínio nominal, mas atribui ao topo da estrutura um DP análogo ao IP sentencial. Críticas à proposta envolvem o

<sup>18</sup> Tratam-se de dados coletados informalmente, mas que passaram pelo julgamento de falantes nativos do inglês. Dados disponíveis no *Facebook* de Cilene Rodrigues.

paralelo DP-IP, primeiramente, por desconsiderar dados de autores como Szabolcsi (1981, 1983) e Horrocks & Stavrou (1985, 1987) como evidências a favor do paralelo DP-CP. Dados do húngaro mostram que a periferia esquerda nominal conta com uma posição especificadora, semelhante a Spec,CP, capaz de receber elementos em movimento A-barra. Nessa língua especificamente, o alçamento do possuidor depende da disponibilidade dessa posição especificadora, na borda da estrutura, onde recebe Caso dativo (Szabolcsi, 1981, p. 272).

(104) a. [S \_\_\_ hosszú-ak [NP a kar-já-i-Ø-Ø Péter-*nek*]]  
 [S \_\_\_ ser.longo-PL [NP D braço-POSS-PL-3SG-NOM Péter-DAT]]  
 ‘os braços do Péter são longos’

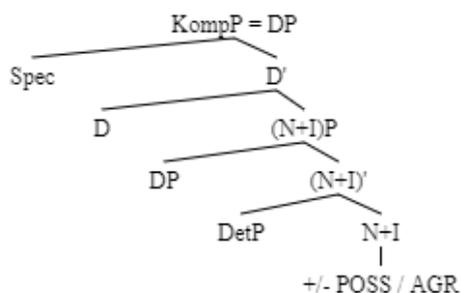
b. [S Péter-*nek*<sub>1</sub> hosszú-ak [NP *t*<sub>1</sub> a kar-já-i-Ø-Ø *t*<sub>1</sub>]]  
 [S Péter-DAT<sub>1</sub> ser.longo-PL [NP *t*<sub>1</sub> D braço-POSS-PL-3SG-NOM *t*<sub>1</sub>]]  
 ‘Péter cujos braços são longos’

c. \*[S Péter-Ø<sub>1</sub> hosszú-ak [NP \*(*t*<sub>1</sub>) a kar-já-i-Ø-Ø *t*<sub>1</sub>]]  
 [S Péter-NOM<sub>1</sub> ser.longo-PL [NP (*t*<sub>1</sub>) D braço-POSS-PL-3SG-NOM *t*<sub>1</sub>]]

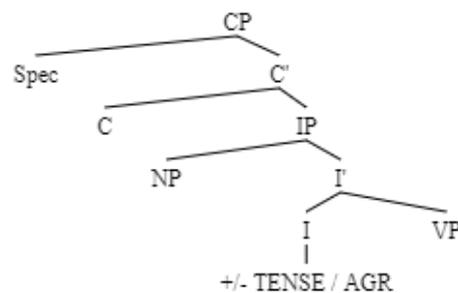
Szabolcsi também defende que projeções nominais correspondem a estruturas com domínio análogo ao domínio sentencial, e pratica (nominalmente) a postulação de D como categoria funcional dominante, mas enfatiza que, na analogia nome-sentença, DP equivale a CP (KompP), não a IP (Szabolcsi, 1989, 1994). De acordo com a autora, as relações de concordância possuidor-possuído observadas em (104) acima equivalem às de sujeito-verbo, e demandam a postulação de uma categoria funcional do tipo IP, porém localizada imediatamente abaixo do domínio nominal (Szabolcsi, 1994, p. 31).

Estruturas nominal e sentencial segundo Szabolcsi (1994)

(105) a. Nome



b. Sentença



Horrocks & Stavrou apresentam análise semelhante para os dados do grego, cujos constituintes da estrutura nominal podem ser topicalizados indistintamente, bem como extraídos e movidos para o domínio matricial. Segundo os autores, essas propriedades evocam a postulação de um domínio compatível com D, por acomodar artigos no núcleo, mas também compatível com C, por acomodar, no especificador, constituintes em movimento cíclico (Alexiadou, 2001, p. 31)<sup>19</sup>.

- (106) a. [[to kokino]<sub>1</sub> to forema t<sub>1</sub>]  
 [[o vermelho]<sub>1</sub> o vestido t<sub>1</sub>]
- b. [to kokino]<sub>1</sub> um ipes pos aghorases [t<sub>1</sub> to forema t<sub>1</sub>]  
 [o vermelho]<sub>1</sub> me.DAT dizer.2SG como comprar.2SG [t<sub>1</sub> o vestido t<sub>1</sub>]

Esses trabalhos contribuem, conjuntamente, para a consolidação de D como núcleo máximo da estrutura nominal, principalmente das estruturas nominais mais complexas, nas quais NP figura como complemento de categorias funcionais (Grimshaw, 1990; Longobardi, 2001). A análise Szabolcsi para o húngaro, bem como a de Horrocks & Stavrou para o grego, aponta fortemente para DP como contraparte nominal de CP (não de IP), orientando a chamada Hipótese do DP Sentencial (*Clausal-DP Hypothesis*), que é a análise corrente para a analogia nome-sentença (Grohmann, 2003, p. 211).

- (107) a. Estrutura sentencial: CP > AgrP > vP  
 b. Estrutura nominal: DP > AgrP > NP

O estudo do domínio nominal passa necessariamente pelo estudo da nominalização, e especialmente das gerundivas do inglês, a partir das quais Abney postula DP, importante passo teórico para as análises formais. Cristalizada o paralelo DP-CP, segue em aberto o debate sobre a constituição interna principalmente das gerundivas *poss-ing* e *acc-ing*, bem como das NLZ-S translinguisticamente, estruturas cujos domínios exibem um comportamento ambíguo entre propriedades sentenciais e nominais.

<sup>19</sup> Divergências com análises anteriores levam Horrocks e Stavrou (1997) a reforçarem sua opção por um núcleo funcional nominal distinto, pelos autores então denominado ArtP (*article phrase*).



passando pelo Spec da subordinada *to attack* antes de atingir no Spec da matriz *did they plan*. Dessa perspectiva, a estrutura em (108b) não licencia a leitura quantificada porque o sintagma movido não encontra posição especificadora intermediária no constituinte de origem, um nominal, *a plan to attack*. Com efeito, os autores defendem que Spec,DP inexistente ou bloqueia o movimento desse tipo de *-qu*, e concluem que a posição especificadora em questão denuncia uma estrutura sentencial quando licencia a leitura quantificada.

Curiosamente, as gerundivas do inglês (especificamente as do tipo *poss-ing*) licenciam ambas as leituras, referencial e quantificada, conforme exemplo (109). Segundo Frank & Kroch, assim como a estrutura sentencial subordinada em (108a), a gerundiva em (109) deve apresentar uma borda capaz de abrigar o sintagma *how many cities* em movimento cíclico (Frank & Kroch, 1994, p. 10).

(109) [how many cities]<sub>1</sub> did Hitler insist on [(our) destroying t<sub>1</sub>]?      Ref/ Quant

A formação de lacunas parasíticas, associada a adjuntos de expressões sentenciais, também desafia a análise das gerundivas como projeções nominais. Com o exemplo (110), Frank & Kroch (1994, p. 12) mostram que adjuntos nominais (110a-b) não favorecem a formação de lacunas parasíticas, exigindo preenchimento morfológico por pronome resumptivo. A mesma restrição não se aplica a adjuntos não-nominais (110c-d), incluindo o adjunto sentencial em (110c) e o gerundivo em (110d).

(110) a. [which building]<sub>1</sub> did the mayor<sub>2</sub> report on [Trump<sub>3</sub>'s renovation of t<sub>1</sub>]  
[O<sub>1</sub> after PRO<sub>2/\*3</sub> previously abandoning e<sub>1</sub>]?

b. [which building]<sub>1</sub> did the mayor<sub>2</sub> report on [Trump<sub>3</sub>'s renovation of t<sub>1</sub>]  
[after PRO<sub>2/3</sub> previously abandoning \*(it<sub>1</sub>)]?

c. [which building]<sub>1</sub> did the mayor<sub>2</sub> report [that Trump<sub>3</sub> renovated t<sub>1</sub>] [O<sub>1</sub>  
after PRO<sub>2/3</sub> previously abandoning e<sub>1</sub>]?

d. [which building]<sub>1</sub> did the mayor<sub>2</sub> report on [Trump<sub>3</sub>'s renovating t<sub>1</sub>] [O<sub>1</sub>  
after PRO<sub>2/3</sub> previously abandoning e<sub>1</sub>]?

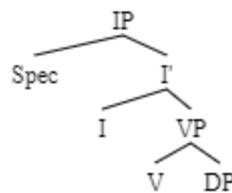


Com efeito, os autores defendem que as estruturas gerundivas projetam IP nus, correspondendo, portanto, a estruturas sentenciais podadas, desprovidas da camada complementizadora (Frank & Kroch, 1994, p. 24).

Lembramos que o licenciamento da leitura quantificada ocorre em contextos de auto-encaixamento sentencial e depende de uma posição especificadora intermediária. Na Teoria Minimalista, essa posição é Spec,CP, ao passo que, para Frank & Kroch, essa posição é de adjunção a IP. Portanto, da perspectiva de Frank & Kroch, tanto a compatibilidade semântica das gerundivas com a leitura quantificada quanto a análise de suas estruturas como sentenças podadas aponta para a postulação de “Spec,IP”, conforme representação em (115). Neste ponto, os pressupostos iniciais do gerativismo minimalista não convergem necessariamente com o paradigma teórico da TAG.

Estrutura gerundiva inferida de Frank e Kroch (1987)

(115)



Entendemos que uma descrição detalhada dos modelos de Gramática em questão não apenas culminaria em análises opostas, mas fugiria aos propósitos deste diagnóstico. Por isso, atemo-nos a comentar que, dependendo do paradigma teórico adotado, a análise das gerundivas do inglês (em particular, das *poss-ing* – ex.: *John's building a spaceship*) como sentenças podadas pode (i) comprometer a explicação oferecida para o licenciamento da ambiguidade semântica do exemplo (109), via movimento cíclico do sintagma *-qu* quantificado; e (ii) desconsiderar um comportamento tipicamente associado a IPs nus: a impossibilidade de atribuir Caso (nominativo ou genitivo) ao NP na posição de sujeito, como ilustra a agramaticalidade do exemplo (116).

- (116) a. \* [CP it seems [IP John to be happy]] Nominativo  
 b. \* [CP it seems [IP John's to be happy]] Genitivo

Frank & Kroch reabrem a discussão sobre a proximidade estrutural entre as expressões sentenciais e gerundivas (CP/IP), descartando a possibilidade de as

gerundivas projetarem uma categoria funcional de natureza nominalizante (DP). Os autores se destacam no estudo da nominalização, trazendo sólidas evidências para a incompatibilidade estrutural entre as *poss-ing* e as projeções de DP, com questões ainda em aberto particularmente na Teoria Minimalista. No entanto, convergem no sentido mais geral de que as *poss-ing* não podem ser analisadas como estruturas nominais (DP) ou sentenciais (CP) canônicas.

Translinguisticamente, vale destacar, dados de frontalização internamente a nominais de línguas como húngaro e grego exibem movimento cíclico, e sugerem a existência de Spec,DP (Szabolcsi, 1981, 1987, 1989, 1994; Horrocks & Stavrou, 1985, 1987), descartada em Frank & Kroch. A existência e funcionalidade dessa posição especificadora reforça o paralelo CP-DP, e desafia a proposta estrutural em (115). Paralelamente, destacamos também que as propostas de Abney (1987) e Bresnan (1997)<sup>20</sup> para as NLZ-S do inglês (i.e., *acc-ing*) e galês (língua céltica, Reino Unido) envolvem projeções de IPs, mas, diferentemente de Frank & Kroch, esses autores não descartam o domínio pela categoria funcional nominalizante D.

### 3.2.3

#### Alexiadou (2001): gerundivas como AspectP dominado por DP

Alexiadou (2001) parte tanto da divisão chomskyana entre nominais derivados e gerundivos (Chomsky, 1970) quanto da análise de DP como projeção máxima da estrutura nominal (Abney, 1987). Diverge, contudo, de Abney (1987) quanto à analogia nome-sentença, optando pelo paralelo DP-CP sob a afirmativa de que “DP está para NP assim como CP está para VP”<sup>21</sup> (Alexiadou, 2001, p. 31). Alinhada a Horrocks & Stavrou (1985, 1987), assume que a estrutura nominal exhibe propriedades associadas a movimento A-barra.

Com exemplos do tipo em (117) e (118) a seguir, extraídos do grego, Alexiadou busca demonstrar que um elemento possuidor pode mover para a borda da estrutura nominal (frontalização) e, em seguida, para a borda de seu predicador (extração), semelhantemente a sujeitos em contextos estruturais interrogativos (Alexiadou, 2001, p. 32).

<sup>20</sup> A proposta de Bresnan (1997) para as estruturas mistas envolve compartilhamento de traços formais entre núcleos de categorias funcionais, mas sua implementação não se submete facilmente aos pressupostos do gerativismo minimalista, sobretudo no tocante às regras de projeção e categoria. Para mais detalhes, recomendamos a leitura.

<sup>21</sup> “DP is to NP what CP is to VP.”

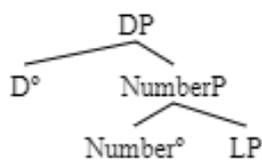
- |                |    |                  |           |          |
|----------------|----|------------------|-----------|----------|
| (117) a. ekane | ti | b. ti            | ekane     | Sentença |
| fazer.3SG      | QU | QU               | fazer.3SG |          |
| ‘ele fez’      |    | ‘o que ele fez?’ |           |          |
- 
- |                    |          |          |           |         |
|--------------------|----------|----------|-----------|---------|
| (118) a. to vivlio | tinós    | b. tinós | to vivlio | Nominal |
| o livro            | POSS.GEN | POSS.GEN | o livro   |         |

A autora explora novas possibilidades teóricas ao dialogar com a Morfologia Distribuída (*DM – Distributed Morphology*) (ver Halle, Hale & Keyser (1993)). Sua proposta parte do pressuposto que “raízes neutras” são interpretadas como “verbais” ou “nominais” apenas após categorizadas no fluxo da derivação sintática. Nesse sentido, a expressão nominal é, por definição, NLZ; e a complexidade estrutural dos diferentes tipos de NLZ varia de acordo com a sobreposição de “sintagmas funcionais” (ou, categorias funcionais).

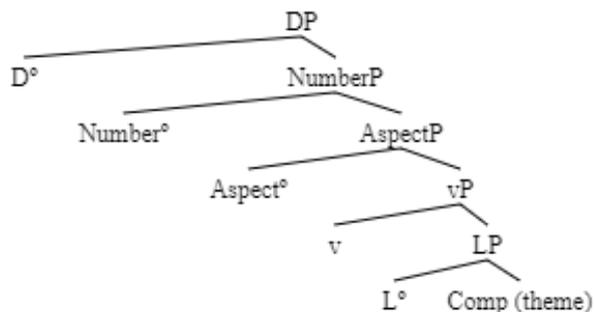
Seu sistema prevê que a inserção de uma raiz  $\sqrt{\quad}$  na sintaxe tem como resultado a projeção de um “sintagma lexical” (*LP – Lexicon Phrase*), base invariável das NLZ, das mais simples às mais complexas, conforme (119) (Alexiadou, 2001, p. 57). A formação dos nominais mais simples (119a) envolve a seleção direta de LP por D (núcleo funcional nominalizante), já a formação dos nominais mais complexos (119b) envolve núcleos funcionais intermediários (não necessariamente de natureza nominal) e enfim a seleção da estrutura por D.

Estrutura das NLZ segundo Alexiadou (2001)

(119) a. Nominal simples



b. Nominal complexo



Alexiadou assume que a seleção por D é mediada por um “sintagma de número” (*NumberP – Number Phrase*), cujo núcleo hospeda traços de flexão e concordância, e provavelmente relacionado a pluralização. Para a autora, traços de

gênero, pessoa e número (quando não inerentes a LP) também se associam a NumberP. A postulação dos sintagmas funcionais AspectP e vP responde a evidências de que, assim como sentenças, certos nominais complexos licenciam modificação por advérbios de aspecto e modo, ainda que, como vimos acima, no exemplo (52), do Capítulo 2, seção 2.4.2, o licenciamento de advérbios responda a variáveis contextuais sintático-semânticas, como o sentido do modificador evocado (52a) e a presença do argumento interno (52b). A seguir, os exemplos (120) e (121) mostram que, no grego, o tipo semântico do advérbio *bimehirut* ‘quickly’ e a presença do argumento interno *tis polis* ‘the city’ são fundamentais à manutenção da gramaticalidade em (120a) e (121a) (Alexiadou, 2001, p. 47-48) – nestes exemplos, optamos por manter as traduções em inglês para evitar distorções sobretudo quanto à marcação do Caso genitivo.

- (120) a. ktivat Dan et há-avoda *bi-mehirut* (compatibilidade semântica)  
 writing Dan ACC the-work *quickly*  
 ‘Dan’s writing of the work quickly’
- b. \* ktivat Dan et há-avoda lelo safek (incompatibilidade semântica)  
 writing Dan ACC the-work doubtlessly
- (121) a. i katastrofi *tis polis* olosheros (com argumento interno)  
 the destruction *the city.GEN* completely  
 ‘the destruction of the city completely’
- b. \*i katastrofi olosheros (sem argumento interno)  
 the destruction completely

Trata-se, de acordo com Alexiadou, de um condicionamento observado nas NLZ deverbais, das mais simples às mais complexas, em línguas de diferentes famílias. No inglês, a formação das NLZ deverbais envolve a seleção de LP por um vP defectivo, incapaz de licenciar modificação por advérbios ou atribuir papel de tema e Caso acusativo ao argumento interno (sem a mediação da preposição *of*) – nesses casos, o argumento externo também não checa papel de agente (como previsto na Generalização de Burzio (1986)). Assim, Alexiadou associa a sintaxe

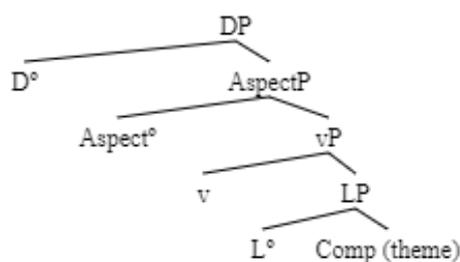
das línguas ergativas à das NLZ deverbais das línguas nominativo-acusativas, sendo ambos os sistemas suscetíveis a estruturas com nódulos verbais defectivos nos mesmos aspectos<sup>22</sup>, um posicionamento amplamente aceito na literatura (ver autores como Comrie (1978), Johns (1992), Salanova (2007) e Coon (2010) para mais detalhes sobre a relação entre nominalização e ergatividade).

Note que Alexiadou restringe a formação das NLZ deverbais ao nível do vP, o que nos parece compatível apenas com as gerundivas do tipo *ing-of*, consideradas as gerundivas mais nominais do inglês. De acordo com a autora, a extensão da análise para as *poss-ing* assume que, além de um sintagma verbal (vP) defectivo quanto à atribuição de Caso e papel temático, estas estruturas também contam com um sintagma nominal (DP) defectivo na projeção de NumberP. A defectividade dessas camadas funcionais explicaria porque o argumento interno é inerentemente acusativo e o externo é estruturalmente genitivo, marcado via movimento para Spec,DP; também explicaria porque as gerundivas deste tipo não licenciam modificação adnominal ou pluralização.<sup>23</sup>

Com efeito, nas palavras da autora, “as gerundivas do inglês correspondem a AspectP selecionado diretamente por D, isto é, sem NumberP”<sup>24</sup>. Embora a autora não apresente uma estrutura para as *poss-ing*, inferimos de sua proposta a representação a seguir (Alexiadou, 2001, p. 137):

Estrutura das gerundivas *poss-ing* segundo Alexiadou (2001)

(122)



A estrutura em (122) busca explicar, paralelamente, o não-licenciamento de modificadores associados a NumberP e o licenciamento da modificação por advérbios de aspecto e modo, associados a AspectP e vP. A ausência de uma

<sup>22</sup> Ver Halle (1970) e Nash (1995) para mais informações sobre a sintaxe das línguas ergativas e Comrie (1978) para mais informações sobre a nominalização como possível gatilho para o surgimento das línguas ergativas.

<sup>23</sup> A autora não analisa outros tipos gerundivos, apenas *ing-of* e *poss-ing*.

<sup>24</sup> “English gerunds are AspectPs embedded directly under D, i.e. they lack NumberP.”

camada funcional complementizadora (CP) responde pela agramaticalidade dos advérbios discursivos (cf. exemplo (56), do Capítulo 2, seção 2.4.2).

Alexiadou atribui a fonte da variação entre nominalizações ao processo subjacente à (re)categorização de raízes na sintaxe. Observa antigos marcos da teoria, como a distinção entre nominais simples e complexos e a Análise do DP, mas também refrigera o estudo da nominalização introduzindo a DM e relacionando a gênese das NLZ deverbais aos sistemas de Caso ergativo. Sua proposta não contempla as gerundivas do tipo *acc-ing*, mas parece buscar por paridade na formação das NLZ gerundivas (mais especificamente, *poss-ing*) e derivadas (*ing-of*) – acreditada possível desde a taxonomia de Grimshaw (1990). A autora não se dedica à natureza da defectividade das categorias envolvidas, em particular à ausência de NumberP na estrutura gerundiva.

Dessa perspectiva, a suposta inacusatividade do vP das *ing-of* e *poss-ing* aproxima ambas as estruturas das NLZ-L. As *poss-ing* manifestam um tipo de defectividade particular, responsável por afetar também a projeção de NumberP. Em contrapartida, nosso panorama das análises para as gerundivas do inglês não aponta necessariamente para as *poss-ing* como estruturas mais defectivas do que as *ing-of*. Como veremos na sequência, as propostas de Panagiotidis & Grohmann (2005) e Kornfilt & Whitman (2011) envolvem um vP estável, como observamos no Capítulo 2, seção 2.4.4, capaz de atribuir papel de agente ao argumento externo e Caso acusativo e papel de tema ao argumento interno. Ao contrário do proposto por Alexiadou, o vP das *poss-ing* parece apresentar o comportamento estável, previsto na Generalização de Burzio.

### 3.2.4

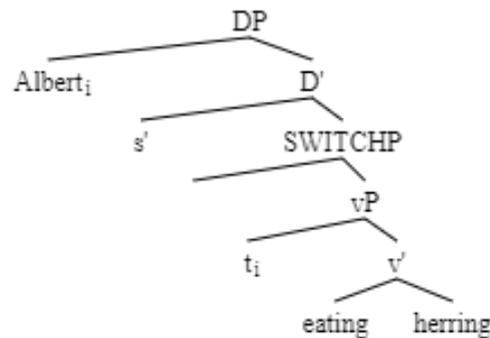
#### **Panagiotidis & Grohmann (2005): gerundivas como vP dominado por SwitchP**

O posicionamento de Panagiotidis & Grohmann (2005) é sistematizado na pressuposição de existência de uma categoria funcional, nomeadamente Switch/SwitchP, capaz de unir duas outras categorias funcionais, uma nominal e outra verbal, na mesma estrutura, seguindo a hierarquia [+N]>[+V]. No inglês, SwitchP é do tipo GerP, mapeando DP e vP na estrutura gerundiva, mais

especificamente as do tipo *poss-ing*, exemplo clássico de projeção mista (Panagiotidis & Grohmann, 2005, p. 2).

Estrutura das gerundivas *poss-ing* segundo Panagiotidis & Grohmann (2005)

(123) Albert's eating herring



SwitchP/GerP responde pela valoração dos traços nominais e verbais, causando a nominalização do sintagma verbal, diretamente selecionado pelo categorizador, licenciando a inserção do núcleo D no topo da estrutura.

Para os autores inserção do núcleo Switch/GerP é sensível ao tipo de complemento que a categoria pode ter. Apenas domínios prolíficos (*Prolific Domains*), nos termos de Grohmann (2003), isto é, vP, TP e CP, podem ser complementos da categoria em questão. Os exemplos abaixo estendem a hipótese para a análise das NLZ deverbais do espanhol, holandês (língua germânica, Europa Oriental) e grego como projeções mistas, nessa ordem, formadas a partir da combinação de DP com vP, TP e CP, via SwitchP (Panagiotidis & Grohmann, 2005, p. 11-13).

(124) el [SWITCHP [vP tocar la guitarra]] de Maria  
 o [NLZ [tocar o violão]] de Maria  
 ‘o tocar violão de Maria’

(125) DAT [SWITCHP [TP stiekem [vP succesvolle liedjes jatten]]]  
 DAT [NLZ [sorrateiramente [bem-sucedidas canções roubar]]]  
 ‘seu roubar canções bem-sucedidas sorrateiramente’

(126) ghnorizo to [SWITCHP [CP pos [TP agonizeste [vP sklira]]]]  
 saber.1SG o [NLZ [como [lutar.2PL [muito]]]]  
 ‘eu sei que vocês lutam muito’

Panagiotidis & Grohmann descartam a possibilidade de DP selecionar diretamente  $\nu$ P, atribuindo a SwitchP o *status* de agente nominalizador sem claras motivações para a postulação de uma nova categoria funcional, ou explicações sobre a natureza da hierarquia [+N]>[+V] – o que remonta questões sobre o discernimento da categoria dominante no compartilhamento de núcleos: por que SwitchP causa nominalização (ex.: [DP[SwitchP[ $\nu$ P]]]), mas não “verbalização” (ex.: [ $\nu$ P[SwitchP[DP]]])? (ver Bresnan (1997) para uma análise com semelhante questionamento).

Adicionalmente, a postulação da nova categoria funcional SwitchP, especializada na formação de estruturas mistas (ou na nominalização em si) é contraproducente da perspectiva minimalista da GG, por acrescentar informação ao léxico, sem participar de outros contextos sintáticos ou causar impactos claros nas interfaces. A proposta também não se aplica facilmente às gerundivas dos tipos *acc-ing* e *ing-of*, e não explica a defectividade das categorias funcionais envolvidas, no caso das *poss-ing*, incapaz de manifestar determinantes ou adjetivos, conforme Capítulo 2, seções 2.4.1 e 2.4.2.

### 3.2.5

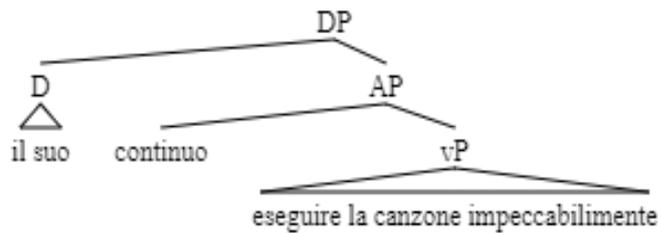
#### **Kornfilt & Whitman (2011): gerundivas como TP dominado por DP**

Kornfilt & Whitman (2011) assumem posicionamento semelhante ao de Borsley & Kornfilt (2000) na defesa de que as “projeções estendidas” (Grimshaw, 1991) podem ser mistas. Assim, alinhados também à hipótese dos “domínios profícuos” (Grohmann, 2003), caracterizam a nominalização como um processo que insere categoria funcional nominalizante (D) em um ponto da espinha estrutural da sentença (i.e.,  $\nu$ P, TP, CP). A estrutura acima da projeção nominalizada por D manifesta propriedades nominais e a estrutura abaixo dela, propriedades verbais.

Embora haja semelhanças com a proposta de Panagiotidis & Grohmann (2005), Kornfilt & Whitman descartam a existência de uma categoria funcional intermediária, conforme seção 3.2.4. Na análise de diferentes línguas, defendem, por exemplo, que as infinitivas do italiano correspondem a nominalizações no nível de  $\nu$ P. Neste caso, o complemento de D contém um  $\nu$ P, responsável por atribuir Caso acusativo, papel temático e modificação adverbial, mas D toma

como complemento imediato um AP, responsável por licenciar modificações adnominais, conforme modificação pelo adjetivo *continuo*, apresentada em (55), do Capítulo 2, seção 2.4.2, e repetida em (127) a seguir com a representação sintática dos autores (Kornfilt & Whitman, 2011, p. 1299).

- (127) *il suo continuo eseguire la canzone impeccabilmente*  
 o seu contínuo executar.INF a canção impecavelmente  
 ‘o seu contínuo executar a canção impecavelmente’



No polonês, a nominalização de CP, ou, “nominalização de sentenças completas”, nos termos dos autores, envolve D selecionando CP como complemento. No polonês, esse tipo de nominalização ainda manifesta aberta e obrigatoriamente a participação tanto do determinante *to* ‘o/a’ quanto do complementizador *ze* ‘que’. Segue abaixo o dado em (13), do Capítulo 1, seção 1.3, com sua representação sintática (Kornfilt & Whitman, 2011, p. 1299).

- (128) *Jan oznajmil [to ze Maria zmienia prace]*  
 Jan anunciar.PAS [D C maria trocar emprego]  
 ‘Jan anunciou que Maria está trocando de emprego’

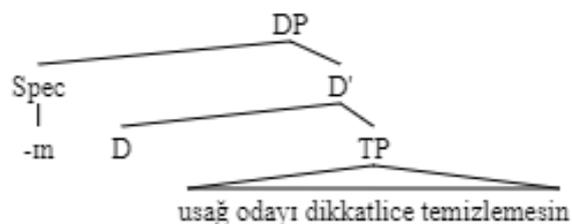


Para Kornfilt & Whitman, contudo, as NLZ-S não partem necessariamente de CP. Esse seria o caso de algumas NLZ-S do turco<sup>25</sup>: a marcação do argumento

<sup>25</sup> Outras NLZ-S do turco são estruturalmente mais próximas das sentenças canônicas (Borsley & Kornfilt, 2000; Kornfilt & Whitman, 2011).

interno com Caso acusativo e o licenciamento de modificadores adverbiais de Modo (ex.: *dikkatlice* ‘cuidadosamente’) sugerem que o ponto da nominalização não é inferior a  $\nu$ P; o aporte semântico de tempo dos afixos nominalizadores sugere que o ponto da nominalização também não é inferior a TP; mas o limitado conjunto de traços relativos a T (i.e., indicando apenas  $[\pm\text{FUT}]$  e  $[\pm\text{realis}]$ ) e a marcação do argumento externo com Caso genitivo (não nominativo) afasta esse tipo de NLZ-S do turco da nominalização no nível de CP. Tratam-se portanto de nominalizações no nível de TP, conforme exemplo (129) a seguir (Kornfilt & Whitman, 2011, p. 1301).

- (129) Hasan [usağ-m oda-yı dikkatli-ce temizle-me-sin]-i  
 Hasan [servo-GEN quarto-ACC cuidado-ADV limpar-NLZ-3SG]-ACC  
 isti-yor  
 deseja-PST.3SG  
 ‘Hasan deseja que o servo limpe o quarto cuidadosamente’



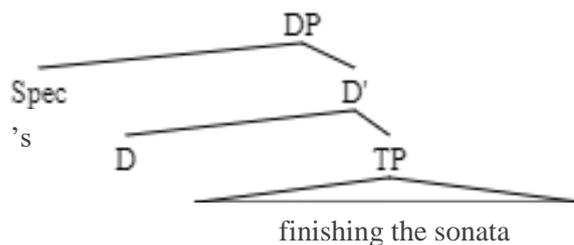
De acordo com os autores, o TP nominalizado é defeitivo em pelo menos três aspectos: (i) não conta com todos os traços de tempo; (ii) não atribui Caso nominativo, mas genitivo; e (iii) não apresenta traços  $\phi$  relativos a concordância (assumindo que tais traços são incompatíveis com um T-defectivo)<sup>26</sup> (conforme Borsley & Kornfilt, 2000).

A mesma análise, nominalização de TP, é apresentada para as gerundivas do inglês, mais especificamente para as do tipo *poss-ing*. Inferimos em (130) a representação dessas estruturas a partir de Kornfilt & Whitman (2011, p. 1301):

<sup>26</sup> “It is defective in three specific respects. First, it does not contain the full complement of Tense features, as we have seen. Second, it does not license nominative case: As we saw above, the subject DP in nominalizations moves through Spec,TP and checks its agentive case future in Spec,DP. Third, it does not bear Agreement ( $\phi$ ) features; we assume that such features are incompatible with a defective T.” (Kornfilt & Whitman, 2011, p. 1301-1302)

Estrutura das gerundivas *poss-ing* segundo Kornfilt & Whitman (2011)

(130) Kim's finishing the sonata



Nesse caso, dada a defectividade do TP em (129) e (130), o sujeito move obrigatoriamente para Spec,DP, onde tem seu Caso valorado como genitivo. Com efeito, Kornfilt & Whitman analisam as *poss-ing* tanto do inglês quanto do turco como nominalizações de TP, mas se referem apenas às *poss-ing* do turco como “sentenciais”. Mesmo padrão pode ser observado em Borsley & Kornfilt (2000). Esse posicionamento se deve provavelmente ao fato de que as *poss-ing* do turco apresentam um T morfologicamente mais completo em termos de traços de tempo, já que os afixos nominalizadores da língua marcam aberta e obrigatoriamente os traços [+FUT] e [+realis].

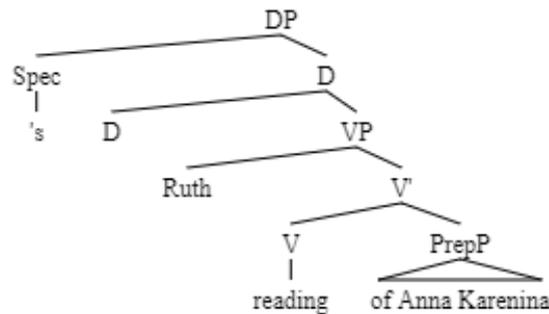
No inglês, a atribuição do traço [realis] ao T-nominalizado, embora não marcada abertamente na morfologia, participa da interpretação semântica subjacente ao contraste entre as gerundivas dos tipos *poss-ing* e *acc-ing*. Como exemplificado em (131) abaixo, diferentemente das *acc-ing*, as *poss-ing* envolvem a leitura de aspecto perfectivo. Em (131), apenas a *poss-ing* (131a) favorece a pressuposição de que de que ‘Kim terminou a sonata’ (Kornfilt & Whitman, 2011, p. 1302).

- |  |          |
|--|----------|
| (131) a. Robin imagined [Kim's finishing the sonata] | Poss-ing |
| b. Robin imagined [Kim finishing the sonata]         | Acc-ing  |

Vale destacar que, nessa análise, sujeitos com Caso nominativo ocorrem em nominalizações de CP (ex.: polonês) e sujeitos com Caso genitivo ocorrem em nominalizações de TP e  $\nu$ P (ex.: italiano, turco, inglês – com T defectivo). Kornfilt & Whitman sugerem que, no inglês, as gerundivas do tipo *ing-of* são semelhantes às infinitivas do italiano (127) e envolvem, portanto, nominalização de  $\nu$ P. Inferimos em (132) a representação dessas estruturas:

Estrutura das gerundivas *ing-of* segundo Kornfilt & Whitman (2011)

(132) Ruth's (frequent) reading of Anna Karenina



De acordo com Kornfilt & Whitman, o domínio de D sobre  $vP$  conta com uma categoria nominal intermediária (atribuída a AP, no italiano (127) e NP, no inglês (132) – associada ao licenciamento do adjetivo *frequent*, por exemplo). Já o domínio de D sobre CP é direto e manifesta as propriedades nominais apenas do núcleo D (sendo a realização em PF dos núcleos D & C obrigatória nesse tipo de NLZ-S). Os autores não desenvolvem a participação do núcleo D no domínio sobre TP, assim como não o fazem Abney e Borsley & Kornfilt (unânimes na análise das *poss-ing* do turco como nominalizações de TP). No entanto, considerando a discussão do Capítulo 2, seção 2.4.1, acreditamos que uma análise das *poss-ing* do inglês deve lidar com a participação do núcleo D, abrindo caminho para o entendimento das restrições impostas sobre o uso de determinantes e adjetivos nessas estruturas. Inevitavelmente, contudo, o domínio direto de DP sobre CP e TP ainda enfrenta questões relativas às propriedades de c-seleção dos núcleos envolvidos.

### 3.3 Conclusão

Conforme apresentado acima, e resumido esquematicamente a seguir, as *poss-ing* do inglês têm sido analisadas como derivadas da inserção, na estrutura sintática, de uma categoria nominalizadora. A principal diferença entre as propostas está no tamanho da subestrutura a ser nominalizada, isto é, a identidade da projeção funcional nominalizada.

Lees (1960)/ Chomsky (1970)

(133) John's criticizing the book

[<sub>NP</sub> N [<sub>S</sub> John criticizes the book]]

Abney (1987)

(134) John's singing the Marseillaise

[<sub>DP</sub> John's [<sub>NP</sub> -ing [<sub>VP</sub> sing [<sub>DP</sub> the Marseillaise]]]]

Alexiadou (2001)

(135) John's performing the song

[<sub>DP</sub> John's [<sub>AspectP</sub> -ing [<sub>VP</sub> v [<sub>LP</sub> √perform]]]]

Panagiotidis & Grohmann (2005)

(136) Albert's eating herring

[<sub>DP</sub> Albert [<sub>D</sub>'s [<sub>SwitchP</sub> Switch [<sub>VP</sub> Albert eating herring]]]]

Kornfilt & Whitman (2011)

(137) Kim's finishing the sonata

[<sub>DP</sub> Kim's [<sub>TP</sub> [<sub>VP</sub> finishing the sonata]]]

Seguindo Lees (1960) e Chomsky (1970), Abney (1987), Alexiadou (2001) e Kornfilt & Whitman (2011) tomam D como categoria nominalizadora. Em Lees e Chomsky, N é inserido no topo da estrutura sentencial, S. Em Alexiadou, Kornfilt & Whitman e Abney, D é inserido no nível de AspectP, TP e VP, respectivamente. Panagiotidis & Grohmann (2005) postulam uma categoria funcional (SwitchP) capaz de combinar um sintagma nominal a um sintagma funcional do domínio da sentença.

Com exceção de Abney (1987), essas propostas não apresentam uma estrutura completa das gerundivas, forçando-nos a inferir a posição de alguns elementos na estrutura, como o marcador de Caso genitivo em Alexiadou (2001). Além disso, a maioria dos trabalhos que contemplam os dados do inglês volta-se mais frequentemente para as NLZ não-gerundivas, incluindo as derivadas (ex.: *the destruction of the city*) e as do tipo *ing-of* (ex.: *the burning of books*) – com efeito, derivadas e *ing-of* compartilham muitas propriedades em comum. Já as NLZ

gerundivas *poss-ing* e *acc-ing*, quando contempladas, são comumente tratadas de forma genérica como “*poss-ing*” ou simplesmente “gerundivas”.

Frank & Kroch (1994) divergem dos demais autores na defesa de que em particular as gerundivas do tipo *poss-ing* não correspondem a DPs, mas IPs nus (i.e., sentenças podadas).

Frank & Kroch (1994)

(138) (?his) eating a single cookie

[<sub>IP</sub> his [<sub>VP</sub> eating a single cookie]]

Essas propostas partem do pressuposto de que a nominalização opera apenas sobre categorias estanques, com traços formais indissociáveis. Por sua vez, esse mesmo pressuposto parece favorecer a postulação de processos de c-seleção não verificados em outros contextos de análise, como a c-seleção da sentença (S/CP) diretamente por N/D (Lees, 1960), ou de IP, AspectP e TP diretamente por D (Abney, 1987; Alexiadou, 2001; Kornfilt & Whitman, 2011). A postulação de novas categorias funcionais, como SwitchP (Panagiotidis & Grohmann, 2005), parece evitar esse caminho, mas oferece soluções sem realidade ou contribuição claras nas interfaces da Gramática.

Desde Lees (1960), os contextos estruturais de subordinação (sentencial) seguem sendo interpretados como gatilho para nominalização, e a nominalização em si segue sendo interpretada como um processo sintático que insere uma categoria nominalizante (N/D) no topo de uma dada projeção (sentencial/ verbal). Sendo a projeção de uma sentença completa (S/CP), obtêm-se consensualmente NLZ-S. Sendo a projeção de um domínio inferior a CP (vP, TP e variações no nível de IP e AspectP), obtêm-se estruturas nominalizadas às quais os autores supracitados não se referem necessariamente como “NLZ-S”. Para citar, Kornfilt & Whitman (2011) se referem às *poss-ing* do inglês como “nominalizações de TP”, em oposição às “nominalizações sentenciais” (formadas a partir de “sentenças completas”, i.e., CP).

Neste ponto, a proposta implementada à discussão do próximo capítulo se aproxima mais de Chomsky (1970), por interpretar como NLZ-S o produto da nominalização de qualquer categoria funcional do domínio da sentença. Dessa perspectiva, referimo-nos por “nominalizações sentenciais” às NLZ formadas não

apenas a partir de CP, embora conscientes de que a complexidade da estrutura final varia em função do nível a que se aplica o processo sintático em pauta (se no nível de vP, TP ou CP).

## 4

### Gerundiva *poss-ing*: hibridação de traços formais de C & D

Nos capítulos anteriores, apresentamos um panorama geral das nominalizações, com foco nas NLZ-S, caracterizando com mais propriedade as gerundivas do inglês e apresentando as propostas de análise para seu singular comportamento sintático. Dedicamos especial atenção ao distanciamento que se vem estabelecendo entre as gerundivas *poss-ing* e a nominalização de sentenças, tradicionalmente interpretada como mecanismo sintático que ocorre em posição de sujeito ou de complemento de matrizes e subjaz a transformação de estruturas sentenciais em estruturas híbridas dominadas por categoria nominalizante. Neste capítulo, reconsideramos o tipo de mecanismo sintático envolvido, colocando em perspectiva a participação de traços formais atribuídos a C & D. Para tanto, recorreremos à Hipótese da Hibridação de Categorias (Rodrigues & Breder, 2022), tendo como principal ambiente de testagem as gerundivas *poss-ing*.

#### 4.1

##### Gerundivas como NLZ-S: problemas de definição

No Capítulo 2, identificamos nas gerundivas do inglês um padrão estrutural ambíguo, com propriedades verbais e nominais. As *poss-ing* exibem propriedades verbais na capacidade de licenciar advérbios e atribuir papel de agente ao argumento externo e Caso acusativo e papel temático ao argumento interno, bloqueando pluralização, modificação por adjetivos e inserção de determinante; e propriedades nominais na composição de estruturas favoráveis à marcação do sujeito com Caso genitivo.

Conforme seção 2.3, as *poss-ing* ocupam posições sintáticas de argumento, associadas canonicamente a DPs. Contrastamos o comportamento das *poss-ing* com o de DPs e CPs em três contextos sintáticos do inglês: inversão auxiliar-sujeito, movimento *-qu*, extraposição (Frank & Kroch, 1994, p. 6):

Inversão auxiliar-sujeito

- |          |   |          |
|----------|---|----------|
| (139) a. | would [(Bush's) winning the election] really bother you?    | Poss-ing |
| b.       | would [(Bush's) victory in the election] really bother you? | DP       |
| c.       | * would [that Bush won the election] really bother you?     | CP       |

## Movimento -qu

- (140) a. \* Ted knew about [who<sub>1</sub> (her) kissing t<sub>1</sub>]  
 b. \* Ted knew about [who<sub>1</sub> (her) passion for t<sub>1</sub>]  
 c. Ted knew about [who<sub>1</sub> she had kissed t<sub>1</sub>]

## Extraposição

- (141) a. \* it bothered me [(Bush's) winning the election]  
 b. \* it bothered me [(Bush's) victory in the election]  
 c. it bothered me [that Bush had won the election]

No entanto, como vimos na seção 3.2.2, as *poss-ing* também podem ocupar posições fortemente associadas à distribuição de sentenças. Compilamos os dados mais relevantes para mostrar que as gerundivas não apresentam comportamento nominal-típico em pelo menos três contextos sintáticos da língua, nos quais a inserção de DPs é agramatical ou não produz mesmo efeito semântico (Frank & Kroch, 1994, p. 8-13):

## Itens de polaridade negativa

- |   |          |
|---|----------|
| (142) a. I denied [(?his) eating a single cookie]                       | Poss-ing |
| b. * the owner denied [the proposal of a single improvement]            | DP       |
| c. Jones denied [that a single allegation of the prosecution had merit] | CP       |

## Lacunas parasíticas

- (143) a. [which building]<sub>1</sub> did the mayor<sub>2</sub> report on [Trump<sub>3</sub>'s renovating t<sub>1</sub>] [O<sub>1</sub> after PRO<sub>2/3</sub> previously abandoning e<sub>1</sub>]?  
 b. [which building]<sub>1</sub> did the mayor<sub>2</sub> report on [Trump<sub>3</sub>'s renovation of t<sub>1</sub>] [O<sub>1</sub> after PRO<sub>2/\*3</sub> previously abandoning e<sub>1</sub>]?  
 c. [which building]<sub>1</sub> did the mayor<sub>2</sub> report on [Trump<sub>3</sub>'s renovation of t<sub>1</sub>] [after PRO<sub>2/3</sub> previously abandoning \*(it<sub>1</sub>)]?  
 d. [which building]<sub>1</sub> did the mayor<sub>2</sub> report [that Trump<sub>3</sub> renovated t<sub>1</sub>] [O<sub>1</sub> after PRO<sub>2/3</sub> previously abandoning e<sub>1</sub>]?

Expressões -qu de quantidades quantificadas

- (144) a. [how many cities]<sub>1</sub> did Hitler insist on [(our) destroying t<sub>1</sub>]? Ref/ Quant  
 b. [how many cities]<sub>1</sub> did they make [a plan to attack t<sub>1</sub>]? Ref/ \*Quant  
 c. [how many cities]<sub>1</sub> did they plan [t<sub>1</sub> to attack t<sub>1</sub>]? Ref/ Quant

Com base nos dados (142)-(144), Frank & Kroch (1994) defendem que as gerundivas do inglês não podem ser analisadas como projeções de DP, por não se apresentarem, nesses contextos sintáticos, como uma expressão nominal regular. Os autores atribuem às gerundivas a estrutura sentencial de um IP podado, desprovida tanto do domínio por categoria nominalizante quanto da camada complementizadora. Adicionam à argumentação o fato de que as gerundivas e as sentenças podadas (i.e., IPs) compartilham propriedades como licenciamento de pronomes nulos em posição de sujeito, e licenciam modificação por advérbios (Frank & Kroch, 1994, p. 5-6)<sup>27</sup>:

PRO na posição de sujeito

- (145) a. Leonard hates [PRO going home] Poss-ing  
 b. Leonard hates [PRO to go home] IP

Modificação por advérbios

- (146) a. [totally messing up on the exam] was not our plan  
 b. [to totally mess up on the exam] was not our plan

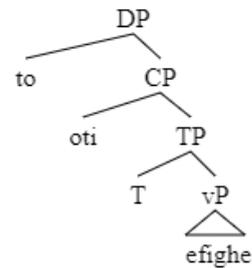
Fica evidente no Capítulo 3 que o posicionamento de Frank & Kroch (1994) não é o mais explorado na literatura formal. A maioria das propostas associa as *poss-ing* ao domínio por categoria nominalizante, em geral sobre estruturas verbais hierarquicamente inferiores a CP (i.e., *vP*, TP e variações VP e AspectP). A análise das *poss-ing* como nominalizações no nível de CP (ou, S, segundo a proposta original (Lees, 1960)) perdeu força com a hipótese do DP (Abney, 1987). A nominalização no nível de CP vem sendo mais frequentemente associada às NLZ-S de línguas como grego e polonês, com realização em PF de C & D.

<sup>27</sup> Veremos que as gerundivas de sujeito nulo são classificadas como “*PRO-ing*” por diferentes autores, em oposição às gerundivas de sujeito preenchido (ou “sujeito lexical”, segundo terminologia de Pires (2006) – como é o caso, por exemplo, das *acc-ing*).

Exemplificando, inferimos as representações a seguir da análise de Kornfilt & Whitman (2011, p. 1299):

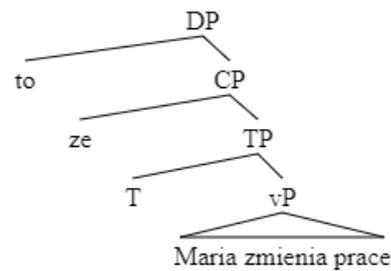
Grego

(147) to oti efighe  
 D C sair.PAS.3SG  
 ‘[...] que ele saiu’



Polonês

(148) to ze Maria zmienia prace  
 D C Maria trocar emprego  
 ‘[...] que Maria está trocando de emprego’



Uma definição mais restritiva da nominalização como mecanismo sintático que atua no nível do CP, com realização em PF de C & D impossibilita automaticamente a análise das gerundivas do inglês como NLZ-S. No entanto, uma definição mais ampla desse mecanismo (i.e., como mecanismo sintático que atua sobre qualquer categoria funcional do domínio da sentença) permite que as gerundivas sejam consideradas exemplares de NLZ-S. Independentemente da definição adotada, uma pergunta ainda precisa ser feita:

(149) Quais evidências são apresentadas na literatura para se descartar a análise das gerundivas do inglês (em particular das *poss-ing*) como nominalizações no nível de CP?

A evidência mais robusta e discutida na literatura é a marcação morfológica do sujeito com Caso genitivo (particularmente nas *poss-ing*). Em contrapartida, dados de expressões *-qu* de quantidades quantificadas, extraídos do inglês por Frank & Kroch (1994), sugerem que a estrutura das *poss-ing* contém uma posição A-barras em sua fronteira, o que, em um modelo minimalista de gramática, aponta para a presença de uma periferia à esquerda, acima de TP. Portanto, não descartamos a análise das *poss-ing* como nominalizações no nível de CP. Antes, exploramos a clara ambiguidade do domínio gerundivo no inglês, considerando a

possibilidade de o processo subjacente à sua formação envolver hibridação de traços formais tipicamente associados às categorias funcionais C & D.

## 4.2

### Do parentesco entre C & D

No Capítulo 1, seção 1.3, apresentamos as estratégias de subordinação sentencial, trazendo exemplos de contextos estruturais diversos em que essas estratégias favorecem relações de dependência sintática, morfológica e semântica entre sintagmas sentencias de um mesmo domínio. A estratégia de subordinação com uso de complementizadores foi exemplificada em línguas românicas e germânicas. No entanto, vale aqui mencionar que até os anos 1960, estruturas de subordinação sentencial foram analisadas como não envolvendo recursão na base (Chomsky, 1957; Davidson, 1968).

Na análise de Davidson (1968), sentenças como (150) eram entendidas como geradas via processo de parataxe, em que [*the Earth moves*] é um enunciado ao qual *that* faz referência, conforme (151):

(150) Galileo said that the Earth moves

(151) [<sub>S</sub> Galileo said *that*<sub>1</sub>] {*the Earth moves*}<sub>1</sub>

O autor parte das seguintes observações sobre essas sentenças: primeiro, o enunciado *Galileo said that* corresponde, em si mesmo, a uma sentença, e a uma proposição completa no inglês, em que o elemento *that* faz referência a um enunciado realizado no nível do discurso, conforme ilustramos em (152) a seguir (Davidson, 1968, p. 142):

(152) A: [*the Earth moves*]<sub>1</sub>

B: Galileo said *that*<sub>1</sub>

Segundo, sentenças de modo geral recebem um valor de verdade (cf. Tarski, 1967), mas na sentença em (150), {*the Earth moves*} não recebe valor de verdade, comportando-se, portanto, como uma não-sentença.

Terceiro, em (150), o segundo predicado completo (*the Earth moves*) não admite substituição de termos idênticos sem alteração do valor de verdade do

todo, o que não se observa em sentenças de modo geral. Por exemplo, como ilustrado em (153) e (154), podemos substituir o sujeito do primeiro predicado por um termo idêntico (153a, b), mas não podemos trocar o sujeito do segundo predicado (154a, b) sem correr o risco de alterar o valor de verdade do todo. (154a) e (154b) têm valores de verdade diferentes em um contexto em que Galileo não estava ciente de que Vênus e a estrela D'alva têm o mesmo referente externo.

(153) a. Galileo di Vincenzo Bonauti de Galilei said that Venus is a red planet

b. Galileo said that Venus is a red planet

(154) a. Galileo said that Venus is a red planet

b. Galileo said that the morning star is a red planet

Para implementar sua análise, Davidson parte do pressuposto de que *that* em (150) é um pronome demonstrativo, e *said*, um predicado com dois argumentos, externo (*Galileo*) e interno (*that*), sendo que *that* faz referência a um enunciado, *the Earth moves*. Não atribui, portanto, ao *that* o *status* de “complementizador”, mas de “pronome (demonstrativo)”. O autor traz como evidência para esta análise a definição do *Dicionário de Inglês Oxford*: “considera-se geralmente o uso de *that* como tendo surgido do pronome demonstrativo, que aponta para a sentença que ele introduz”<sup>28</sup> (Davison, 1968, p. 142).

Guardadas as devidas proporções, as análises de Roberts & Roussou (2003) e Roussou (2010, 2020) se aproximam da análise de Davidson (1968) ao proporem que o complementizador *that* está vinculado ao pronome *that*.

Roussou (2010) apresenta uma análise refinada para as propriedades sintáticas e semânticas do sistema de complementizadores do grego moderno, que compreende os itens *oti*, *pu*, *an* e *na*. A autora sugere a divisão desses itens em duas categorias: (a) aqueles se concatenam diretamente com o verbo, tomando a sentença encaixada como complemento, e (b) aqueles que são inseridos na periferia esquerda da sentença encaixada, sendo, portanto, parte da mesma. Nesta divisão, os itens *oti*, *pu*, e *an* são analisados como exemplares da categoria (a), e *na*, como exemplar da categoria (b). Roussou considera que os elementos da

---

<sup>28</sup> “The use of *that* is generally held to have arisen out of the demonstrative pronoun pointing to the clause which it introduces.”

categoria (a) são a contraparte em grego moderno dos complementizadores *that* e *if* do inglês, enquanto *na* corresponde ao *to* (Roussou, 2010, p.31). É importante para nossa proposta a conclusão da autora de que todos esses elementos possuem uma natureza nominal, e que as especificidades sintáticas e semânticas das categorias (a) e (b) dependem da especificação lexical de cada item.

Roussou (2020), de uma perspectiva diacrônica, retoma a discussão sobre a categoria a qual complementizadores pertencem. A autora conclui que a formação de complementizadores envolve uma reanálise categorial de pronomes e, devido à origem e ao processo de reanálise, os complementizadores, embora formem sincronicamente uma categoria à parte, carregam traço +Nominal.

Roberts e Roussou (2003) convergem com diferentes propostas do Programa Minimalista ao defenderem a hipótese de que o *that*-complementizador converte predicados sentenciais (IPs) em argumentos sentenciais (CPs). Bernstein (2008, p. 1250) ilustra esse processo com a sequência em (155), onde se verifica que a ocorrência de sentenças finitas em posição de sujeito depende da presença do complementizador *that*.

- (155) a. [<sub>IP</sub> Tiffany married Louise]  
 b. \*<sub>[IP</sub> Tiffany married Louise] didn't surprise me  
 c. [<sub>CP</sub> that [<sub>IP</sub> Tiffany married Louise]] didn't surprise me

Resumindo, existem evidências teóricas e empíricas de que complementizadores e itens determinantes, particularmente pronomes, possuem propriedades sintáticas e semânticas similares, o que sugere um compartilhamento de traços entre os itens que compõem essas categorias. Na próxima seção, devolveremos, com base em Rodrigues & Breder (2022), uma análise para as gerundivas do inglês, explorando o parentesco em C & D.

### 4.3 Hipótese da Híbridação de Categorias

As propostas de análise apresentadas até o momento partem de diferentes modelos gerativistas, sendo algumas mais e outras menos alinhadas aos pressupostos minimalistas (Chomsky, 1995). Em comum, essas propostas partem

do pressuposto de que categorias são feixes estanques de traços, sendo os itens associados a C & D exemplares de categorias funcionais listadas no léxico funcional como conjuntos rígidos e discretos de traços formais, fonológicos e semânticos. (cf. Chomsky (1965), Baker (2003)).

Destacamos, contudo, que, em seu estado atual, o Programa Minimalista ainda não apresenta uma teoria robusta sobre a organização do léxico, ou sobre o acesso do sistema combinatorial aos feixes de traços nele armazenados. Paralelamente, a arquitetura minimalista da gramática não contém nenhuma restrição formal impedindo que a operação Selecionar (*Select*) acesse traços formais de maneira individualizada, e os combine entre si, em novos feixes, formando categorias híbridas, i.e., mistas entre categorias geralmente tomadas como estanques, a exemplo de C & D (consideradas opostas entre si).

Com a Hipótese da Hibridação de Categorias, Rodrigues e Breder (2022) exploram justamente a possibilidade de categorias funcionais serem constituídas por conjuntos flexíveis de traços, que possam ser acessados individualmente pelo sistema computacional. A partir desta hipótese, considera-se a possibilidade de traços associados às categorias C & D formarem categorias híbridas.

Para tanto, mantém-se a ideia geral de que os feixes de traços formais estão organizados em conjuntos discretos no armazenamento lexical. Dessa perspectiva, “categorias híbridas” são geradas por um mecanismo que intersecciona conjuntos discretos e devolve conjuntos mistos, potencialmente defectivos, de traços. Categorias híbridas são inseridas na numeração pelo mesmo mecanismo, também responsável por selecionar e copiar do armazenamento lexical os traços envolvidos na interseção.

Na ausência de teorias detalhadas sobre o armazenamento lexical, ponderamos a possibilidade de a palavra “interseção” não ser a melhor para descrever o processo subjacente à formação das categorias híbridas, que também podem envolver “união” de traços. Invariavelmente, caracterizado como interseção ou união, o processo tem como resultado uma categoria constituída por traços tipicamente associados a categorias distintas.

Isto posto, assumimos que a nominalização sentencial exemplifica um mecanismo de interseção de categorias funcionais, envolvendo traços de C & D. Conforme discutido na seção anterior, C & D compartilham traços formais no exercício de sua função como núcleos de argumentos sentenciais e nominais,

respectivamente, estando os complementizadores estreitamente vinculados a expoentes nominais. Na hibridação desses traços formais, o sistema combinatorial acessa o que ambas as categorias têm em comum, selecionando, copiando e inserindo na numeração conjuntos híbridos do tipo  $C \cap D$ , conforme Figura 2 abaixo (Rodrigues & Breder, 2022, p. 7) – vale frisar que, dentro das condições pré-estabelecidas, “ $C \cap D$ ” se refere ao conjunto interseção dessas categorias, que, por sua vez, não contempla todos os traços de C ou D – vide opção pelo símbolo “ $\cap$ ” (interseção).

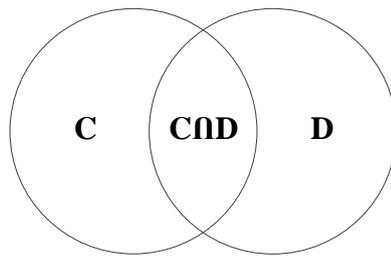


Figura 2: Hibridação das categorias funcionais C & D

Propomos que a hibridação de C & D compete como alternativa à c-seleção de C por D na análise das NLZ-S, incluindo gerundivas do inglês.

Antes de prosseguirmos, é necessária uma advertência sobre a proposta teórica dos tipos de gerundivas do inglês. Embora Chomsky (1970) já faça distinção entre estruturas “gerundivas” e “mistas”, e autores como Horn (1975) e Reuland (1983) façam distinção entre gerundivas *poss-ing* e *acc-ing*, apenas a classificação de Abney (1987) contempla três tipos gerundivos do inglês: *poss-ing*, *acc-ing* e *ing-of*, listados a seguir:

- |                                      |          |
|--------------------------------------|----------|
| (156) a. John’s criticizing the book | Poss-ing |
| b. John/ him criticizing the book    | Acc-ing  |
| c. John’s criticizing of the book    | Ing-of   |

Nessa classificação, os nominais “gerundivos” e “mistos” de Chomsky (1970) equivalem aos “*poss-ing*” e “*ing-of*” de Abney (1987), respectivamente. Assim, enquanto os gerundivos do tipo *acc-ing* se aproximam mais dos gerundivos *poss-ing*, os do tipo *ing-of* se aproximam mais dos nominais derivados (i.e., canônicos). No contraste em (155) abaixo, os gerundivos *poss-ing* e *acc-ing*, em (155a-b), divergem do gerundivo *ing-of* e do nominal derivado, em (155c-d),

por exemplo, quanto ao licenciamento de determinantes, modificação adnominal e pluralização.

(157) a. (John's/ *the) (harshly/ *harsh) criticizing(*s) the book	Poss-ing
b. (John/ him) (harshly/ *harsh) criticizing(*s) the book	Acc-ing
c. (John's/ the) (*harshly/ harsh) criticizing(s) of the book	Ing-of
d. (John's/ the) (*harshly/ harsh) criticism(s) (of the book)	Derivado

Considerando essas diferenças, a presente investigação não oferece um tratamento uniforme às gerundivas do inglês. Como veremos no que segue, apesar de ser uma análise unificadora, a hibridação de categorias prevê a diversidade morfossintática interna das NLZ-S, considerando a possibilidade de hibridação de diferentes categorias funcionais.

#### 4.3.1 Gerundivas *poss-ing*

Como dito acima, analisamos as gerundivas do inglês como produto da hibridação de traços formais de C & D, partindo da *poss-ing* no exemplo (156a), repetido em (158) a seguir:

(158) John's criticizing the book	Poss-ing
-----------------------------------	----------

Conforme seção anterior, a hipótese da hibridação de categorias atribui ao sistema combinatorial a capacidade de interseccionar traços que C & D têm em comum, selecionando e copiando-os do léxico e lançando-os na numeração como uma categoria funcional híbrida do tipo C∩D. Assim, uma numeração como (159) é formada, servindo de base para a derivação da estrutura sintática da sentença em (158).

(159) N = [C∩D, T, v, criticize, John, book]
--

Já mencionamos que a hibridação de C & D não obtém como resultado uma categoria funcional com todos os traços formais das categorias envolvidas, mas

uma categoria funcional defectiva (chamada “CND” justamente por conter apenas um subconjunto dos traços formativos de C & D). Dessa maneira, se C & D são núcleos de fase, e as categorias imediatamente dominadas por estes itens herdam seus traços formais (Abels, 2012), então o núcleo T herda do núcleo CND um conjunto incompleto de traços *phi*. Como consequência, o domínio CNDP-TP será defectivo, sendo que a defectividade em questão um reflexo do processo de hibridação.

Em nossa análise, sugerimos que, na formação das *poss-ing*, a hibridação seleciona os traços de pessoa de D, mas não, os traços de pessoa de C. Conseqüentemente, o núcleo T herda os traços de pessoa vinculados lexicalmente à categoria D, criando contexto estrutural favorável à marcação do Caso genitivo (ou, possessivo). Ou seja, a estrutura das *poss-ing*, gerundivas que apresentam características tipicamente sentenciais (cf. seções 2.3 e 2.4), falha em marcar Caso nominativo porque são encabeçadas por um núcleo hibridado, defectivo (CND). Portanto, diferentemente de Alexiadou (2001), não atribuímos a defectividade ao domínio verbal. Com efeito, o vP das *poss-ing* e *acc-ing* são estáveis (cf. seções 2.4 e 2.5), marcando o argumento externo com papel theta de agente e o argumento interno com Caso acusativo e papel theta de tema.

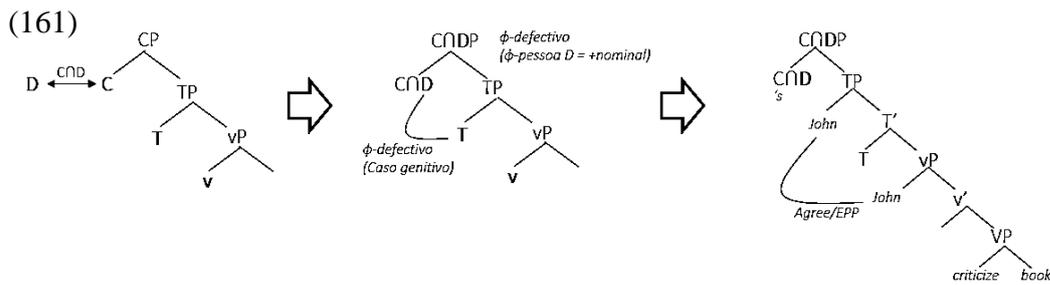
Em nossa proposta, a derivação da gerundiva *poss-ing* em (158) segue conforme apresentado abaixo. O argumento interno *the book* tem seu traço de Caso valorado como acusativo, sendo interpretado como tema. O argumento externo *John* é concatenado primeiramente em Spec,vP, onde é interpretado como agente. A inserção de T na derivação motiva o movimento de *John* para Spec,TP, onde satisfaz EPP e recebe Caso genitivo, já que T herda traços de pessoa de D (não, de C) na relação com o domínio híbrido de CND.

(160) a. [CND CND [TP *John* [T' T [vP ~~*John*~~ [v' v [VP criticize [*book*]]]]]]]

↑
↑  
Agree/EPP
Agree/ACC

b. [CND CND [TP *John* [T' T [vP ~~*John*~~ [v' v [VP criticize [*book*]]]]]]]

↑  
Pessoa/Caso genitivo



A proposta aqui apresentada compartilha com Alexiadou (2001) a conclusão de que a categoria D envolvida na derivação das *poss-ing* é em si defectiva. Divergimos, contudo, ao analisarmos essa defectividade como resultante do processo de hibridação com C. Em outras palavras, D toma como alvo a categoria funcional C, mais alta na estrutura sentencial, mas não carrega consigo todos os traços de uma estrutura nominal. Essa defectividade justificaria porque as *poss-ing* bloqueiam determinantes, modificação adnominal e pluralização, conforme (157a) da seção anterior, repetido em (162) a seguir:

(162) (John's/ \*the) (harshly/ \*harsh) criticizing(\*s) the book                      Poss-ing

Se produtiva a hipótese da hibridação de que traços de C & D (nos termos da seção 4.3) subjazem a formação das *poss-ing* nos moldes aqui apresentados, segue que essas gerundivas não apresentam distribuição estrutural idêntica nem a de sentenças canônicas nem a de expressões nominais canônicas. Com efeito, como vimos na seção 2.3, as *poss-ing* podem ser inseridas em posições sintáticas nas quais a inserção de um CP canônico resultaria em agramaticalidade (cf. dados principalmente de Abney (1987)). Por outro lado, como vimos na seção na seção 3.2.2, as *poss-ing* também podem ser inseridas em posições sintáticas tipicamente associadas a estruturas sentenciais (cf. dados de Frank & Kroch (1994)). Além disso, conforme seção 2.4.2, as *poss-ing* também bloqueiam modificação por advérbios discursivos (cf. Alexiadou (2001)), geralmente associados à camada de CP (ex.: *probably*, *fortunately*).

Assumiremos, que os afixos 's e -ing das *poss-ing* correspondem à realização em PF dos núcleos funcionais CND e T, respectivamente, conforme (163) abaixo (que toma, novamente, por referência o exemplo (158)). Como vimos na seção 3.1, essa proposta de análise retoma a sugestão original de Rosenbaum (1962) (difundida por Abney (1987)), de que o afixo de posse 's das

gerundivas do inglês é contraparte nominal do complementizador sentencial *that*. Mantendo-se esta análise, é necessário pressupor um ajuste em PF de reposicionamento de 's, que é realizado como sufixo de sujeito.

(163) [<sub>CND</sub> 's [<sub>TP</sub> John [<sub>T'</sub> -ing [<sub>VP</sub> ~~John~~ [<sub>V'</sub> v [<sub>VP</sub> criticize [the book]]]]]]]]

Vale destacar ainda que, na presente análise, diferentemente do proposto em Abney (1987) e seguidores, o afixo *-ing* não funciona como morfema nominalizador, ou sequer ocupa uma posição nominal na estrutura (D/N).

### 4.3.2 Gerundivas *acc-ing*

Como vimos nas seções 3.1 e 3.2, as gerundivas do inglês não formam um conjunto homogêneo. Autores como Horn (1975) e Reuland (1983) já afirmavam que as *acc-ing* e *poss-ing* variam morfossintática e semanticamente, e, por isso, devem receber análises distintas (ver seção 3.1).

A variação na marcação do sujeito das *acc-ing* com Caso acusativo e das *poss-ing* com Caso genitivo é a diferença principal entre as duas formas gerundivas. Passmore (2003), entende que a variação na distribuição sintática dessas duas formas gerundivas está na interface com a PF: *acc-ing* são preferidas, por exemplo, quando o DP na posição de sujeito termina em /s/ (ex.: *girls/ ?girls' retaking the test*) ou é muito longo (ex.: *John in just four years(\*'s) starting college*); e as *poss-ing* são preferidas quando o sujeito é um pronome (ex.: *?me/ my learning tango*), nas situações formais e, talvez, apesar de bem menos claro, por falantes nativos do inglês americano, em oposição ao inglês britânico. Efeitos semânticos também devem ser considerados. Autores como Portner (1992) e Kornfilt & Whitman (2011) observam que, diferentemente das *acc-ing*, as *poss-ing* pressupõem leitura perfectiva.

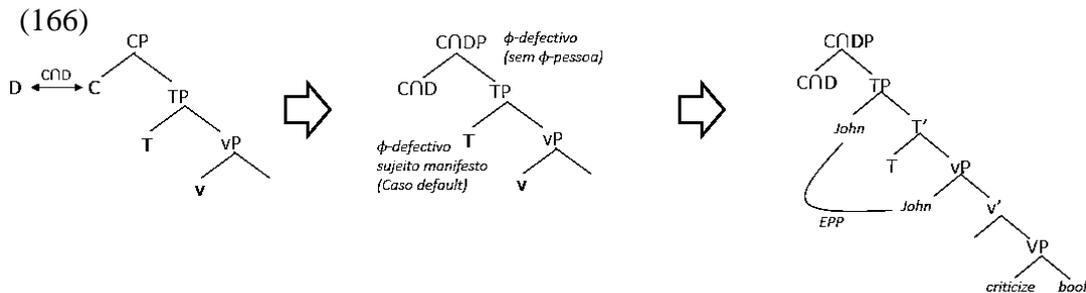
Buscando estender a hipótese da hibridação de categorias para as *acc-ing*, consideramos que a *acc-ing* em (164) abaixo é formada por um processo semelhante ao formulado na análise da *poss-ing* em (158), na seção anterior. Cabe ao sistema computacional interseccionar os traços que C & D têm em comum, selecionando e copiando-os do léxico, e inserindo-os na numeração em (165)

como uma categoria funcional híbrida do tipo C $\cap$ D, dando início à derivação em (166).

(164) John/ him criticizing the book

Acc-ing

(165) N = [C $\cap$ D, T, v, criticize, John/ him, book]



A hipótese de hibridação de categorias prevê que o mecanismo sintático envolvido pode formar diferentes categorias funcionais híbridas a partir do mesmo par de categorias funcionais discretas. Em particular no que toca à formação das *acc-ing*, o conjunto interseção C $\cap$ D, resultante do mecanismo acima descrito, não seleciona traços de pessoa de D ou C. Logo, T não herda traços de pessoa do núcleo de fase e não há, portanto, contexto estrutural favorável à marcação do sujeito com Caso genitivo ou nominativo. Para além desta especificidade, as operações sintáticas na derivação das *acc-ing* seguem como proposto para as *poss-ing*. O argumento externo se move para Spec,TP, satisfazendo EPP, embora não consiga valorar Caso nessa posição. O argumento interno, por sua vez, tem seu Caso valorado como acusativo por v.

Para explicar o fato de o argumento externo das *acc-ing* receber Caso acusativo, avaliamos primeiramente a possibilidade de se tratar de Caso *default* (Schütze, 2001), considerando a associação do Caso acusativo com dois padrões sintáticos da língua: (i) DP em posição de argumento interno de vP (ex.: *Married him* – mais comum); ou (ii) DP em posição A-barra, onde não há valoração de Caso (ex.: *him married?* – Caso *default* é atribuído como estratégia para salvar a derivação). No entanto, o sujeito acusativo das *acc-ing* não se enquadra em nenhum desses padrões sintáticos, porque não está em posição de argumento interno e também não está em posição A-barra.

Consideramos, em seguida, a possibilidade de análise como estrutura ECM, que explica satisfatoriamente a manifestação de sujeitos acusativos em gerundivas em posição de complemento matricial. Neste ponto, deparamo-nos, contudo, com o fato de que as *acc-ing* são produtivas também na posição de sujeito, onde ECM não se aplica.

Segundo sugestão feita por Jairo Nunes (comunicação pessoal), há ainda a possibilidade de a diferença de Caso entre *acc-ing* e *poss-ing* estar relacionada à hibridação de categorias diferentes dentro do domínio do CP. Afinal, pressupondo a abordagem cartográfica de Rizzi (1997), o nível da espinha estrutural da sentença a que nos referimos por CP pode ser decomposto (didaticamente) em projeções que marcam, por exemplo, força locucionária (ForceP – afirmativo, interrogativo), finitude (FinP – infinitivo, subjuntivo), tópico (TopP) e foco (FocP). Embora a ordem hierárquica dessas projeções possa variar ligeiramente de autor para autor, TopP e FocP estão geralmente localizadas entre ForceP e FinP. De acordo com Seki & Nevins (2018, p. 8-9), ForceP provavelmente corresponde à projeção máxima da sentença, porque funciona como núcleo do ato discursivo; e FinP, à projeção imediatamente superior a TP, dadas as relações que estabelece com TP, e dadas as operações relativas a tópico e foco, que ocorrem à esquerda de FinP. Nessa abordagem, caberia propor que a diversidade das formas gerundivas do inglês resulta de um processo de nominalização que toma como alvo diferentes projeções da estrutura interna do CP. Assim, envolvendo hibridação de traços formais ou tão somente a c-seleção de uma projeção de CP por D (como segue a tradição das análises detalhadas no Capítulo 3), o processo subjacente à formação das gerundivas *acc-ing* e *poss-ing* provavelmente tomaria como alvo FinP ou ForceP (em linha com Seki & Nevins (2018)).

Arsenijević (2009) e Krapova (2009) sugerem que a formação de certas NLZ-S envolve a c-seleção de ForceP. Em Arsenijević (2009), a c-seleção de ForceP se dá por estruturas nominais do tipo *the claim that [...]* ('o fato de [...]'), conforme representação em (167) abaixo. Esse tipo de nominalização é geralmente atribuído a línguas que não manifestam (abertamente) complementizadores na subordinação sentencial. Seki & Nevins (2018) também avaliam (167) como estrutura possível para alguns casos de subordinação sentencial do kamaiurá. Caponigro & Polinsky (2008) também reconhecem um



Nessa análise, as *acc-ing*, diferentemente das *poss-ing*, não correspondem a estruturas definidas. Esse posicionamento favorece a hipótese de Rodrigues & Breder (2022) de que diferentes categorias complementizadoras (i.e., feixes de traços) participam da formação das *acc-ing* e *poss-ing*.

Em resumo, a hibridação de categorias assume que o sistema computacional é capaz de selecionar certos traços em detrimento de outros na formação de uma categoria funcional híbrida CND, sendo os traços de D menos favorecidos nas *acc-ing* (em comparação às *poss-ing*), particularmente quanto aos traços de pessoa e definitude. Dessa perspectiva, é possível dizer que, embora as *acc-ing* e *poss-ing* partam da hibridação das mesmas categorias funcionais (C & D) e apresentem um domínio misto do tipo CND, suas estruturas não exibem as mesmas propriedades, o que reflete feixes de traços distintos na composição de CND.

### 4.3.3 Gerundivas PRO-ing

Mencionamos as PRO-ing na seção 2.2, apresentando-as como gerundivas que se distinguem claramente das *poss-ing*, mas se aproximam estreitamente das *acc-ing*, exceto pelo fato de que apresentam sujeito nulo, PRO. Conforme contraste em (169) abaixo, os sujeitos das *poss-ing* e *acc-ing* são marcados respectivamente com Caso genitivo (*John's*) e acusativo (*John/him*). Na ausência de sujeito preenchido (“lexical” nos termos de Pires (2006, 2007)), estruturas PRO-ing não atribuem Caso ao argumento externo.

- |  |          |
|--|----------|
| (169) a. I appreciate [ <i>John's</i> retaking the test] | Poss-ing |
| b. I appreciate [ <i>John/him</i> retaking the test]     | Acc-ing  |
| c. I don't mind [ <i>PRO</i> retaking the test]          | PRO-ing  |

Para autores como Suzuki (1988) e Passmore (2003), a presença/ausência de sujeito preenchido é fator principal na diferenciação entre os três tipos gerundivos. Esses autores ainda afirmam que a presença de um pronome nulo (PRO), internamente às gerundivas, é necessária para satisfazer EPP.

Pires (2007) se dedica principalmente à análise das *acc-ing* e PRO-ing, comparadas e contextualizadas em (170) abaixo (Pires, 2007, p. 165). Para o

autor, tanto (170a) quanto (170b) corresponde a estrutura sentencial encaixada, dominada por um T defectivo com traços de Caso e EPP a checar, que se distribui em posições argumentais, funcionando como sujeito ou complemento de verbos e preposições (ver Reuland (1983) e Suzuki (1988) para análises semelhantes).

- (170) a. Susan worried about [John/him being late for dinner]                      Acc-ing  
       b. Susan worried about [PRO being late for dinner]                              PRO-ing

Partindo destes dados, Pires (2007) propõe uma divisão baseada não apenas na presença/ausência de sujeito preenchido, mas também no tipo de derivação subjacente. As *acc-ing* seriam estruturas de ECM, com o sujeito em Spec,TP, valorando Caso acusativo vindo do *v* da matriz, enquanto as *PRO-ing* envolveriam movimento do sujeito para fora da encaixada, de acordo com a teoria de movimento de Hornstein (2001) para controle obrigatório.

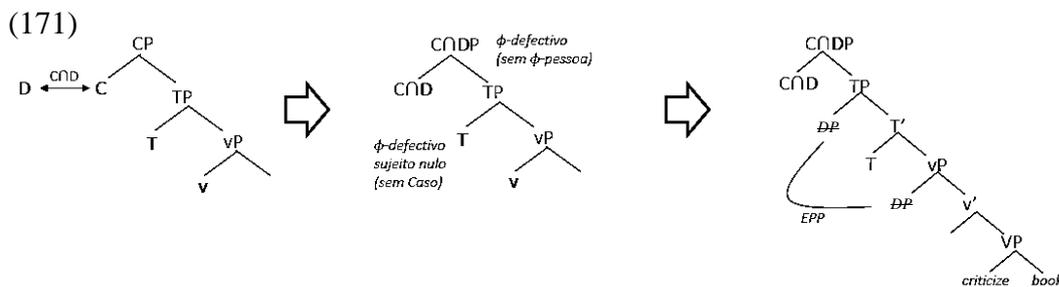
De acordo com Pires, o contraste em (170) reside no fato de que, enquanto (170a) licencia tanto sujeito lexical quanto sujeito nulo e exibe propriedades, ainda que defectivas, de tempo e aspecto; (170b) licencia apenas sujeito nulo e é completamente dependente dos traços de tempo e aspecto da matriz. O autor ainda defende que as *PRO-ing* (170b) divergem de todas as outras *-ing* do inglês na manutenção de um “TP mais defectivo” (*TP-defective gerunds*), sendo, portanto, mais empobrecidas em suas propriedades sentenciais do que até mesmo as *acc-ing* (seu par gerundivo mais próximo).

Nessa análise, a diversidade na formação das gerundivas do inglês também está vinculada à defectividade dos nódulos envolvidos na derivação, neste caso, TP, que, embora defectivo na marcação de tempo e Caso, ainda atrai o argumento externo para satisfazer condições de EPP nas *acc-ing*.

Note, contudo, que, ao analisar ambas as estruturas em (170) como IPs, Pires afasta essas gerundivas do estudo da nominalização, contrariando as demais propostas acessadas nesta investigação, e o próprio direcionamento adotado neste capítulo. Com efeito, a proposta do autor para a análise das *PRO-ing* e *acc-ing* como domínios sentenciais podados (desprovidos da camada complementizadora), retoma, em certa medida, a proposta de Frank & Kroch (1994) para a análise das *poss-ing*, apresentada na seção 3.2.2. Ainda, como nas propostas anteriores, a análise de Pires (2006, 2007) envolve uma derivação que conta exclusivamente

com categorias estancas, cujas propriedades defectivas afetam a estrutura sintática, sem maiores explicações, porém, sobre a origem ou natureza da defectividade.

Incorporando aspectos da análise de Pires à hipótese da hibridação de categorias aqui defendida, pode-se considerar que a estrutura sintática das *PRO-ing* é semelhante às das *acc-ing* e das *poss-ing*. Neste caso, dada a defectividade do domínio C-T, as *PRO-ing* viabilizariam a extração do sujeito, formando uma estrutura de controle obrigatório, com movimento para posição theta, à la Hornstein. Nestas estruturas, o empobrecimento de traços da categoria CND criaria um contexto desfavorável à marcação do sujeito com Caso genitivo ou acusativo, favorável, porém, à extração do sujeito para fora do domínio nominalizado, conforme ilustrado em (171):



Ressaltamos, contudo, que, a ocorrência de *PRO-ing* na posição de sujeito, como em (172) abaixo, força-nos a considerar que essas estruturas não necessariamente envolvem controle obrigatório, sendo, portanto, derivadas via inserção de pronome nulo na posição de sujeito (ver Pires 2006, 2007).

(172) [PRO winning the elections] would bother John

PRO-ing

De qualquer modo, em sua plenitude, a proposta de Pires (2006, 2007) não pode ser incorporada à hipótese da hibridação de categorias. O principal distanciamento entre as duas análises em discussão está no tratamento, proposto por Pires, das *PRO-ing* e *acc-ing* como IPs, sentenças podadas. A proposta de Pires se aproxima mais da de Frank & Kroch (1994).



possibilidade de as propostas apresentadas em Pires (2006, 2007) e Rodrigues & Breder (2022) configurarem um importante ambiente de testagem para a hipótese da hibridação de traços formais de C & D. Priorizamos as propostas que direcionam às gerundivas um olhar atento ao caráter misto e heterogêneo de sua composição interna e de sua relação com o contexto estrutural externo.

Ressaltamos que essa hipótese reconsidera a possibilidade de as *poss-ing* resultarem de processos de nominalização mais altos na hierarquia da sentença, retomando assim o cerne da análise primordial de Lees (1960) para as gerundivas, como nominalizações de uma S (i.e., no nível de CP). Evidentemente, sua implementação requer maior atenção, sobretudo por pressupor análises de categorização não-convencional, ainda embrionárias, e dependentes do avanço da teoria formal no que toca a um melhor entendimento do parentesco entre C & D e das relações entre o léxico e a sintaxe.

## 5 Considerações finais

O fenômeno da nominalização é bastante produtivo nas línguas humanas, e diferentes tipos de categorias podem ser nominalizadas, como visto no Capítulo 2. As NLZ-S, em particular, embora produtivas, são estruturas complexas e heterogêneas, intra e translinguisticamente, como observa também Shibatani (2019). Trata-se, contudo, de uma heterogeneidade sistematizável, podendo ser agrupadas em três tipos de estratégias morfossintáticas, usadas de maneira paramétrica, conforme Tabela 1, da seção 2.1.5, por conveniência, reproduzida a seguir:

Nível de impacto	Tipo de estratégia	Exemplo de língua
Núcleo verbal	Afixação por morfema nominalizador	Yupik Tupi-Antigo Quéchua-Imbabura Turco Inglês
	Alteração radicular	Mojave Mebengokre
Domínio sentencial	Realização em PF de D & C	Grego Polonês

Reapresentação da Tabela 1 (cf. seção 2.1.5, p. 31)

É importante indicar que, embora essas estratégias sejam usadas parametricamente, em todas as línguas verificadas, as NLZ-S apresentam as seguintes generalizações:

(174) A nominalização sentencial ocorre em contextos de subordinação;

(175) A estrutura argumental do verbo de origem (i.e., núcleo verbal da encaixada) é mantida, e o  $\nu$ P envolvido parece ser completamente

preservado, já que os argumentos internos ao VP são marcados com Casos canônicos da estrutura sentencial;

(176) A marcação de Caso do argumento externo indica uma instabilidade estrutural na fase do CP (entre C e T), e varia intra e translinguisticamente, a depender dos traços preservados/privilegiados no processo de nominalização;

(177) O produto da nominalização sentencial consiste em uma estrutura complexa, híbrida entre propriedades sentenciais e nominais.

O desenvolvimento do estudo da nominalização (sentencial) lida direta e necessariamente com cada uma dessas generalizações. A primeira, em especial, é a mais consolidada na literatura. Desde os primórdios, com destaque para Lees (1960) e Chomsky (1970), as NLZ-S vêm sendo associadas aos processos de subordinação sentencial. Especificamente no caso das gerundivas do inglês, desde a hipótese do DP, em Abney (1987), essa associação, quando considerada, é atribuída com mais frequência às *acc-ing*. Para citar, Salanova (2007) associa a produtividades das NLZ-S do mebgokre a outros fenômenos de subordinação, como a negação, por exemplo. Os dados da literatura apresentados nesta pesquisa, reforçam a ideia de que a subordinação funciona como gatilho estrutural para a um mecanismo sintático que toma como alvo a sentença encaixada e devolve uma estrutura híbrida, com propriedades tipicamente atribuídas às categorias funcionais C & D – embora seja provável que nem todas as línguas apresentem nominalização sentencial, e não respondam, portanto, da mesma maneira.

No Capítulo 3, observamos que parte das divergências entre os autores acessados nesta investigação está no debate sobre a estrutura do *vP* envolvido. Enquanto a maioria dos autores aponta para a manutenção das propriedades do *vP*, Alexiadou (2001) considera o *vP* das *poss-ing* do inglês defeutivo. Desde Grohmann (2003), análises como Panagiotidis & Grohmann (2005) e Kornfilt & Whitman (2011), consideram o *vP* das NLZ-S estável, e ainda o atribuem o *status* de “ponto de corte”, juntamente com TP e CP. Em Kornfilt & Whitman (2011), o *vP* é completo, preservado na formação das *poss-ing* do inglês e do turco, analisadas como nominalizações no nível do TP.

Quanto à marcação de Caso do argumento externo, as NLZ-S variam consideravelmente. A marcação do sujeito das NLZ-S com Caso nominativo parece ser menos frequente, embora produtiva nas línguas que a contém. Em línguas como polonês e grego, a marcação do Caso nominativo parece estar relacionada com a realização em PF de C & D, nesta ordem. Em Comrie & Thompson (1985), dados de nominalização do mojavé parecem sugerir que a língua valoriza morfologicamente o Caso do argumento externo como acusativo. No quéchua-imbabura, dados de Cole (1982), sugerem que o sujeito da sentença nominalizada recebe o mesmo Caso do sujeito da matricial. Já no inglês, as análises que atribuem às *acc-ing* o *status* de sentença nominalizada lidam com o fato de que essas estruturas marcam o sujeito com Caso acusativo.

Especificamente quanto às *poss-ing* do inglês, a valoração do Caso genitivo vem sendo tratada como fator distintivo, maior responsável por seu afastamento das análises no nível do CP. Rodrigues & Breder (2022) e a presente dissertação, no entanto, reconsideram a tendência, argumentando que a marcação do sujeito com Caso genitivo resulta da seleção do traço de pessoa de D durante o processo de hibridação dos traços de C & D.

Portanto, oferecemos a hibridação das categorias funcionais C & D como uma alternativa de análise para as gerundivas *poss-ing* e *acc-ing*, considerando a possibilidade de essas construções corresponderem a nominalizações no nível do CP. Fazendo-o, distingue a visão mais restrita das NLZ-S como produto da nominalização no nível do CP, da mais ampla, das NLZ-S como produto da nominalização das categorias funcionais que compõem a espinha estrutural da sentença. Da visão mais ampla, guardadas as devidas proporções, mas amparada pelo precursor Lees (1960), defende a viabilidade da hibridação de categorias, e sua importância como uma estratégia da Gramática na manutenção da recursividade. Reconsiderando a possibilidade de as *poss-ing* do inglês serem analisadas como NLZ-S, retoma antigos marcos do estudo da nominalização e responde à singularidade sintática dessas estruturas, híbridas entre propriedades tipicamente associadas a ambas as categorias funcionais, C & D.

Conforme Capítulo 4, a hibridação de categorias responde às generalizações acima, sem incorrer em explicações *ad hoc* ou postulações de novas categorias funcionais (considerando que a categoria funcional C∩D consiste na hibridação de duas categorias funcionais já existentes no léxico). Mas, com efeito, a

complexidade das generalizações acima e as divergências nas análises disponíveis na literatura apontam conjuntamente para o estudo das NLZ-S como um campo ainda prolífico para a compreensão dos mecanismos sintáticos subjacentes às línguas naturais, em especial aqueles envolvendo estratégias de recursividade, como parece ser o caso da nominalização de sentenças (subordinadas).

Evidentemente, seja qual for a hipótese adotada na análise das NLZ-S e, como analisamos aqui, mais especificamente das gerundivas do inglês, a pesquisa deve considerar que essas estruturas envolvem categorias funcionais distintas e respondem, portanto, a processos sintáticos complexos, embora correspondam a estruturas defectivas. No espírito de Nevins, Pesetsky & Rodrigues (2009), entendemos, portanto, que não há indício de que a nominalização consista em uma estratégia de redução de complexidade estrutural no auto-encaixamento de sentenças, conforme defende autores como Everett (2005) e Pullum (2010) para línguas como pirahã (língua mura, Brasil) e hixkaryána (língua caribe, Brasil). A extensão da Hipótese da Híbridação de Categorias para essas línguas em particular também se coloca como um tópico de pesquisa relevante para trabalhos futuros.

Reconsideramos, portanto, a análise das gerundivas do inglês como produto de nominalização sentencial. E apesar de nos posicionarmos a favor de uma visão mais ampla na definição desse fenômeno, insistimos na análise das *poss-ing* e *acc-ing* como estruturas que tomam como alvo o domínio mais alto da espinha das categorias funcionais que formam o domínio sentencial (i.e., CP). Com a implementação da Hipótese da Híbridação de Categorias, ainda contrapomos a ideia de que a nominalização sentencial envolve redução de complexidade estrutural. Acreditamos que o desenvolvimento e testagem dessas hipóteses possa vir de uma agenda de pesquisa mais direcionada para a organização e estruturação do léxico, especialmente do léxico funcional; sendo também necessário uma pesquisa mais aprofundada sobre os processos de nominalização em outras línguas, incluindo as línguas nativas da América do Sul, onde a nominalização sentencial é bastante produtiva.

## Referências bibliográficas

- ABELS, Klaus. **Phases: an essay on cyclicity in syntax**. De Gruyter: Mouton, 2012.
- ABNEY, Steven P. **The english noun phrase in its sentential aspect**. Tese de Doutorado. MIT – Massachusetts Institute of Technology, 1987.
- ALEXIADOU, Artemis. **Functional structure in nominals**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2001.
- ALEXIADOU, Artemis; RATHERT, Monika (Ed.). **The syntax of nominalizations across languages and frameworks**. De Gruyter: Mouton, 2011.
- ARSENIJEVIĆ, Boban. Clausal complementation as relativization. **Lingua**, v. 119, p. 39-50, 2009.
- BAKER, Mark Cleland. **Lexical categories: verbs, nouns and adjectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- BERTINETTO, Pier Marco. On nominal tense. **Linguistic Typology**, v. 24, n. 2, p. 311-352, 2020.
- BORSLEY, Robert; KORNFILT, Jaklin. Mixed extended projections. In.: Borsley, Robert (Ed.). **The nature and function of syntactic categories**. Academic Press: New York, p. 101–131, 2000.
- BERNSTEIN, Judy B. Reformulating the determiner phrase analysis. **Language and Linguistics Compass**, v. 2, n. 6, p. 1246-1270, 2008.
- BRESNAN, Joan W. Mixed categories as head sharing constructions. In.: **Proceedings of the LFG97 conference**. Stanford: CSLI Publications, p. 1-17, 1997.
- BURZIO, Luigi. **Italian syntax: a government-binding approach**. Berlin: Springer Science & Business Media, 1986.
- CAPONIGRO, Ivano; POLINSKY, Maria. Almost everything is relative in the Caucasus. In: **Semantics and Linguistic Theory**. p. 158-175, 2008.
- CARVALHO, Marcelo. O. P. Tupi antigo: história e gramática. **MOPC Linguística**, 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=LNaAyB11DMY&t=2436s>>. Acesso em 09 de novembro de 2022.

- CHOMSKY, Noam. Remarks on nominalization. **Studies on Semantics in Generative Grammar**, p. 11-61, 1970.
- CHOMSKY, Noam. **Lectures on government and binding**. Cambridge: MIT Press, 1981.
- CHOMSKY, Noam. **Barriers**. Cambridge: MIT Press, 1986.
- CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, Noam. **The minimalist program**. Cambridge: MIT Press, 1995.
- COLE, Peter. Imbabura quéchua. **Lingua Descriptive Studies**, v. 5, 1982.
- COMRIE, Bernard. Ergativity. In.: LEHMAN, W. (Ed.) **Syntactic typology**. London: Harvester Press Limited, p. 329–394, 1978.
- COMRIE, Bernard; THOMPSON, Sandra A. Lexical nominalization. **Language Typology and Syntactic Description**. Cambridge: Cambridge University Press, v. 3, p. 349-398, 1985.
- COON, Jessica. Rethinking split ergativity in chol. **International Journal of American Linguistics**, v. 76, n. 2, p. 207-253, 2010.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DAVIDSON, Donald. On saying that. **Synthese**, p. 130-146, 1968.
- DEN DIKKEN, Marcel. Lexical integrity, checking, and the mirror: A checking approach to syntactic word formation. **The Journal of Comparative Germanic Linguistics**, v. 6, n. 2, p. 169-225, 2002.
- EVERETT, Daniel. Cultural constraints on grammar and cognition in pirahã: another look at the design features of human language. **Current Anthropology**, v. 46, n. 4, p. 621-646, 2005.
- FRANK, Robert; KROCH, Anthony. Nominal structures and structural recursion. **Computational Intelligence**, v. 10, n. 4, p. 453-470, 1994.
- GRIMSHAW, Jane. **Argument structure**. Cambridge: MIT Press, 1990.
- GRIMSHAW, Jane. **Extended projections**. Brandeis University, 1991.
- GROHMANN, Kleanthes K. **Prolific domains**: on the anti-locality of movement dependencies. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2003.
- HALLE, Morris; HALE, K.; KEYSER, S. J. **Distributed morphology and the pieces of inflection**. 1993, p. 111-176, 1993.

- HAUSER, Marc D.; CHOMSKY, Noam; FITCH, W. Tecumseh. The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve?. **Science**, v. 298, n. 5598, p. 1569-1579, 2002.
- HORN, George M. On the nonsentential nature of the poss-ing construction. **Linguistic Analysis** 1, 333-388, 1975.
- HORNSTEIN, Norbert. **Move!** A minimalist theory of construal. Oxford: Blackwell Publishers. 2001.
- HORROCKS, Geoffrey; STAVROU, Melita. Bounding theory and greek syntax: evidence for wh-movement in NP. **Journal of Linguistics**, v. 23, n. 1, p. 79-108, 1985.
- HORROCKS, Geoffrey; STAVROU, Melita. Bounding theory and Greek syntax: Evidence for wh-movement in NP. **Journal of Linguistics**, v. 23, n. 1, p. 79-108, 1987.
- JOHNS, Alana. Deriving ergativity. **Linguistic Inquiry**, v. 23, n. 1, p. 57-87, 1992.
- KLIMA, Edward S. Negation in english. In.: FODOR, J. A.; KATZ, J. J. (Ed.). **The structure of language**. Nova Jersey: Prentice Hall, 1964.
- KORNFILT, Jaklin; WHITMAN, John. Afterword: nominalization in syntactic theory. **Lingua**, v. 121, 2011.
- KRAPOVA, Iliana. Bulgarian relative and factive clauses with an invariant complementizer. **Lingua**, v. 120, p. 1240-1272, 2009.
- LAKA, Itziar. **Negation in syntax**: on the nature of functional categories and projections. Tese de Doutorado, MIT – Massachusetts Institute of Technology, 1990.
- LECARME, Jacqueline. Nominal tense and tense theory. In.: **Empirical issues in formal syntax and semantics 2**, 1999.
- LEES, Robert. **The grammar of english nominalization**. Tese de Doutorado. De Gruyter: Mouton, 1960.
- LONGOBARDI, Giuseppe. Extraction from NP and the proper notion of head government. In.: GIORGI, A.; LONGOBARDI, G. (Eds.), **The Syntax of Noun Phrases**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- LONGOBARDI, Giuseppe. The structure of DPs: some principles, parameters and problems. In.: **The handbook of contemporary syntactic theory**. New Jersey: Blackwell, p. 562-603, 2001

- MITHUN, Marianne. The fluidity of recursion and its implication. In.: **Recursion and human language**. De Gruyter: Mouton, p.17-41, 2010.
- NEVINS, Andrew; PESETSKY, David; RODRIGUES, Cilene. Pirahã exceptionality: a reassessment. **Language**, p. 355-404, 2009.
- NORDLINGER, Rachel; SADLER, Louisa. Nominal tense in crosslinguistic perspective. **Language**, p. 776-806, 2004.
- PANAGIOTIDIS, E. Phoevos; GROHMANN, Kleanthes K. Mixed projections: categorial switches and prolific domains. **Linguistic Analysis**, v. 35, n. 1, p. 141, 2005.
- PASSMORE, Kara. Possessive-in and acusative-ing constructions in english. **Linguistics Senior Thesis**. 2003
- PESSOA, Fernando. Autopsicografia. In.: **Presença**, n. 36. Coimbra, 1932.
- PICALLO, M. Carme. Abstract agreement and clausal arguments. **Syntax**, v. 5, n. 2, p. 116-147, 2002.
- PINKER, Steven. **Zombie nouns and the passive voice in writing**. Palestra em The Royal Institution, 2020.
- PIRES, Acrisio. **The minimalist syntax of defective domains: gerunds and infinitives**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2006.
- PIRES, Acrisio. The derivation of clausal gerunds. **Syntax**, v. 10, n. 2, p. 165-203, 2007.
- PORTNER, P. **Situation theory and the semantics of propositional expressions**. Tese de Doutorado. University of Massachusetts at Amherst. 1992.
- PROGOVAC, Ljiljana. **A binding approach to polarity sensitivity**. Tese de Doutorado. University of Southern California. 1988.
- PULLUM, G.; SCHOLZ, B. Recursion and the infinitude claim. In.: van der HULST, H. (ed.), **Recursion and human language**. Berlin: Mouton de Gruyter, 113-138. 2010.
- REIS SILVA, Maria Amélia. **Pronomes, ordem e ergatividade em mebengokre (kayapó)**. Dissertação de Mestrado. Unicamp – Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- RESENDE, Maurício. Por uma releitura das nominalizações em infinitivo do português. **Caderno de squibs: temas em estudos formais da linguagem**, v. 2, n. 2, p. 26-37, 2016.

- REULAND, Eric J. Governing *-ing*. **Linguistic Inquiry**, v. 14, n. 1, p. 101-136, 1983.
- RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: **Elements of grammar**. Dordrecht: Kluwer, pp. 281–337, 1977.
- ROBERTS, Ian; ROUSSOU, Anna. **Syntactic change**: A minimalist approach to grammaticalization. Cambridge University Press, 2003.
- RODRIGUES, Cilene; BREDER, Ayrthon. The category hybridization hypothesis and *poss-ing* gerunds. In.: BLEOTU, Camelia; FOUCAULT, Deborah (Ed.). **Recursion across languages**: the intricacies of Babel. New York: Springer Publishing Company, 2022.
- ROSENBAUM, Peter Steven. **The grammar of english predicate complement constructions**. Tese de Doutorado. MIT - Massachusetts Institute of Technology. 1962.
- ROUSSOU, Anna. Nominalized clauses in the syntax of modern greek. **UCL Working Papers in Linguistics**, v. 3, p. 77-100, 1991.
- ROUSSOU, Anna. Selecting complementizers. **Lingua**, v. 120, n. 3, p. 582-603, 2010.
- ROUSSOU, Anna. Some (new) thoughts on grammaticalization: complementizers. In.: BÁRÁNY, A. et al (Ed.). **Syntactic architecture and its consequences I**: syntax inside the grammar. Berlin: Language Science Press. v. 9, p. 91-11, 2020.
- SALANOVA, Andrés Pablo. **Nominalizations and aspect**. Tese de Doutorado. MIT – Massachusetts Institute of Technology, 2007.
- SCHÜTZE, Carson T. On the nature of default case. **Syntax**, v. 4, n. 3, p. 205-238, 2001.
- SEKI, Lucy. **Gramática do kamaiurá**: língua tupi-guarani do Alto Xingu. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.
- SEKI, Lucy; NEVINS, Andrew. Strategies of embedding and the complementizer layer in Kamaiurá. In.: **O apelo das árvores**: estudos em homenagem a Miriam Lemle. Campinas: Pontes, p. 417-444, 2018.
- SHIBATANI, Masayoshi. What is nominalization? Towards the theoretical foundations of nominalization. In.: ZARIQUIEY, Roberto; SHIBATANI, Masayoshi; FLECK, David W. (Ed.). **Nominalization in languages of the Americas**, p. 15-167, 2019.

- SICHEL, Ivy. Event-structure constraints on nominalization. **The Syntax of Nominalizations Across Languages and Frameworks**, p. 159-198, 2010.
- SUZUKI, Tatsuya. **The structure of english gerunds**. University of Washington, 1988.
- SWORD, Helen. Nominalizations are zombie nouns. **The New York Times**. 2012.
- SZABOLCSI, Anna. The possessive construction in hungarian: a configurational category in a non-configurational language. **Acta Linguistica Academiae Scientiarum Hungaricae**, v. 31, n. 1/4, p. 261-289, 1981.
- SZABOLCSI, Anna. The possessor that ran away from home. **The Linguistic Review**, v. 3, p. 89-102, 1983.
- SZABOLCSI, Anna. Functional categories in the noun phrase. In.: KENESEI (Ed.). **Approches to hungarian**, v. 2, p. 167-189, 1987.
- SZABOLCSI, Anna. Noun phrases and clauses: is DP analogous to IP or CP?. **Empirical approches to language typology**. De Gruyter: Mouton, 1989.
- SZABOLCSI, Anna. The noun phrase. In.: **The syntactic structure of hungarian**, Leiden: Brill, p. 179-274, 1994.
- TARSKI, Alfred. **The completeness of elementary algebra and geometry**. 1967.
- TONHAUSER, Judith. Defining crosslinguistic categories: the case of nominal tense (Reply to Nordlinger and Sadler). **Language**, v. 84, n. 2, p. 332-342, 2008.

## Anexo

Língua		Família	Localização	Referência
01	Adigue	Caucasiana	Europa Oriental	Caponigro & Polinsky (2008a, 2008b)
02	Dacota	Sioux	Estados Unidos	Comrie & Thompson (1985)
03	Espanhol	Românica	Europa Ocidental	Picallo (2002)
04	Galês	Céltica	Reino Unido	Bresnan (1997)
05	Guarani	Tupi-Guarani	Bolívia	Bertinetto (2020)
06	Grego	Ática	Grécia	Kornfilt & Whitman (2011) Alexiadou (2001) Roussou (1991)
07	Gwari	Kwa	Nigéria	Comrie & Thompson (1985)
08	Holandês	Germânica	Europa Ocidental	Panagiotidis & Grohmann (2005)
09	Hebraico	Semítica	Israel	Alexiadou (2001)
10	Hixkaryána	Caribe	Brasil	Pullum (2010)
11	Húngaro	Urálica	Europa Oriental	Szabolcsi (1981, 1989, 1994)
12	Inglês	Germânica	América do Norte Europa Ocidental	Chomsky (1970) Comrie & Thompson (1985) Abney (1987) Grimshaw (1990) Passmore (2003) Pires (2006) Resende (2016)
13	Italiano	Românica	Europa Oriental	Zucchi (1993)
14	Kamaiurá	Tupi-Guarani	Brasil	Seki (2000)
15	Khalkha	Mongol	Mongólia	Mithun (2010)

16	Mebengokre	Jê	Brasil	Salanova (2007)
17	Mohawk	Iroquesa	América do Norte	Mithun (2010)
18	Mojave	Yuman	Estados Unidos	Comrie & Thompson (1985)
19	Pirahã	Mura	Brasil	Everett (2005) Nevins, Pesetsky & Rodrigues (2010)
20	Polonês	Eslava	Polônia	Kornfilt & Whitman (2011)
21	Português	Românica	Brasil	Cunha & Cintra (1985) Resende (2016)
22	Quéchua	Inca	Imbabura/Equador	Cole (1982)
23	Si-luyana	Bantu	Zâmbia	Comrie & Thompson (1985)
24	Sundanese	Malaia	Indonésia	Comrie & Thompson (1985)
25	Tagalo	Austronésia	Filipinas	Comrie & Thompson (1985)
26	Tenetehára	Tupi-Guarani	Brasil	Bertinetto (2020)
27	Tupi-Antigo	Tupi	América do Sul	Carvalho (2020)
28	Turco	Turcomana	Turquia	Szabolcsi (1987) Abney (1987) Borsley & Kornfilt (2000) Alexiadou (2001)
29	Yupik	Eskimo-aleut	Alasca	Mithun (2010)

Tabela 2: Banco de línguas